



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

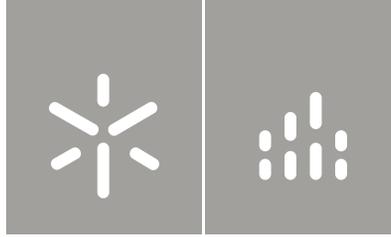
Rui Tomé Vilaça Capa Dias

O circo em cada lugar. Um lugar para o Circo.

Rui Tomé Vilaça Capa Dias O circo em cada lugar. Um lugar para o Circo.

UMinho | 2013

outubro de 2013



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Rui Tomé Vilaça Capa Dias

O circo em cada lugar. Um lugar para o Circo.

Tese de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Manuel Couto Ramos Capela

DECLARAÇÃO

Nome: Rui Tomé Vilaça Capa Dias

Correio electrónico: tomekapa@hotmail.com

Tlm.: 912379125

Número do Bilhete de Identidade: 13616916

Título da dissertação:

O circo em cada lugar. Um lugar para o Circo.

Ano de conclusão: 2013

Orientador:

Professor Doutor José Manuel Couto Ramos Capela

Designação do Mestrado:

Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitectura

Área de Especialização: Cultura Arquitectónica

Escola: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Guimarães, ___/___/_____

Assinatura: _____

Sinopse

A dissertação tem como tema a implantação dos circos, e visa, não só uma análise das práticas correntes, como uma especulação na qual se imagina uma relação ideal entre o circo e os lugares.

O trabalho divide-se em três capítulos principais:

-O primeiro (*O Circo*) é a introdução geral do tema do trabalho que contextualiza o leitor no “universo” circense, no que diz respeito à sua prática e à sua história;

-O segundo capítulo (*Instalação do circo*) trata especificamente das questões inerentes à *implantação* do circo no terreno. Divide-se em duas partes: um *Manual de instruções para instalação de um circo* e um conjunto de *Exemplos*. No *Manual* identificam-se os factores a ter em conta para a instalação de um circo, bem como os procedimentos a levar a cabo para a sua efectiva implantação. Os *Exemplos* (relativos a algumas localidades do litoral norte de Portugal) permitem analisar o modo particular como cada um desses circos se apropria de cada lugar;

-No terceiro (*Cidade Fantasia*), partindo do estudo do capítulo anterior, especula-se sobre modelos e situações ideais para um circo imaginado. Este capítulo é constituído por três partes: *Furadouro*, *Lugar ideal* e *Espectáculo do lugar*.

-A primeira é de natureza laboratorial. Experimentou-se pôr em prática o *Manual de instruções* numa localidade, antes que um circo nele se instalasse, de modo a confrontar esta aplicação a uma posterior efectiva instalação.

-A seguir, foi realizado um projecto fictício de um lugar perfeito para a implantação de um circo. Foram reunidos num só lugar, e de modo ideal, todos os componentes dos quais o circo se pode apropriar.

-O último é também um projecto fictício. Propõem-se novos modos de apropriação das potencialidades dos lugares.

Abstract

The subject of this essay focuses, essentially, on the circus implantation and aims to analyze not only the current practice, but also to speculate and imagine an ideal relationship between the circus and the places.

The essay is divided into three main chapters:

-The first chapter (*The Circus*) is a general introduction to the subject of the essay itself that contextualizes the reader into the circus “world” as far as its practice and history is concerned;

-The second chapter (*The circus installation*) is particularly about issues associated with the circus implantation in the ground. It is divided in two essential parts: *Manual de instruções para instalação de um circo - Exemplos – A guidebook to install a circus* and a set of *Examples*. In the *Guidebook* are identified the factors to consider to the circus installation, as well as the procedure steps for the implantation itself. The *Examples* (regarding to the Portuguese northern coast towns and villages) allow a detailed study to the particular way on how each circus appropriates to the landscape.

-The third one (*Fantasy City*), based on the previous chapter study, conjectures mostly about models and ideal situations for an imaginary circus. This chapter is compound by three parts: *Furadouro, Lugar ideal and Espectáculo do lugar – Furadouro, An Ideal Place* and *The Place Show*:

-The first has a laboratorial nature and there was a trial to set into practice *the guidebook (Manual de instruções)* in a place before the circus installation so that, it could be possible to compare this proposal to a real implantation.

-Afterward, a fictional project of a perfect place to implant a circus was made. All the components of which the circus usually appropriates were gathered into only one place and idealized in a way that it would be possible to provide a perfect implantation.

-The last, despite being similar to the second one, is also a fictional project that has the purpose to suggest new procedures of appropriateness facing the places potential.

Índice

Introdução	3
Tema	5
Objectivos	6
Metodologia	7
O Circo	11
A magia do circo	12
Breve história do circo	16
Em Portugal	19
Entrevista ao Sr. Carlitos Jr. – dono do Circolândia	21
Instalação do circo	27
Enquadramento geral	29
Manual de instruções para instalação de um circo	33
Factores urbanos e paisagísticos a considerar para a selecção do lugar de implantação do circo	
Apropriação do lugar em função dos diversos factores urbanos e paisagísticos referidos	36
Exemplos	63
Prado	65
Braga	69
Guimarães	73
Porto	79
Viana do Castelo	83
Póvoa de Varzim	87
Ponte de Lima	91
Barcelos	95
Vila Verde	99
Síntese das características de cada lugar	103
Cidade Fantasia	105
Furadouro	109
Lugar ideal	114
Espectáculo do lugar	118
Três propostas para uma melhor e mais saudável interacção entre o circo e o lugar	120
Aspecto e exposição ao público	120
Barreiras entre o espaço público e o privado	121
O espectáculo no lugar	123
Espectáculo do lugar: O projecto	126
Nota final	128
Bibliografia	132
Referenciada	133
Consultada	134
Anexos	136



Fig.1 Montagem do *chapiteau* (Circo Mundial)

“Quando eu era criança, a primeira vez que vi o circo chegar, foi como uma aparição na noite. Como um balão gigante que tinha aterrado sem avisar - estava em frente a minha casa de manhã, como se tivesse aparecido do nada...”

Federico Fellini ¹

¹ FELLINI, Federico, *A director's notebook*, 1969

“When I was a child, the first time I saw the circus arrive, it was like an apparition in the night. Like a giant balloon that had landed without warning - there it was in front of my house in the morning, as if it had appeared from nowhere...”

Introdução

“A trabalhar bem, não há nenhum argumento que seja realmente estúpido: a trabalhar bem trazem-se conclusões úteis também de um argumento aparentemente remoto ou periférico (...) a experiência de pesquisa imposta por uma tese serve sempre para a nossa vida futura”

Umberto Eco ²

² ECO, Umberto, *Como se faz uma tese*, Lisboa: Editorial Presença, 8ª edição, 2001, p. 17

“A lavorare bene, non c'è nessun argomento che sia veramente stupido: a lavorare bene si traggono conclusioni utili anche da un argomento apparentemente remoto o periférico (...) l'esperienza di ricerca imposta da una tesi serve sempre per la nostra vita futura”

O circo tem algo de muito particular em relação a outras artes performativas. Isso sempre me atraiu: o facto de uma estrutura autónoma (enquanto equipamento e enquanto colectivo) apresentar um espectáculo artístico, sendo paralelamente casa e vida daqueles que a fazem funcionar e uma organização nómada que leva cultura aos pequenos polos urbanos espalhados pelo país.

Tema

Questiono-me por que razão este espectáculo vivo, que se move e que caminha, está a perder tanta audiência e reconhecimento e a cair em desuso. Por esta interrogação e pelo fascínio pessoal ligado à relação entre performance, fantasia, arquitectura e itinerância, decidi fazer uma pesquisa sobre os circos em Portugal.

O trabalho incide, acima de tudo, sobre componentes arquitectónicos, mas aproxima-se por vezes de âmbitos sociais pois, neste caso, existe uma relação muito próxima entre os dois. São vários os temas arquitectónicos analisáveis na vida de um circo, desde a paisagem que eles condicionam e da sua relação com a cidade, até às questões integrantes da arquitectura nómada, passando pela posição relativa dos vários equipamentos que constituem o circo.

É necessário compreender a escolha dos locais para implantação do circo, a apropriação efectuada no local, como é originada, como se desenvolve, que consequências acarreta, que marcas são deixadas, quais são as transformações na paisagem, que vivências ocorrem naquele espaço protagonizadas por actores, técnicos e animais, de que recursos beneficiam no lugar e qual é a relação com o público, durante e fora das horas de espectáculo.

Basicamente é preciso entender de que forma cada companhia se adapta às circunstâncias com que se vai deparando e decifrar as diferenças entre cada lugar e cada grupo circense; comparar os métodos de instalação, os requisitos paisagísticos, o quotidiano de trabalho e lazer, a dedicação à estruturação do acampamento, os meios publicitários, e tudo isto tendo sempre em conta as dimensões e capacidade económica do grupo.

Objectivos

Dada a escassa informação existente sobre o circo em Portugal, gostaria que este trabalho pudesse constituir um pequeno contribuinte para a bibliografia sobre o tema. Gostaria ainda que ele pudesse, através das conclusões obtidas, servir realmente de incentivo à reflexão sobre as condições em que o circo vive.

Pretende-se que ele identifique os problemas infra-estruturais que permanecem em Portugal em relação a esta área artística e aos meios cada vez mais improvisados aos quais as companhias têm de sujeitar-se, sem qualquer auxílio, designadamente, por parte das autarquias.

Em última análise, gostaria que este trabalho pudesse contribuir para o melhoramento das condições vividas no meio circense e para o seu desenvolvimento.

Pretende contribuir-se para o aperfeiçoamento da implantação do circo através de um maior cuidado com a sua apresentação e exposição ao público, um maior cuidado na imagem e na organização do acampamento, o incremento de interacção com o lugar e seus atributos disponíveis, e a criação de novas dinâmicas no circo.

São esses princípios que poderão contribuir para a valorização da imagem do circo em Portugal. Para mim, tal procedimento, relativo à organização do equipamento circense no espaço, harmonia na sua forma de imposição no terreno e apropriação criativa às características do lugar, é fundamental para a obtenção de uma imagem atraente para o público. Tudo isto poderia dinamizar o circo na relação com o público e conceder-lhe mais importância e respeito e conseqüente rendimento financeiro, o que levaria ao melhoramento das condições internas e ao melhoramento artístico.

O trabalho tenta demonstrar como tais acções podem ser realizadas através de três etapas: o *Manual de instruções para a instalação de um circo*, que procura explicar todos os passos para uma implantação eficaz; a demonstração de *Exemplos*, que apresentam casos reais de formas de instalação, as suas falhas e as suas qualidades; e o projecto da *Cidade Fantasia*, que pretende apresentar alternativas às condições actuais dos circos em Portugal e sugestões de modelos de instalação que se julgam vantajosos.

A última etapa – o projecto da *Cidade Fantasia* – tem como objectivo, especular sobre o que poderia ser feito para melhorar e ampliar a relação entre os circos e os lugares.

Metodologia

Para estes objectivos serem bem-sucedidos, tentei que o processo de trabalho fosse rigoroso. Para obter informações tão completas quanto possível acerca das vivências e formas de adaptação a um lugar, foi necessário um trabalho de campo bastante detalhado.

A metodologia passou inicialmente por juntar toda a bibliografia existente sobre o circo, essencialmente em Portugal, e contextualizar-me no tema.

Mas como já foi dito, a quantidade de informação sobre o circo em Portugal é muito escassa. Encontrei informação sobre vários campos das artes circenses em diferentes tipos de fontes bibliográficas, não tendo muitas delas o circo como tema principal de abordagem. Assim, apenas pude obter reduzidos excertos com alguma informação importante, perdidos no meio de um ou outro “mar” de informação não relacionada, a somar a outros escassos documentos com um pouco mais de conteúdo útil à pesquisa. A fusão de todo esse repartido conhecimento bibliográfico e o conhecimento mais prático alcançado através da experiência vivida no local de implantação do circo, partilhada com a companhia, permitiu constituir uma base para chegar a algumas conclusões.

O grande problema para estabelecer uma relação entre o conteúdo bibliográfico e os estudos experimentais é o tempo, no seu sentido lato, que os divide em épocas totalmente distintas. Enquanto a análise realizada no terreno foi feita ainda este ano por mim mesmo, resultando em conclusões contemporâneas sobre as actuais tecnologias e formas de apropriação, a maioria da documentação achada acerca do circo em Portugal incide essencialmente sobre o século XVIII.

Apesar desse distanciamento e falta de informação bibliográfica, lidei com dados muito objectivos porque optei por valorizar sobretudo o trabalho de campo de observação directa aos próprios circos.

Após a obtenção de um conhecimento geral sobre o assunto foi necessário conhecer os vários locais de instalação dos circos; seleccionar aqueles apropriados a criar um grupo de lugares de características distintas e tomar conhecimento da chegada de qualquer companhia ao local para poder acompanhá-la diariamente, se possível no seu meio mais privado, e registar todos os detalhes da sua forma de habitar.

Metodologicamente, o estudo de campo baseia-se na observação de um certo número de companhias de circo – o suficiente para poder identificar, nos vários exemplos, um conjunto de temas que lhes é transversal. Analisei os locais onde se costumam instalar para perceber de que maneira é que um lugar é apropriado por circos diferentes e de que maneira é que uma só companhia poderá apropriar-se de diferentes lugares.

Os diferentes circos influenciam a paisagem de maneira diferente e isso foi observado e registado, podendo posteriormente distinguir, por um lado, os lugares e, por outro, a maneira como eles são utilizados.

Por uma questão de exequibilidade, reduzi a área de estudo apenas ao “Norte Litoral” do país, pois naturalmente, foi necessária a deslocação até aos diferentes espaços onde as companhias se instalam.

Foram seleccionadas 9 localidades (figura 2).

Faço então uma análise detalhada dos métodos de apropriação dos circos a esses diferentes lugares. Focalizo a atenção na adaptação de cada companhia às características urbanas e paisagísticas das diferentes localidades e percepciono os ciclos de vida/trabalho de cada grupo. Identifico as diferentes etapas de instalação num lugar e os requisitos para uma implantação eficaz.

Catalogo as tendências gerais para compreender o processo cíclico de vida/trabalho e, então, faço comparações para obter conclusões.

O trabalho tomou como ferramentas de processo, a observação, constatação, registo; fotografia, desenho, plantas, cortes, entre outras, fazendo, para isso, deslocações aos diferentes lugares exemplificativos, e certas vezes, criando relações pessoais com os circenses, podendo assim, conversar, entrevistar, conhecer histórias e processos, e acima de tudo, deter um panorama do ambiente quotidiano do circo.

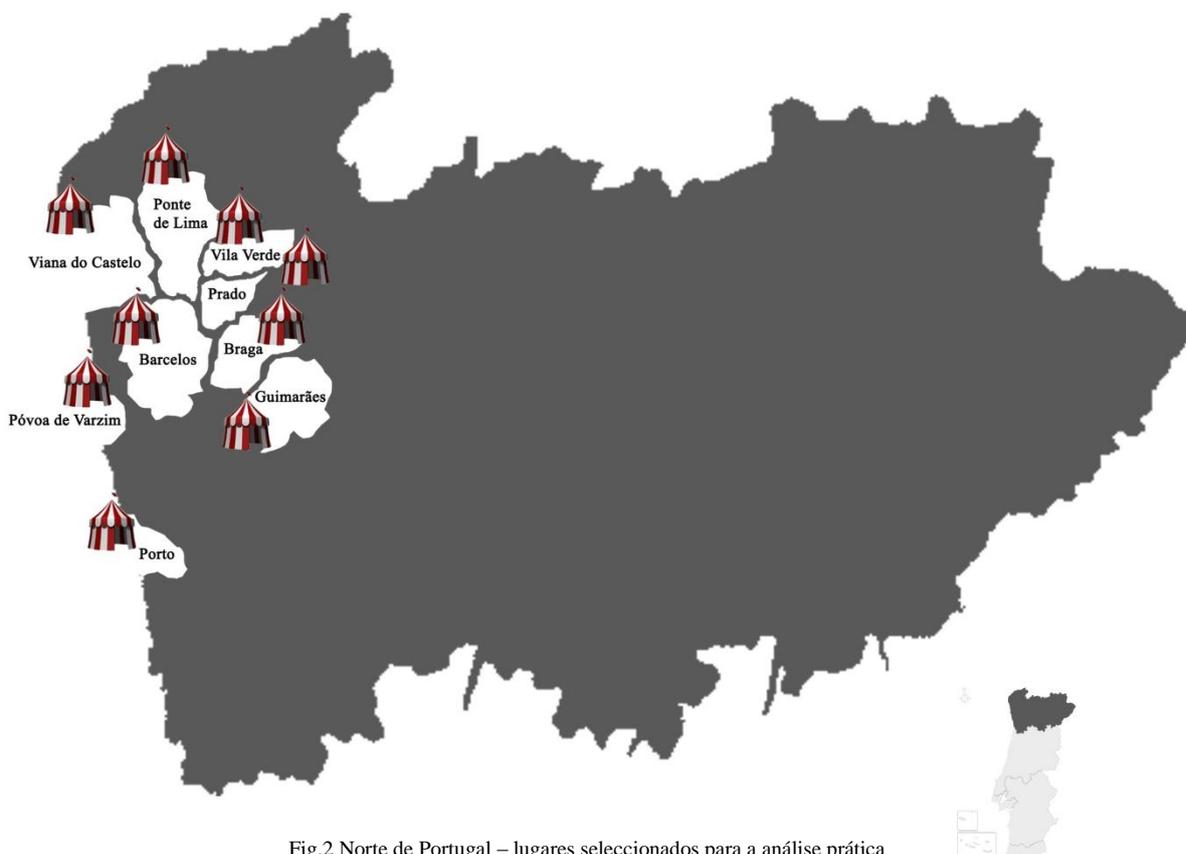


Fig.2 Norte de Portugal – lugares seleccionados para a análise prática

Por último, proponho o projecto da *Cidade Fantasia*, que, como já foi dito, pretende aplicar conclusões retiradas do estudo anterior, através de modelos de instalação nos lugares. Acredito que poderiam melhorar as condições desfavoráveis em que os circos vivem neste momento, modificar a sua presença perante o público, alterar um pouco o seu conceito artístico, incentivar à utilização de recursos da paisagem e introduzi-los no espectáculo.

O projecto tenciona funcionar precisamente como especulação, no sentido de solucionar os obstáculos que se apresentam aos circos nos dias de hoje.

O Circo

“Toda a gente sabe o que é o circo. Toda a gente sabe que é uma sucessão de actos combinando os quatro elementos tradicionais, de habilidades humanas, cavalos, palhaços e animais exóticos que tem lugar na grande tenda com uma arena de pavimento em serrim e música estridente.”

Reg Bolton ³

³ BOLTON, Reg, *New Circus: A world survey*, Londres, 1987, p. 6
“Everyone knows what circus is. Everyone knows that it is a succession of acts mixing the four traditional elements of, human skills, horses, clowns and exotic animals that it takes place in the Big Top with a sawdust ring and loud music.”

A magia do circo

O circo vai muito mais além do que tais factos descritos por *Reg Bolton*. O circo tradicional é um grupo nómada composto por artistas, funcionários e animais que se serve de uma grande tenda colorida – o *chapiteau* – para apresentar o espectáculo. Utiliza grandes camiões, rulotes e maquinaria pesada para o transporte de material e pessoas, e tais veículos são, ao mesmo tempo, a sua própria casa. Torna-se um mecanismo itinerante com o intuito de levar cultura, arte e entretenimento aos mais diversos locais e tal fenómeno só resulta porque realmente não há distinção entre espectáculo e vida, para aqueles que o fazem funcionar. O espectáculo é precisamente o quotidiano de cada pessoa. Todos os actos e rotinas circenses fazem parte de um ciclo que é o próprio espectáculo. A magia circense está presente no estilo de vida daqueles que fazem parte da companhia.

No circo, o espectáculo é contínuo, desde a viagem, à implantação no terreno, à construção e organização do acampamento, à apresentação dos números artísticos, à exposição dos animais, até ao dia-a-dia de cada elemento circense.

A magia reside na aparição momentânea, no carácter instantâneo da sua estabilidade no lugar, nas luzes, nas cores, na música e no facto de toda aquela imagem que funciona como estrutura itinerante, ser toda ela o próprio espaço cénico. Cenografia esta que pretende transmitir sensações de fantasia e alegoria.

Um elemento essencial para se preservar tal atmosfera é a sintonia entre o espaço cénico (todos os elementos materiais e maquinaria) e o espectáculo em si (toda a rotina e quotidiano das pessoas que vivem no circo, para além, é claro, da apresentação dos números artísticos ao público), ainda conservando o carácter itinerante de espectáculo momentâneo.

*“O mundo do circo é um microcosmo do universo, com a diferença de que o grande universo é de uma realidade tão grandiosa que só podemos dimensioná-la por meio da imaginação e o mundo do circo, no limite circular do picadeiro, é uma ilusão tão pequena e passageira que só podemos percebê-la por meio da emoção.”*⁴

A emoção que é transmitida pelo circo pode ser alcançada através do espectáculo que é exibido, no seu verdadeiro e mais intrínseco significado. Este espectáculo é criado por uma sucessão de demonstrações artísticas de várias áreas, que pretendem passar ao público uma forte sensação de fantasia, de mito, de conto, de desejos utópicos, que o emocionam pela ficção, surpresa e habilidade física apresentada.

Na verdade, o espectador sabe perfeitamente, desde o momento em que decide assistir ao espectáculo, que tudo aquilo, desde a encenação à implantação e afirmação da tenda no terreno, não passa de uma mentira, uma falsidade fantasiosa, mas que o atrai precisamente por isso. Porque ali, naquele lugar, o espectador entra num “sonho”, nem que por breves instantes, desde o momento que entra no túnel, percorre o corredor de entrada e se senta na arquibancada ou cadeirões e assiste ao “maior espectáculo do mundo”. No final do espectáculo, passa novamente o portal para a “vida real”.

*“O público, durante o tempo que dura a representação, retira da frente dos olhos o filtro crítico do descrédito para recolocá-lo no preciso instante em que, ao descer o pano, ele se prepara para fazer o instantâneo caminho de volta à realidade. A este breve período de tempo congelado na consciência os gregos davam o nome de catarse.”*⁵

Aqueles que procuram o circo, procuram um certo deslocamento da vida real, nem que por breves instantes. Procuram adrenalina e emoções fortes que os façam sentir algo distinto - sensações extraordinárias para um entretenimento pessoal. Tentam encontrar no circo, a *catarse*, que por vezes é ambicionada a prolongar-se mais tempo do que lhes é facultada, mas que termina logo quando menos se pretende. Mas é precisamente essa a essência do circo, em tudo aquilo que o qualifica, ser um evento itinerante, momentâneo, que está e de repente já não está, transferindo emoções, cultura, arte e entretenimento por todas as sociedades por onde passa.

⁴ ANDRADE, José Carlos do Santos, *O espaço cénico circense* - Dissertação de mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p. 87

⁵ *Ibidem*, p. 93

Esses actos mágicos são envolvidos por uma atmosfera apropriada que é criada pela arquitectura do lugar. A arquitectura do espaço cénico é portanto importante para a percepção imaginativa do público.

No circo, a cenografia é o próprio espaço cénico que por sua vez se assinala como todo o espaço ocupado pela companhia para além do interior do *chapiteau*. O espaço cenográfico chega mesmo a trespassar os limites do acampamento circense e a impor-se no lugar como uma atmosfera de longo alcance. Ou seja, o seu modo imperativo de se colocar no espaço acaba por despertar certas sensações nos transeuntes.

*“A cenografia, em qualquer um dos seus ambientes, deve produzir uma sucessão de imagens que estão integradas à narrativa da história, tornando-se parte viva e actuante da mesma. É uma das maneiras de preparar a plateia para que receba com mais familiaridade o conteúdo do que lhe vai ser contado”*⁶

A história que é suposto ser contada a partir das apresentações artísticas deve ser introduzida logo no momento do vislumbre da totalidade da imagem circense.

Pretende com isto dizer-se que a verdade do espaço cénico talvez não esteja na sua integridade estrutural, mas sim na sua mensagem. Tem como função “parecer”, visto que pretende transmitir a aparência de algo.

A edificação deste espaço aliada à magia transmitida pelos “actores” despertará a criatividade do público, inserindo-o num mundo de fantasia. Para isso acontecer, ambas as partes – espaço e espectáculo - terão de ser concebidas muito eficazmente e em completa sintonia. A arquitectura tem de se relacionar com o conteúdo dos números artísticos e vice-versa. Só a harmonização dos dois lados poderá trazer peraltismo à concepção e conceito de um circo.

A mudança da arquitectura pode, por exemplo, condicionar o conceito artístico do espectáculo e dos números apresentados que, por sua vez, resultam em diferentes percepções da fantasia circense. A mesma coisa pode acontecer com a alteração das apresentações artísticas sem respectiva reformulação arquitectónica do espaço cénico.

Em Portugal, essa sintonia tem sido difícil de obter e conservar.

A imagem do circo, constituída, em parte, pela arquitectura, tende, hoje em dia, a mudar cada vez mais. São vários os motivos que provocam esta transformação. Hoje, com a recente crise económica, o uso dos animais é menor, o transporte mais reduzido, a aparência mais personalizada, e as soluções mais improvisadas. Esses factores fazem parte da constituição geral do espaço cénico, logo influenciam a sua arquitectura.

O circo português é um circo pobre e isso contribui para o desligamento entre espaço e espectáculo e para um emaranhado conceptual.

⁶ Ibidem, p. 88

Mas não é apenas pela recente crise económica que tal acontece mas por aquela que diz respeito à preservação das tradições e culturas circenses. A partir de um certo ponto na história, o circo começou a perder audiência e por sua vez, reputação. Isso deve-se a uma série de factores que se falará mais adiante mas, por outro lado, também se deve ao descuido por parte do estado que nunca se mostrou disponível para qualquer tipo de auxílio.

Contudo, mesmo com poucos apoios por parte do estado, o circo tem sobrevivido, e são precisamente esses factores, de improviso à pobreza, que podem resultar em desenvolvimentos artísticos alternativos que poderão trazer então uma visão diferente do próprio conceito do circo.

É na resolução de tais problemas que, por vezes, surgem novidades e boas ideias que vão por si só gerar mudanças que poderão ser bem recebidas pelo público, imediatamente após a sua criação ou posteriormente. Apenas terão de ser bem pensadas de forma a conseguir atrair mais público. Se a resolução de um problema não for pensada cautelosamente pode também resultar num “produto” sem qualidade e sem audiência.

Essa evolução natural, como meio de solução de problemas, pode transformar o conceito tradicional e habitual de circo em Portugal, desde a configuração de espectáculo ao formato volumétrico.

Essa mudança pode ser positiva ou negativa, como foi dito, mas o que é importante reforçar é que, tomando consciência dos problemas e respectiva evolução natural, mesmo enfrentando situações penosas, será sempre necessário, a todo o custo, coligar o trabalho performativo criado pelos artistas ao espaço cénico geral do circo. Tem realmente que existir uma relação forte entre as duas partes para se conseguir adquirir uma imagem pública com valor, seja ela uma novidade ou não. Só assim se conseguirá facultar um ambiente de magia e fantasia, que será sempre o propósito mais ambicionado, com qualquer mudança que suceda. Ou seja, mesmo se se observar um desenvolvimento no conceito de circo como mecanismo nómada de espectáculo, quer a nível performativo quer a nível arquitectónico (imaginemos por exemplo um circo sem *chapiteau* e de números musicais em vez de acrobacias e malabarismos) o princípio mais importante a manter, será sempre a permanência de um ambiente de utopia que consiga atrair as mentes mais diversas.

Breve história do circo

“O espectáculo circense cumpria, para os românticos, alguns dos principais tópicos de sua luta: abolição da rigidez normativa dos géneros; exaltação do nacionalismo; valorização do espectáculo dos saltimbancos; afirmação de uma imagem de homem que se sobrepõe e vence os limites do possível; adopção do corpo como elemento fundamental de um espectáculo.”

Mário Fernando Bolognesi ⁷

A cultura e apreciação do circo nunca foram, em Portugal, devidamente valorizadas, o que se confirma pela escassez de dados bibliográficos encontrados, a falta de estudos sobre o assunto e a carência observada nas companhias nacionais.

No entanto, chegaram a ser valorizadas noutros tempos, noutros países, na época do seu surgimento moderno e posterior desenvolvimento, por sinal, bastante evolutivo.

Nessa altura, o circo servia de instrumento político estando muito aliado a ideias bélicas, pois foi criado em Inglaterra por *Philip Astley*, um militar inglês que expunha, em actos militares triunfantes e habilidades artísticas equestres, os feitos políticos realizados na época. Em França, foi usado especialmente por Napoleão que retratava as suas conquistas.

Foi um autêntico triunfo no século XVIII, pois trouxe uma novidade artística jamais realizada, as habilidades e relação entre o homem e o cavalo. Foi um sucesso colossal em toda a Europa mas teve maior adesão em França e Inglaterra.

⁷ BOLOGNESI, Mário Fernando, *O circo civilizado*, in International Congress of the Brazilian Studies Association, 6, Atlanta (EUA), São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2002, p. 4

Rapidamente esta tipologia se desenvolveu e deu abertura ao trabalho com outros animais e novos números de espectáculo.

A partir daí, o circo exponenciou a sua fama e cultura abrangendo vários países do mundo e classes sociais. Esteve sempre em crescimento tecnológico e foi sempre muito bem conceituado, sensivelmente até à primeira guerra mundial onde entrou em declínio, até ao aumento do uso da televisão nos anos 50 que levou ao fim de muitas companhias.

Até lá, essa evolução passou por diferentes tipos de linguagens circenses, desde espaciais ou formais até ao próprio conceito artístico. São fundamentais os seguintes conceitos:

1.Circo de Variedades – É o circo mais tradicional como todos o conhecem. O centro de acção faz-se no picadeiro/arena que ocupa grande parte do espaço interior, onde decorrem apresentações de habilidades físicas, acrobacias e de animais.

2.Circo de Pantomimas – No circo de pantomimas, estilo *elizabetano*, o picadeiro reduz-se um pouco em relação ao circo de variedades para dar lugar a mais bancadas para os espectadores. Nesta tipologia, não se pratica a apresentação de números que envolvam animais. A pantomima é a arte teatral de expressão corporal, sendo utilizado o mínimo de vocabulário.

3.Circo Teatro – O picadeiro é muito pequeno ou deixa mesmo de existir passando a ser incorporado um palco estilo italiano no conjunto do espaço cenográfico dedicado a apresentações de espectáculos teatrais.

4.Circo Pavilhão – Nesta tipologia, o palco atinge grandes dimensões chegando mesmo a sair fora do *chapiteau*. O circo pavilhão era utilizado exclusivamente para apresentações teatrais.

Muito posteriormente ao circo moderno, na altura em que se manifestava uma expressão cultural mais alternativa (anos 60-70, séc. XX), o circo fundiu duas necessidades: a necessidade de mostrar algo de novo e a necessidade económica, pois a Europa atravessara anteriormente um período de guerras que separava drasticamente as classes sociais, que o circo passou a aproximar através da transformação do espaço cénico e método de apresentação. Os circos passaram a ser grupos de nómadas artistas que expunham os seus talentos às diferentes classes sociais, no interior de tendas amovíveis. Tal inovação levou a um crescimento económico por parte das companhias pois os anfiteatros especialmente construídos para este fim no tempo de *Astley* converteram-se em estruturas que então podiam ser montadas em qualquer lugar. Assim o espectáculo podia ser apresentado a qualquer público em qualquer sítio, ou seja, democratizou-se, deixando de se dirigir apenas às classes sociais mais elevadas.

Nos anos posteriores (anos 80) o circo evoluiu, a todos os níveis, sendo criados outros tipos, com diferentes ambições e mesmo características formais, sendo designado por “novo circo”, ou “circo contemporâneo”. Nesta tipologia, observa-se uma aproximação das características tradicionais circenses a tendências teatrais. Verificam-se modificações ao nível cenográfico e na própria concepção do espectáculo. Mas aquilo que mais se destaca e caracteriza este tipo de circo, é a maior dedicação ao aspecto “dramático” e “expressivo” do espectáculo e a abolição do factor “épico” que caracteriza o circo tradicional tal como a proximidade que existia com o público.

Múltiplos motivos na história universal conduziram a transformações no seio cultural circense. O crescimento das cidades e o uso do automóvel acresceu à dificuldade que as companhias circenses tinham em integrar-se no núcleo urbano, construtivo e social.

Por toda a Europa, devido a todos estes factores, os circos foram-se transformando ou mesmo deixando de existir. Mas, nos países onde a tradição vencia a evolução, quer pela mentalidade política (apoio social e financeiro por parte do estado), quer por razões de enraizamento cultural, os circos conseguiram manter-se activos e sobreviver a tal mudança.

Em Portugal

O circo foi colocado numa posição de desinteresse por parte do estado e público em geral. Também sofreu pelos efeitos do crescimento das cidades e respectivas consequências, tal como pelo aparecimento da televisão e relativas actividades. Portugal pertenceu a um dos países cuja tradição foi vencida pela modernização e portanto, desde aí que tem vindo a empobrecer a nível económico e artístico. É verdade que o circo teve o seu momento de glória na época do seu surgimento moderno, tal como aconteceu noutros países, pois aí o evento era uma novidade no meio artístico e social e portanto um captador de públicos. Depois, também devido com certeza à sua evolução muito diminuta, o interesse foi-se perdendo, até aos dias de hoje em que é quase nulo.

O desenvolvimento circense em Portugal foi deveras desequilibrado. Finaliza-se em penúria e reduzido cariz, mas partiu de uma devoção célebre por parte de todos, com entusiasmo público, dedicação jornalística e publicitária e com a construção de edifícios apropriados para tal evento.

Segundo Sousa Bastos, é inaugurado em 1782 o primeiro circo, instalado no teatro do Salitre, em Lisboa. Eduardo Noronha refere a tipologia das construções circenses utilizadas na época:

*“(…)o circo em Portugal surgiu com maior entusiasmo no século XVIII começando por desenrolar as suas representações em edifícios construídos para esse efeito, alguns deles solidamente edificadas, ou também levantados sob grandes toldos. (...)”*⁸



Fig.3 Rua do Salitre
(Manuel Tavares)



Fig.4 Rua do Salitre
(Armando Madureira)



Fig.5 Rua do Salitre
(Armando Madureira)

⁸ REIS, Luciano, *História do circo*, Santarém: Teatrinho de Santarém, 1ª edição, 2001, p. 64

Existem registos de um grande número de espectáculos de pantomimas no século XVIII, apresentados em construções fixas que tinham o palco como elemento central que, opostamente ao seguimento mundial comum, se foi convertendo rapidamente no circo de variedades dando lugar ao picadeiro como centro principal de ocorrência do espectáculo. Ainda no mesmo século se assistiu a espectáculos de variedades mas a teatralização era ainda muito frequente.

“(…)à retaguarda [das barracas de petiscos] prolongavam-se as dos espectáculos, com os seus fenómenos, os seus monstros, figuras de cera, a imprescindível “cabeça falante”, a mulher gigante, a eléctrica e ainda o mais indispensável teatro dos irmãos Dallot que se apresentaram pela primeira vez ao público lisboeta na antiga pista do Salitre, simultaneamente pista de touros e circo equestre.”⁹

Hoje em dia, dá-se maior valor ao circo de variedades pois é aquele que ainda atrai o espectador português. Esta continuidade poderá dever-se à falta de contacto com a evolução circense estrangeira.

O circo de variedades é um espectáculo que apresenta um diverso leque de números artísticos de características muito populares. Os números desfazem-se da ligação intelectual expondo acrobacias, proezas mais físicas e demonstração de animais que não necessitam de um acompanhamento intelectual por parte do público. O espectador procura apenas uma forma de se distrair da realidade e conceber uma fantasia.

Nota-se ainda assim, nos dias de hoje, um abandono repentino do uso de animais nos números artísticos, essencialmente nas companhias mais pobres, devido à crise económica que se está a viver.

O circo português poderá estar a passar neste momento por aquilo que outros circos estrangeiros passaram há já muito tempo, podendo-se evoluir para um espectáculo mais dedicado ao homem, à arte teatral, passando ao circo teatro ou pavilhão ou até um outro novo conceito circense caracterizado por novas ambições e conseqüente variedade de espaço e forma.

⁹ NORONHA, Eduardo, *Diário de Notícias*, Lisboa, 21 de Outubro de 1910

Entrevista ao Sr. Carlitos Jr. – dono do Circolândia

Quanto tempo costumam estar em cada cidade? E em que dias apresentam o espectáculo?

Isso depende. No inverno é uma coisa, no verão é outra.

Durante o inverno o processo é bastante rotineiro. Apresenta-se o espectáculo ao fim-de-semana – sexta, sábado e domingo – e o resto da semana é dedicada à viagem e translação. Na segunda e terça viaja-se, quarta e quinta são para a organização do acampamento, instalação dos animais e montagem do *chapiteau* (de toda a sua organização interior, desde a montagem das bancadas às luzes e organização dos adereços do espectáculo).

No verão é diferente. Basicamente acaba-se por estar mais tempo em cada local. Dirige-se de preferência para a costa onde está mais gente e fica-se 15 dias ou 3 semanas, algo que pode ser facilmente alterado. Tudo depende do número de pessoas que vão ver o espectáculo e do sucesso que vai tendo.

O verão é mais rentável pelo maior número de pessoas que assistem ao espectáculo e pela menor despesa em viagens.

É melhor para a companhia também porque se acomoda mais ao lugar e os artistas e empregados disfrutam um pouco mais do seu dia-a-dia fora das horas de trabalho.

Há sempre trabalho a ser feito por todos, mesmo fora do espectáculo, como remendar e reparar material ou criar cartazes para publicidade, mas ainda assim o trabalho é mais ligeiro.

Neste período fazem-se espectáculos todos os dias. À semana apenas à noite, ao fim-de-semana e feriados, de tarde e à noite novamente.

Quanto tempo demora a viagem? Vão então directamente de um lugar para outro?

Mais uma vez depende de uma série de coisas, mas geralmente demora dois dias.

A chuva, por exemplo, pode influenciar o tempo de mudanças quer pela necessidade de fazer tudo mais devagar quer pelas condições dos terrenos nos quais se instala o circo que se podem tornar lastimáveis em caso de lama.

Também o facto de serem poucas pessoas para tantos veículos faz com que se tenha de fazer obrigatoriamente a viagem pelo menos duas vezes.

Tudo vai depender ainda da distância entre os dois terrenos.

A verdade é que é necessário, pelo menos uma semana antes da viagem, deslocar-se alguém ao próximo local para averiguar se está tudo em ordem.

É preciso pedir autorização ao município e por vezes pagar o aluguer do espaço, caso seja privado.

É preciso conhecer o lugar de implantação e saber se possui as mínimas condições para a instalação do circo: uma área mínima de 700/800 m² só para a colocação do *chapiteau*, um espaço limpo para a zona das rulotes e autocaravanas, um chão plano e duro, infra-estruturas de água e luz, etc.

Quanto tempo demoram a instalar-se? Quanto tempo demoram a preparar-se para partir?

Como foi dito, pode levar 2 ou 3 dias para se instalar.

É feito durante a semana. Desde o momento em que parte o primeiro camião, geralmente com os animais, começa a instalação no próximo lugar. Os estábulos são a primeira coisa a ser colocada no terreno em conjunto com a marcação do *chapiteau*. A partir daí, são colocados os camiões normalmente à volta dessa marca onde vai ficar a tenda de circo e depois os veículos privados. Este processo pode demorar dois dias. A montagem e preparação do *chapiteau* podem ser mais dois. No total podem-se gastar 4 dias para a instalação de um circo.

Para partir é a mesma coisa, apenas se gasta menos tempo na desmontagem do *chapiteau* que é mais rápida que a montagem.

Quando chegam a uma cidade sabem já onde se instalar? E se for a primeira vez que lá vão?

Se se conhecer já o lugar de implantação é preciso apenas pedir a licença de implantação e pagar o aluguer do espaço, caso se aplique. Se for a primeira vez, questiona-se primeiro o município sobre se existe já um local para tal função. A seguir é necessário conhecer o espaço para saber se satisfaz os tais requisitos indispensáveis para a instalação do circo. Se não servir, é preciso encontrar um outro lugar, mesmo que seja privado, ou então, desistir daquela cidade ou vila e procurar uma outra.

Qual então o procedimento para a escolha do lugar? Qual a ordem de colocação dos objectos (carros, camiões, rulotes, autocaravanas, tenda, ...) no espaço? Analisam primeiramente o terreno?

O lugar é escolhido pelas suas características, que são preocupações para uma maior exposição que faz publicidade ao espectáculo. É necessário que o circo se encontre numa zona central e de movimento público para ser avistado e para ser facilmente alcançado por aqueles que desejam assistir ao espectáculo. É necessário um parque de estacionamento porque hoje em dia já ninguém se desloca a pé. O público-alvo são as crianças que por ali passam e que convencem os pais a levá-las ao circo. O transporte até lá será sempre o carro, propriedade dos pais de família.

Um ponto muito importante são também as infra-estruturas.

É absolutamente necessário haver água e luz por perto. A companhia possui geradores e armazenamento de água mas que não é suficiente para a temporada de estadia.

Depois disto, são instalados os elementos de todo o grupo no seu espaço destinado.

Para cada lugar as preocupações vão ser diferentes, pois cada terreno é diferente e isso influencia a organização da companhia no terreno.

De forma geral, é bom que o circo fique bonito.

O lado de entrada do público é fundamental. Aí se colocam as bilheteiras e camiões pintados com motivos voltados para a rua, onde existem mais pessoas ou carros.

Convém, a partir deste passo, girar o *chapiteau* de forma que fique com a cúpula paralela à via principal, para que fique um enquadramento bonito e com os letreiros de frente, bem posicionados.

A colocação dos estábulos e jaulas é importante porque serve para atrair as pessoas. Convém que sejam voltados também para uma rua movimentada.

Os camiões de cargas são colocados à volta do *chapiteau* para ser mais fácil a sua montagem e desmontagem e mais simples o seu apoio. Os outros automóveis particulares tentam fechar um pouco a área de acampamento, colocados numa zona mais privada, sempre voltados para dentro. O espaço sobrance é espaço de convívio.

Qual o procedimento para a construção da tenda? Quanto tempo poderá demorar?

É feita uma marcação circular no sítio onde vai ser levantado o *chapiteau* no dia em que se escolhe o terreno e se começa a descarregar os primeiros utensílios e acessórios. Crava-se uma estaca no centro e estica-se uma corda presa a esta com 15 metros de comprimento. Na outra ponta amarra-se uma outra estaca. Rodando a corda, sempre esticada, vai ser desenhado um círculo com 30 metros de diâmetro que é o diâmetro do *chapiteau*.

Depois de ser desenhado o círculo onde pousa a grande tenda, são colocados os mastros principais da estrutura, neste caso, quatro, levantando-se automaticamente através de um motor na sua base. Em seguida, ergue-se o toldo com o reboque. O pano está dobrado debaixo da cúpula que tem 11 metros de comprimento. A cúpula é levantada e amarra-se o pano às “torres”. São colocados os outros seis pilares que em conjunto com os mastros principais fazem a arena.

Finalmente são fechadas as laterais com a “saia” da tenda.

Todo o processo, incluindo a montagem das bancadas pode levar 6 ou 7 horas. A sua desmontagem leva quase metade do tempo, apenas 4 horas.

Qual é o melhor terreno para a instalação do circo? Terra batida ou pavimentado?

Na verdade não importa muito, desde que seja limpo, plano e duro. Para cada terreno faz-se uma coisa diferente. Se for um terreno selvagem, pode ser chato porque muitas vezes é preciso fazer um tratamento do chão. Às vezes é preciso cortar mato, alisar o terreno, regar o chão se este for muito poeirento, e colocar *tuvenan* ou gravilha.

Se não for feito este tratamento pode haver problemas de infiltrações, problemas estruturais, caso o chão seja demasiado mole e os alicerces se moverem, problemas higiénicos e de condições mínimas para os trabalhadores do circo, caso o terreno fique demasiado enlameado.

Num terreno pavimentado não há estes problemas, mas a fixação do *chapiteau* ao chão pode ser mais complicada. Ainda assim, em último caso, é sempre resolvido com o uso dos camiões em torno da tenda para a sua fixação ou o empréstimo ou aluguer de sapatas.

De que forma as pessoas da companhia se apropriam do espaço no seu dia-a-dia?

Cada pessoa tem um trabalho diferente e é paga também de forma diferente conforme o seu trabalho - é um emprego normal. Tem o seu horário de trabalho e o seu tempo pessoal, para fazer o que bem entender. Todos sabem qual o seu horário de trabalho e a que horas começam e acabam. Depois disso cada um faz aquilo que quer. Claro que muitas vezes existe trabalho comum a todos, fora da hora de expediente, mas nesse caso todos ajudam um pouco. Se é necessário pintar um camião por exemplo, dar a volta com o carro que anuncia o espectáculo do dia pelos megafones, etc.

Aquele lugar é usado então quer para o lazer quer para o trabalho. Serve-se das sombras para as zonas de trabalho caso seja necessário; o espaço em frente às autocaravanas para pôr a roupa a secar, pôr uma piscina de plástico para os miúdos brincarem, para dar de comer aos animais caso haja relvado ou um pequeno riacho, etc

Mas na verdade, de forma geral, o espaço comum não é muito utilizado se não se estiver dentro do *chapiteau* ou nas rulotes. O mais comum é ir até à cidade, passear, aproveitar o tempo de descanso para ver outros lugares e pessoas.

O que falta? O que poderia ser mudado?

O grande problema do circo em Portugal é principalmente político. Tem a ver com a baixa consideração do público. Mas isso é uma falha política. É porque não há valor e apoio do governo que as pessoas se desinteressam mais por esta arte. Quanto menos atenção o governo der ao circo mais este se perde porque não tem público. É uma falha política porque não existe apoio do estado, em qualquer sentido. Portugal é o único país da Europa em que o circo não é apoiado pelo estado. É uma vergonha. Todas as artes são apoiadas menos o circo. Isto porque o circo não é considerado uma arte pelo ministério da cultura. O teatro, a dança, o teatro de marionetas, o novo circo – aqueles pequenos grupos nómadas sem tenda nem grandes adereços que fazem espectáculos de rua – são todos ajudados pelo estado menos o circo, o tradicional circo. Não faz sentido...

Claro que, se não se procura manter uma tradição, ela desaparece. Estando a desaparecer, não existe justificação para a apoiar.

Sem apoios tudo se torna mais difícil, pois tudo é deixado às companhias, desde o aspecto económico ao aspecto cultural. O próprio circo tem de fazer um esforço para manter uma posição no país. Isso torna-se impossível quando não há dinheiro pois tudo começa a empobrecer – o número de companhias, a qualidade dos números artísticos, a presença dos animais, a publicidade, a riqueza das cores e das luzes.

Quanto mais pobres forem os circos menos gente tem interesse em vê-los. Tudo é consequência de um acaso anterior. Isto acabará um dia, chegará o dia em o circo acaba.

O mais impressionante é a diferença que existe com os circos em países estrangeiros. Noutros países o apoio do estado está em 70%. Com o lucro feito pela própria companhia e também pelo estado ou governo local, o circo tem capacidade para apresentar verdadeiras obras-primas, verdadeiros espectáculos de arte, em constante renovação.

São companhias com elencos gigantescos, pessoas que se dedicam a um só trabalho e fazem-no com gosto e dedicação, recebem por isso, como seria normal, apresentam uma grandeza fantástica desde os seus números artísticos às tendas gigantescas de cores e desenhos lindíssimos e acampamentos seriamente organizados.

Sabe-se que para chegar a este nível, seria preciso mudar muita coisa neste país, acima de tudo mentalidades, que não são mudadas da noite para o dia, e que não é possível sem um esforço do governo e da cultura nacional.

Há uma coisa que podia ser mudada facilmente que ajudaria o desenvolvimento do circo e a sua reputação nacional. É algo que se vê muito noutros países, que é a existência de um espaço livre em cada cidade e com as condições necessárias, sendo apenas criado para isso.

O lugar é criado e localizado num ponto da cidade ou vila. Possui as características e utensílios precisos para a implantação de uma companhia e é dedicado apenas e somente ao circo. Desta maneira o público terá mais curiosidade em ver o espectáculo.

O facto de existir em cada cidade do país um lugar exclusivamente dedicado ao circo, demonstra já muito do valor que lhe é dado.

Instalação do circo

“O lugar em que a obra acontece, esse grande objecto, é parte do efeito, e, em geral, pode-se vê-lo como o primeiro e mais importante factor a determinar os acontecimentos (o segundo eram os materiais disponíveis e o terceiro, os intérpretes).”

Claes Oldenburg ¹⁰

¹⁰ OLDENBURG, Claes, “O lugar como elemento da performance” in GOLDBERG, Roselee (Org.), *A arte da performance: do futurismo ao presente*, Lisboa: Orfeu Negro, 1ª edição, 2007, p.169

Este capítulo trata do tema principal do trabalho.

Pretende entender-se qual a importância que os diversos modos de instalação podem adquirir no que respeita aos aspectos artístico, formal, arquitectónico, logístico, social e eventualmente à própria definição de circo.

Para tal, é necessário conhecer, nas diferentes escalas, os factores e fenómenos de implantação do circo e apropriação dos lugares.

Faz-se, para começar, um breve enquadramento da maneira como o circo procede para a sua implantação e dos factores essenciais nela a considerar, desde a definição das rotas de circulação de cada circo, até às diferentes etapas de instalação.

Após essa introdução, será feita uma lista detalhada de factores urbanos e paisagísticos a considerar na instalação de um circo. Essa lista, sistemática, é designada *Manual de instruções para a implantação de um circo*. Este *Manual* desenvolve-se através do aprofundamento de cada factor, explicando concretamente o que é, qual a sua importância, que influência tem no funcionamento do circo, etc.

Depois, serão mostrados e analisados os exemplos observados no âmbito do trabalho de campo desenvolvido. Aí se poderá compreender de que maneira é que tais factores são determinantes na prática.

O *Manual* é apresentado antes dos exemplos práticos para, assim, os exemplos poderem ser analisados em função dos factores previamente explicados. Depois do *Manual*, genérico, o leitor pode entender como é que, nos exemplos reais, se procede consoante as características do lugar específico e daí resultam variações de implantação.

Enquadramento geral

*“À procura do público, [os circos] estão sujeitos a limitações geográficas, climáticas e demográficas que condicionam a escolha do percurso. Impõe-se-lhes à partida uma limitação: a exiguidade do território nacional. (...) A rota é planeada, em traços gerais, no início do ano, embora seja diariamente refeita de acordo com as dificuldades que possam surgir pelo caminho – o terreno já ocupado, um circo que se antecipou, uma imposição camarária incomportável, são factores que com frequência obrigam à alteração do itinerário programado.”*¹¹

Joana Afonso descreve os problemas que podem surgir na procura de um lugar para implantação e explica a importância da programação da rota de uma companhia por temporadas:

*“Existe um elevado número de circos em Portugal, tendo em conta o reduzido território onde operam, o que coloca problemas de concorrência entre as empresas, que, assim, se vêm obrigadas a reprogramar semanalmente o seu percurso para evitarem colidir com outras que se encontram nas proximidades. Competem por um recurso escasso: o público. Registam-se episódios de sabotagens, descolagem de cartazes ou roubo de material, mas é na disputa pelos terrenos que a competição entre companhias assume maior relevância.”*¹²

Apesar desta rivalidade, também existem fenómenos ténues de solidariedade entre companhias. Existe um contacto muito íntimo entre companhias nacionais, no que diz respeito a conhecimento logístico, material artístico e informação sobre o território livre a ser ocupado.

*“(...) existem casos de cooperação entre circos, embora não possamos falar de amizade, pois, de acordo com a opinião geral, não há amigos neste negócio. As relações privilegiadas entre companhias consistem em alguma entreatada, no sentido de resolver problemas pontuais, como a cedência de material, condutores, realização de empréstimos, venda de veículos e infra-estruturas em segunda mão (...)”*¹³

Para além disso, pela idade das companhias e gerações de famílias circenses e pela quantidade de vezes que cada uma percorreu o país, sabe-se quais são os locais apropriados e disponíveis para a instalação do circo em cada cidade, vila ou aldeia. O empresário, dono do circo, é encarregue de definir uma rota a médio prazo para a circulação do espectáculo.

¹¹ AFONSO, Joana, *Os circos não existem*, Lisboa: Instituto de ciências sociais da Universidade de Lisboa, 2002, pp. 42-43

¹² *Ibidem*, p. 44

¹³ *Ibidem*, p. 46

Esta decisão é de extrema importância e de uma responsabilidade fulcral. Nela reside todo o sucesso ou insucesso do grupo.

É necessário conhecer muito bem o país ou, pelo menos, a região por onde se apresenta o espectáculo circense, e saber ao certo quais os terrenos dispostos para a sua instalação, tal como as características paisagísticas, obstáculos e elementos a favor. Para isso, é necessária uma experiência empírica que é acumulada por gerações familiares.

Deve-se pesar muito bem as capacidades da companhia, a todos os níveis, desde experiência e energia de trabalho, por parte dos artistas e trabalhadores, às ferramentas mecânicas e dimensões de todo o material, para se poder seleccionar os lugares de implantação.

Devem eleger-se os lugares mais adequados considerando estes dois factores: os próprios terrenos e a companhia.

Se o terreno não for favorável ao tipo de circo e se este não se apropriar devidamente dele, o resultado pode ser desastroso para o êxito do espectáculo.

Há também um outro aspecto a ter em conta, para além dos dois anteriormente referidos: a autorização para a utilização do terreno.

Apesar de uma cordialidade e respeito entre circos, estes manifestam uma grande concorrência entre si, essencialmente na escolha e obtenção dos terrenos.

*“Os empresários vigiam-se mutuamente, sabem “como corre o negócio” nas outras companhias, se têm tido público, se recorreram a crédito, se devem salários aos artistas e empregados ou adquiriram material novo. Quando os secretários se dirigem às autarquias para tratarem dos procedimentos burocráticos que precedem o agendamento de um terreno, ficam a par de eventuais contactos efectuados por outros circos no mesmo sentido. Visto que o êxito de uma temporada depende, em larga medida, do sucesso na obtenção de terrenos, o objectivo de cada companhia consiste em agendar o maior número destas terras de maneira a, por um lado, ter várias alternativas e, por outro, impedir as outras empresas de aí trabalharem.”*¹⁴

¹⁴ Ibidem, p. 45

Dadas as dimensões do território nacional, a busca dos melhores terrenos, dotados das características urbanas e paisagísticas mais favoráveis, é incrivelmente desgastante e por vezes cruel.

*“Os circos usam a estratégia do aluguer dos terrenos da rota dos outros circos quando eles mesmos não actuam naquela área, como um dispositivo para afastar a competição completamente do caminho (...) Estão preparados para perder dinheiro só para negar os terrenos uns aos outros. Pagam regularmente depósitos nos terrenos que estão nas rotas de outros circos sem se quer ter a intenção de actuar lá. Os circos perderão o dinheiro, os outros perderão os terrenos, e o município perderá a renda.”*¹⁵

¹⁵ CARMELI, Yoram, *Family and economics in an English circus* - tese de doutoramento, Londres: London University, 1985, p. 278

“Circuses use the weapon of booking grounds on other`s routes when they themselves do not perform in that area, as a device to push the competitor totally off the road (...) They are ready to lose money in order to deny grounds to each other. They often pay deposits on grounds, which are on the route of another circus without even intending to perform there. The circus will lose the money, the other circus will lose the grounds, and the Council will lose the rent.”

Existem então diversos factores a ter em conta aquando da procura de um terreno para a instalação de um circo.

Presta-se atenção a elementos à escala do território nacional, à escala urbana e do lugar, considerando que eles deverão ser propícios à implantação. Por outro lado, face a esses elementos, os constituintes da companhia adaptam-se ao lugar e aos seus atributos, apropriando-se da melhor forma possível.

O circo apropria-se de cada lugar de maneira distinta, consoante aquilo que lhe poderá facilitar a instalação e habitação. É aproveitado aquilo que de mais proveitoso o terreno pode oferecer, desde a materialidade do chão para a construção da tenda ou estábulos para os animais, até ao uso de um grupo de árvores, para sombra ou barreira divisória entre público e privado, ou mesmo o aproveitamento da água de um riacho que passa.

Aparentemente, todos estes terrenos onde o circo se costuma implantar possuem o mesmo carácter. Costumam ser áreas com grande espaço, planas, de pouco ou mesmo nenhum tratamento. Locais fora do centro histórico da cidade onde resta um espaço livre. Tenta sempre encontrar-se um lugar central em relação ao movimento urbano, mas os mais recomendados para uma implantação nómada sazonal encontram-se em zonas menos planeadas da cidade.

Supostamente, as zonas mais afastadas do centro urbano da cidade, em contacto com vias automóveis de grande movimento, são a escolha ideal para a implantação do circo, pela sua grande exposição.

Por outro lado, como este raramente se encontra no centro da cidade como acontecia inicialmente (numa altura em que a malha urbana era menos densa), o acesso é muito mais selectivo. A condução automóvel é já uma acção muito praticada pela sociedade, ainda assim, há ainda uma grande percentagem que não a exerce. Observa-se então uma maior abundância de pessoas com idade entre os 30 e os 50 anos, acompanhado de seus filhos, na assistência dos espectáculos circenses.

Posto isto, parece-me que perfeito seria encontrar um meio-termo: um local inserido no meio urbano da localidade que pudesse ser visto pelos que conduzem e pelos que não o fazem, com acesso mais fácil para os dois casos. É um anseio ainda assim bastante improvável pois são poucas as localidades que possibilitam esta organização. Nem todas as localidades permitem uma instalação no seu centro urbano. Cidades grandes de malhas urbanas muito densas geralmente não possuem espaços centrais para a implantação do circo tendo este que se deslocar para as periferias.

Apenas nas pequenas vilas ou aldeias é que o circo tem a possibilidade de se instalar no centro, normalmente na praça principal.

Estas constatações são ainda genéricas, sem uma profunda análise dos exemplos observados. Adiante, após a leitura e consideração do *Manual de instruções para a instalação de um circo* e dos exemplos de estudo, a apropriação dos terrenos usados pelo circo como lugar de habitar, será considerada com maior rigor.

Manual de instruções para instalação de um circo

Factores urbanos e paisagísticos a considerar
para a selecção do lugar de implantação do circo

Escala territorial

- 1-Localização do circo em relação à malha urbana da cidade
- 2-Acessos (automóvel e pedonal)
- 3-Parque de estacionamento automóvel
- 4-Topografia do território

Escala local

- 5-Tipo, morfologia e qualidade do solo
- 6-Vento
- 7-Árvores
- 8-Vegetação rasteira
- 9-Rio/riacho
- 10-Luz e água potável

Apropriação do lugar em função
dos diversos factores urbanos e paisagísticos referidos

A.Escolha do lugar à escala territorial/urbana

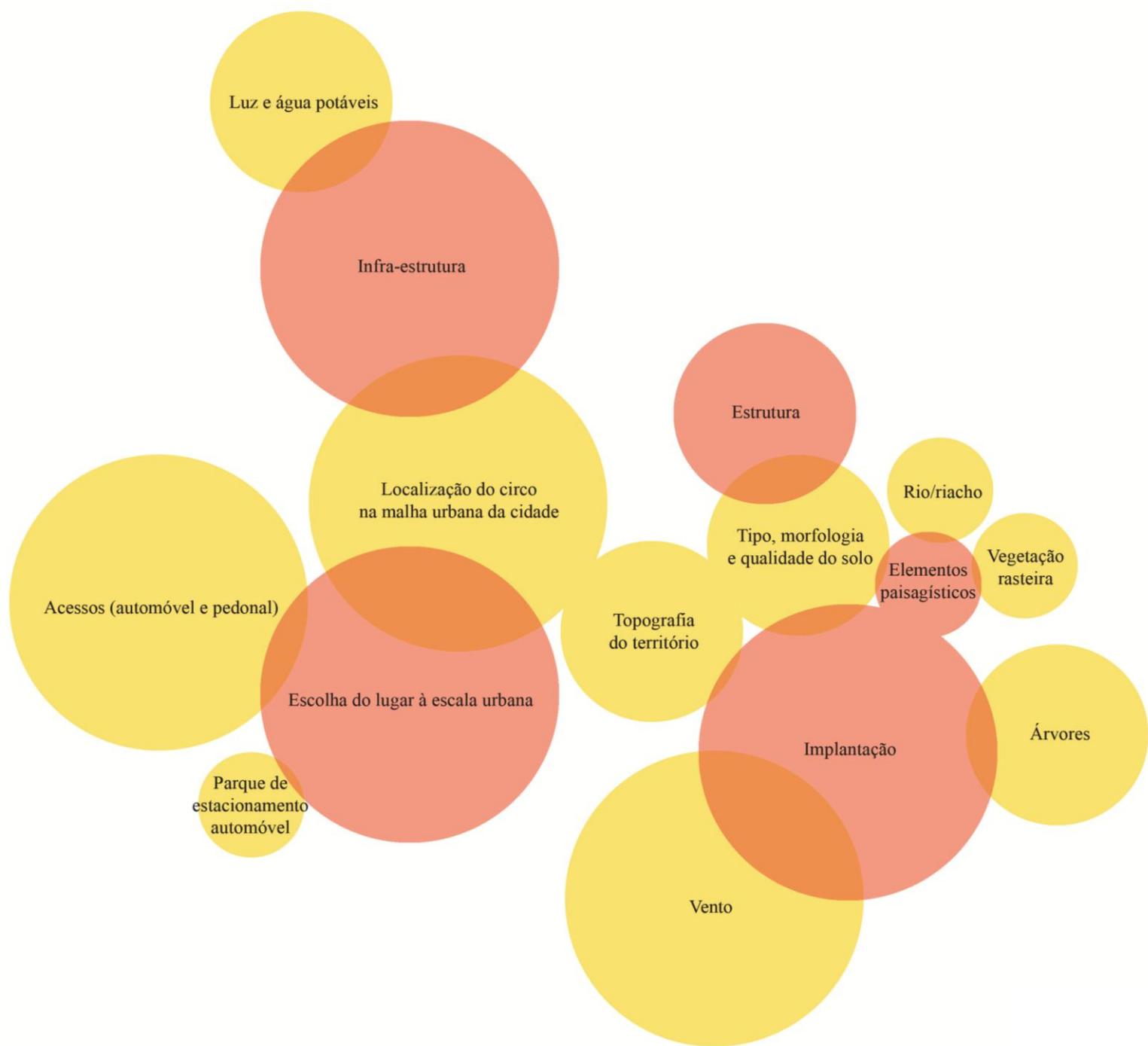
B.Implantação

- 1.Chapiteau
- 2.Jaulas e estábulos dos animais
- 3.Rulotes e autocaravanas

C.Estrutura

D.Infra-estruturas

E.Rentabilização de elementos paisagísticos



 Factores urbanos e paisagísticos a considerar para a selecção do lugar de implantação do circo
 Apropriação do lugar em função dos diversos factores urbanos e paisagísticos referidos

Fig.6 Diagrama de relações entre os factores urbanos e paisagísticos de um lugar e a sua apropriação por parte do circo

Dos itens do *Manual de instruções* referidos, aprofundar-se-á apenas uma das duas listas que nele se integram: a *Apropriação do lugar em função dos diversos factores urbanos e paisagísticos referidos*.

Não é necessário desenvolver a primeira lista (*Factores urbanos e paisagísticos a ter em conta para a selecção do lugar de implantação do circo*), porque o conteúdo é já enunciado pelos próprios tópicos. É simplesmente uma listagem de factores a ter em conta.

No aprofundamento da segunda lista, acabará por falar-se dos factores da primeira, pois eles são-lhe inerentes.

Aquilo que é realmente importante neste estudo é a apropriação dos factores urbanos e paisagísticos pelo circo – o assunto da segunda lista – factores que não podem, contudo, ser abordados sem a consideração dos factores da primeira lista.

É ainda de notar que as apropriações dos lugares são inevitavelmente diferentes, uma vez que estes são sempre distintos. Contudo, encontra-se um certo padrão no tipo de apropriações que, divergindo continuamente, se enquadra dentro de certos limites – precisamente os limites impostos pelos factores que compõem o *Manual de instruções*.

Apropriação do lugar em função dos diversos factores urbanos e paisagísticos referidos

A. Escolha do lugar à escala territorial/urbana

Localização do circo na malha urbana da cidade



Fig.7 Exemplo de localização do centro urbano (amarelo) e do espaço de instalação do circo (vermelho)

Uma das principais ferramentas publicitárias de um circo é a sua exposição ao público.

Para o circo, é importante que o local de implantação se encontre num ponto estratégico em relação à movimentação pública, bastante visível, de fáceis acessos, e com espaço para a arrumação de todo o equipamento transportado e utilizado pela companhia.

Neste sentido, considerando a estrutura geral da cidade, vila ou aldeia, pode ser vantajoso que o circo se aproxime de zonas comerciais, industriais ou de habitação.

Os terrenos descampados para a implantação querem-se preferencialmente no centro urbano da cidade, mas em alternativa costumam adoptar-se terrenos em zonas periféricas, eventualmente com maior tráfego automóvel, mas com menor movimento pedonal. Muitas vezes, estas zonas caracterizam-se por uma grande quantidade de construção habitacional, mas pela falta de qualidade arquitectónica do espaço público. São habitualmente entradas ou saídas da cidade, com vias rápidas ou cruzamentos de estradas (figura 8).

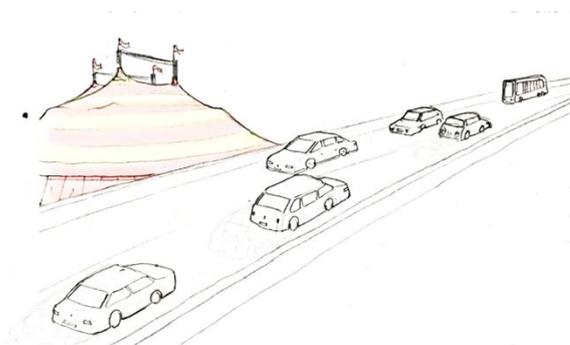


Fig.8 Cúpula de circo avistada a partir de uma via rápida de circulação automóvel

Estes terrenos podem considerar-se, de certa forma, bons locais de implantação, pois são avistados por muitas pessoas por dia. Esta situação é vantajosa, quer porque a visibilidade é boa publicidade, quer porque ela é garantia de que o acesso automóvel é fácil.

Ao contrário da implantação no centro urbano, densamente ocupado e que traz limitações espaciais à colocação de todo o equipamento do circo, os terrenos mais afastados, devido à sua menor densidade construtiva, admitem maior liberdade espacial para a organização do acampamento.

Este afastamento do centro urbano poderá, por outro lado, ser negativo, pois limita a afluência de público sem meios de deslocação.

Exposição ao público

Os circos procuram conformar uma área relativamente encerrada através da disposição de carros e camiões em seu redor, de forma a evitar a exposição dos momentos mais privados das famílias circenses. Contudo, como forma de propaganda, é vantajoso que o circo se exhiba de modo exuberante para o exterior, de modo a atrair o maior número possível de gente que se poderá sentir motivada por toda a pompa fantástica.

É criada então aqui uma dicotomia de relação com o público. Por um lado, o circo tem vantagem em mostrar-se e abrir-se para o público, por essa abertura ser um dos principais modos de atracção e divulgação. Por outro lado, procuram conservar uma certa privacidade, fechando-se à sociedade. Parece um paradoxo que se deseje relações tão diferentes com a população local.

A verdade é que a exposição do circo terá que se sobrepor necessariamente à privacidade pessoal, pois, do ponto de vista da sobrevivência, a afluência de público torna-se mais importante do que a intimidade. Talvez por essa razão verifica-se que a “família” circense, em horas de descanso, refugia-se dentro de “casa”, ou seja, nas suas rulotes, ou passeando pela cidade, e quase nunca utilizando o espaço exterior do acampamento, nem se relacionando com as pessoas que por ali se passeiam, privando por isso, o que poderia ser uma saudável interacção público-circo.



Fig.9 Entrada do circo Soledad Cardinalli. Possui uma imagem atraente mas o espaço privado é quase desabitado

Terrenos concedidos pelas autarquias

Grande parte das vezes o local é atribuído pela Câmara ou Junta de Freguesia. Se este se localizar numa zona pouco movimentada e pouco visível, poderá trazer inconvenientes para a propaganda e acessibilidade ao circo.

Os interesses das autarquias nem sempre convergem com os da companhia. Apenas se limitam a atribuir um espaço que não perturbe a normalidade da cidade e fruir do arrendamento do espaço, caso se aplique. (Muitas vezes é cobrada uma taxa de aluguer do terreno, noutros casos é disponibilizado gratuitamente.)

Normalmente é atribuído o mesmo espaço a todas as companhias, mas, por vezes, quando o terreno não se adequa às dimensões do circo, ou quando a companhia não aprecia o terreno disponibilizado, prefere arrendar um espaço privado com melhores condições (figura 10).

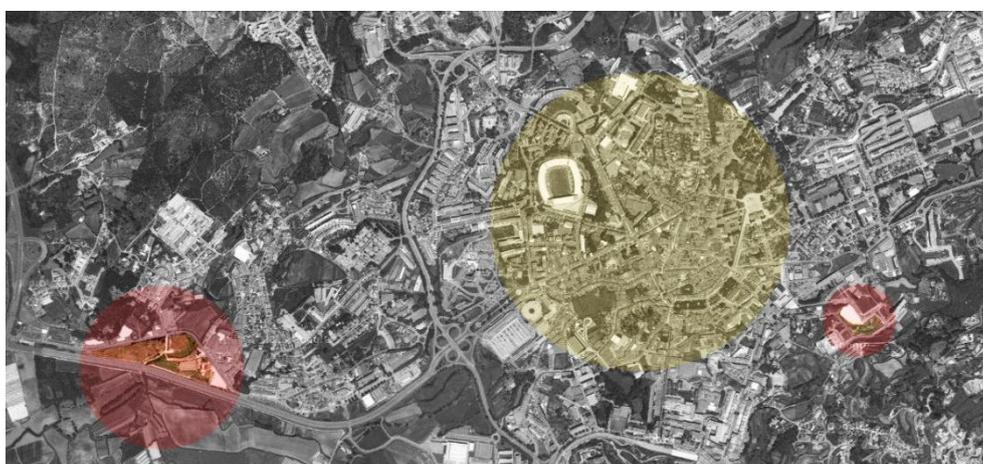


Fig.10 Localização de dois espaços muito distintos para a instalação do circo na mesma cidade - Guimarães

Muitas vezes, é surpreendente como o circo consegue uma imagem bastante apelativa, que contorna o escasso potencial publicitário do lugar eleito pelo governo local, mesmo que mal localizado. É o caso dos circos estudados em Guimarães, nos exemplos práticos do capítulo seguinte.

Topografia do território

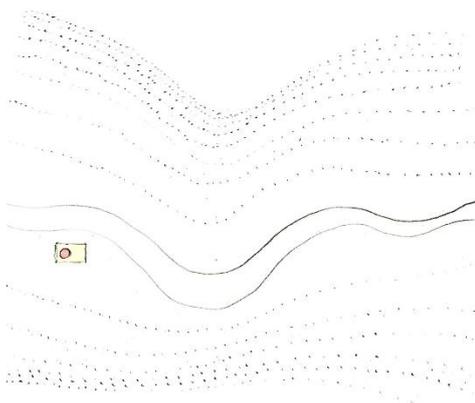


Fig.11 Esquema de topografia e localização do circo

Na escolha do local de implantação de um circo, quer esta seja feita pela autarquia local, quer pela própria companhia, é implícita a necessidade de um terreno plano, pelo menos para a zona de instalação da tenda de espectáculo e dos estábulos. Para isso, recorre-se preferencialmente a zonas baixas, vales ou planícies, onde os terrenos planos se encontram mais facilmente. Quando a cidade, vila ou aldeia, oferece uma zona baixa, por exemplo junto a um rio, a zona procurada para a implantação começará por ser essa. Daí se observar, em terras nortenhas, onde os terrenos tendem a ter o declive acentuado, uma maioritária implantação em zonas baixas, normalmente junto ao rio ou mar, se for o caso.

Em Braga, por exemplo, o circo poderia eventualmente encontrar um planalto de espaço concedível para a sua instalação, mas não o faz, pois o centro urbano e o seu dinamismo populacional encontram-se na zona baixa, onde o declive do terreno é menos acentuado.

Apesar da imposição topográfica, algumas vezes, das zonas mais altas da cidade, é possível avistar a cúpula do *chapiteau*, na zona mais baixa – o que é positivo para a visibilidade.

Em Coimbra, por exemplo, o circo instala-se na parte mais plana e mais baixa, junto ao rio, mas a cidade - centro histórico e cultural - desenvolve-se sobretudo na zona alta. Ainda assim, não deixa de ser, aparentemente, o melhor local de implantação, uma vez que o circo é avistado desde diversos pontos do topo da colina.

É então evitada, como foi dito, a procura de terrenos numa zona alta, de declive acentuado, mesmo que existam terrenos planos, formados por exemplo por socalcos, de dimensões razoáveis para a recepção de um circo. Ainda assim, por vezes, isso acontece e observa-se a implantação de circos em terrenos um pouco desfavoráveis devido à sua topografia, mas onde contudo, o circo se consegue instalar. É apenas exigido, no limite, um mínimo de espaço totalmente plano para a colocação do *chapiteau*. Tal facto acontece em Guimarães, onde geralmente o lugar seleccionado se encontra numa zona alta. É, de certa forma, uma raridade mas que ocorre, pois a alternativa implica custos.

Publicidade

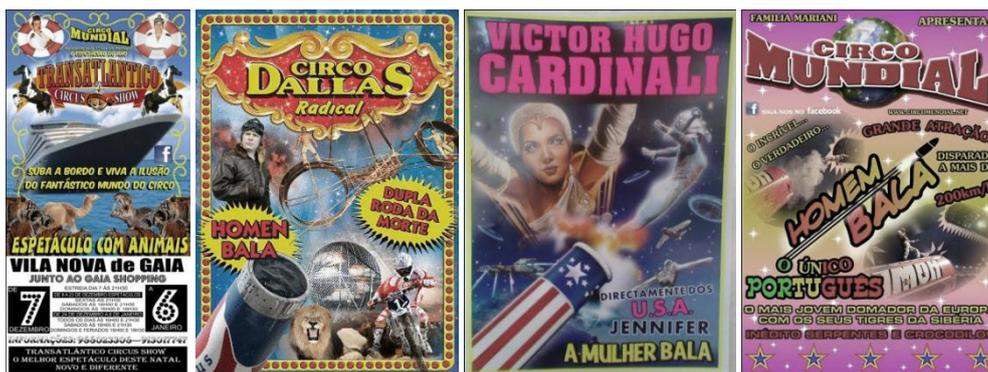


Fig.12 Vários exemplos de cartazes de anúncio ao circo

O *chapiteau* e o acampamento são a imagem de marca de qualquer companhia circense. Contudo, uma boa campanha publicitária, a partir de cartazes e anúncios afixados em locais estratégicos, constituem alguns dos factores mais importantes para o sucesso de bilheteira.

Este tipo de publicidade é usado como um dos instrumentos de *marketing* mais valiosos, pois sabe-se que o mero aparato do *chapiteau* não será suficiente, mesmo que este seja atraente e bem localizado.

Cada circo deverá estipular os itinerários a percorrer, pelo menos com uma semana de antecedência, para que os cartazes e toda a publicidade e afins possam ser distribuídos atempadamente. Dessa forma a população da localidade encontrar-se-á informada e preparar-se-á para a semana seguinte. Dá-se uma margem de tempo para que um grande número de pessoas identifique os anúncios, retenha a informação e a possa eventualmente divulgar por mais gente, amigos ou familiares que possam estar interessados.

Habitualmente os cartazes requerem dimensões de tamanho suficiente para a sua leitura a longo alcance, pelo menos de uns 10 ou 15 metros de distância. Têm geralmente cerca de 1,5 metros de altura, por 0,8 metros de largura e são ilustrados com imagens atraentes, alusivas ao espectáculo apresentado e recheados de cor, representando a magia e fantasia que envolve o circo.

São geralmente colocados em vias com bastante movimento rodoviário em rotundas e cruzamentos de estradas.

Acessos (automóvel e pedonal)

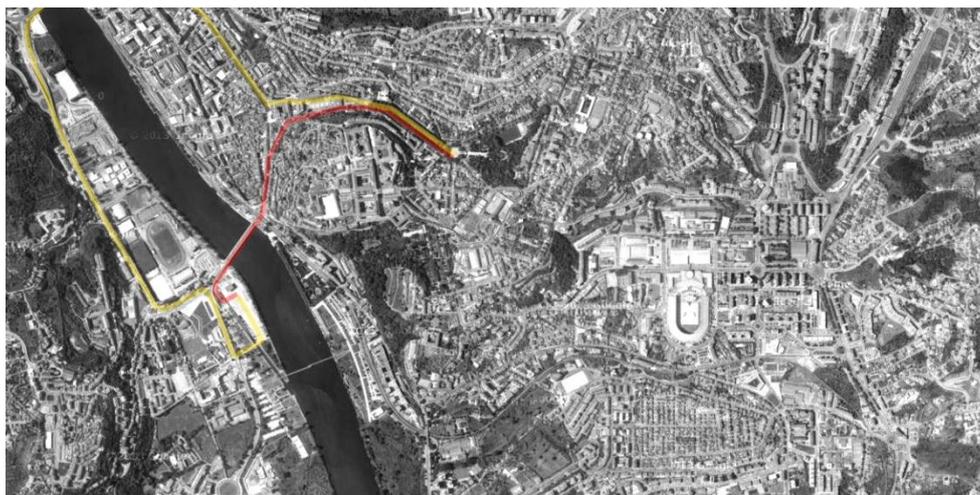


Fig.13 Exemplos de rota pedonal (vermelho) e rota automóvel (amarelo) desde o centro urbano da cidade até à localização do circo

Os bons acessos, principalmente para automóveis, são um requisito importante na eleição do local de implantação.

No caso do local se encontrar no núcleo urbano, os acessos serão em princípio operacionais, havendo apenas a preocupação posterior do estacionamento automóvel.

Ainda assim, existem casos, inseridos no centro urbano que sofrem de inacessibilidade automóvel. Isto acontece quando o espaço é resultante de uma ramificação de vias rápidas, que apesar de visível, é de alcance difícil, pois não se pode aceder directamente ao terreno pela estrada onde este é avistado. Terá de ser contornado e acedido por uma outra via.

No caso de o local se encontrar fora do núcleo urbano, os acessos serão essencialmente rodoviários. Procura-se a aproximação a vias rápidas de entrada e saída da cidade, para poderem ser facilmente avistados, mas o problema de acesso directo verifica-se na mesma.

Os acessos ao lugar de implantação vão depender sempre de se o circo se localiza no centro urbano ou se está mais desviado, junto a vias rápidas e descampados.

No que respeita aos terrenos urbanos, parte-se do princípio que a cidade proveja os acessos mínimos a este espaço. No que respeita aos periféricos, as serventias viárias são praticamente exclusivas para o carro, existindo bastante dificuldade para chegar até ao terreno por meios pedonais, pela falta de vias dedicadas ao peão e pela longa distância até à cidade.

Os terrenos onde se instalam os circos costumam ser caracterizados pela sua falta de estruturação. Quando são utilizados para outros fins que não o circo, costuma ser para outros eventos, como concertos, feiras, festas académicas e populares, ou pelos habitantes mais próximos do local, que vivem nas redondezas. Estes servem-se do terreno, por exemplo, para actividades lúdicas, passeios a pé ou para o simples atravessamento para atalho de percurso, etc.

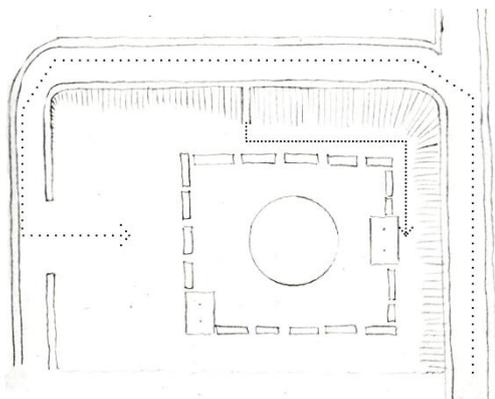


Fig.14 Esquema que representa dois modos de chegar à entrada do circo: a pé (ponteados curtos) e de carro (ponteados largos)

Quando o circo já está montado, a questão dos acessos coloca-se de outro modo.

Após a chegada ao local, mais especificamente ao seu perímetro, é necessário encontrar uma forma de chegar à entrada do circo, que por vezes não é a mais directa (figura 14).

Esse percurso poderá ser feito de forma livre sem qualquer indicação do caminho a percorrer, ou, opostamente, por um trilho marcado pelos anteriores usos do terreno ou por outros elementos, como vegetação e edificado. Costumam ser trilhos marcados pelo uso diário de habitantes daquela zona, ou percursos planeados, caso a área eleita seja algum tipo de parque, ou espaço destinado a feiras ou outros eventos. Nesse caso, o acesso é mais facilitado, mas por vezes não é natural, na relação com a estrutura organizativa do circo. Por vezes, o acampamento não obedece à estrutura prévia existente no local formada pelo desenho urbano.

O acesso pode ainda ser proporcionado pela companhia através de indicações criadas por obstáculos.

Parque de estacionamento automóvel

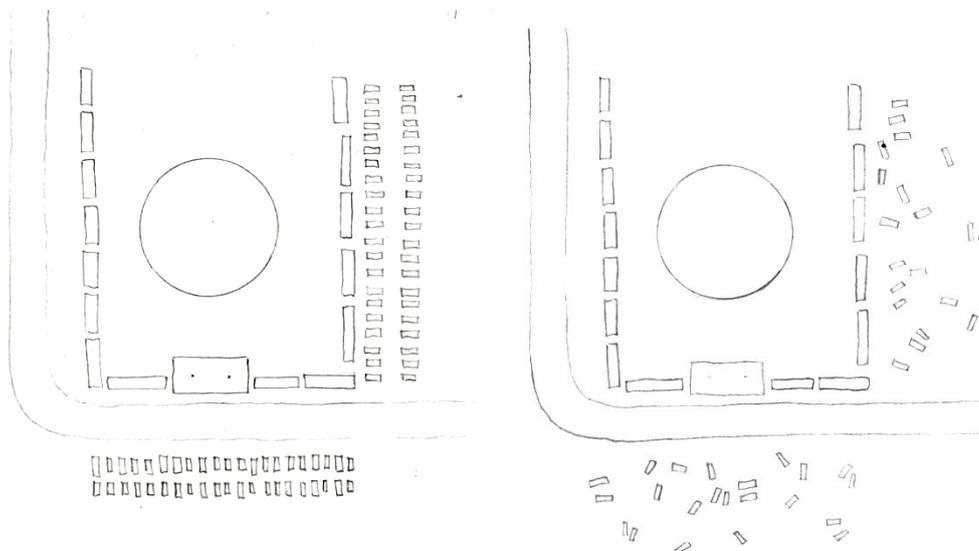


Fig.15 Exemplificação de dois tipos de estacionamento automóvel nas imediações do acampamento circense

O automóvel é utilizado essencialmente quando o circo se encontra em terrenos afastados do centro urbano, pois neste caso será praticamente a única forma de o alcançar. Mas na verdade, o mesmo acontece muitas vezes em lugares mais centrais.

É bom que haja um espaço destinado ao estacionamento automóvel para que o espectador possa chegar até perto da entrada do circo sem problemas de tempo e de conforto.

Convém que o local onde o circo esteja instalado ofereça um mínimo de lugares, estruturados pelo plano da cidade, ou mesmo por espaço não planeado. Caso contrário pode acontecer que um número substancial de pessoas se desinteresse por essa deslocação, ou que a adie para outra ocasião ou local, pela percepção da falta estacionamento.

Não é uma preocupação fulcral mas dá imenso jeito ao público, principalmente se for perto da entrada principal do *chapiteau*.

Quando a vontade é grande, não será a escassez de estacionamento ou mesmo a falta dele, que impedirá o público de assistir ao espectáculo, mas isto deve ser uma preocupação para as companhias, garantindo-se espaço propositado para o “automóvel público”.

O espaço destinado ao estacionamento automóvel é, algumas vezes, também utilizado pela própria companhia, quando o restante terreno não é suficiente para a implantação de todo o material circense. Pode acontecer que este espaço automóvel se encontre um pouco afastado do terreno onde se encontra o circo, tendo os artistas que caminhar até ele, para chegarem a algum camião ou caravana.

Perante o exposto, é de notar que as companhias devem dar a importância devida à questão do parque de estacionamento, pois para além da afluência e da comodidade do espectador, se não existir nenhum cuidado com a libertação e organização de um espaço dedicado ao automóvel, o estacionamento poderá não contribuir para a imagem do circo (figura 15).

B.Implantação

1.Chapiteau

Morfologia do terreno



Fig.16 Secção esquemática de uma companhia instalada em diferentes socialcos

A morfologia e o relevo do terreno influenciam a implantação da tenda, dos caminhões e das caravanas de modo decisivo. É de extrema importância que o terreno seja plano, no local de implantação do *chapiteau*. Para além dessa necessidade, o circo pode acomodar-se em qualquer sítio.

Não é comum verificar-se a instalação em terrenos com muito relevo. Aliás, quase nunca se verificam. Opta-se sempre por grandes espaços planos, mas ainda assim, pode observar-se, em alguns casos, implantações em que o *chapiteau* ocupa o centro do terreno, mais a baixo, ficando circundado por zonas mais altas que o envolvem. Nesses casos, tenta colocar-se os elementos essenciais para o espectáculo na zona plana, e as rulotes e caminhões de transporte de peças noutras socialcos mais afastados, pois não impedem a movimentação e vivência necessária para a exibição do espectáculo.

Em casos de morfologia de terreno acentuada, tenta voltar-se a entrada para a zona mais plana e de fácil acesso, e as costas para os sulcos mais elevados, criando uma zona mais reservada, devido às diferenças de cota, utilizada pela companhia.

Organização do acampamento

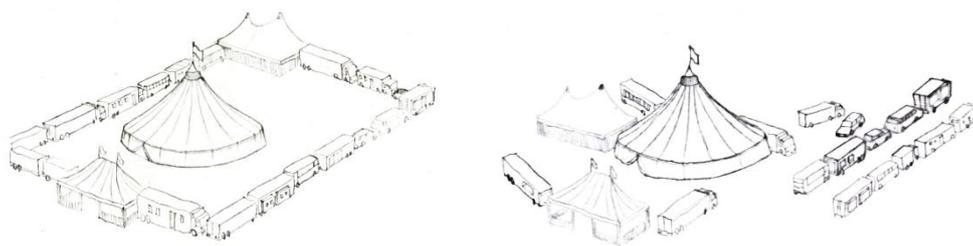


Fig.17 Exemplificação de duas tipologias distintas de organização do acampamento circense

O objecto mais importante a ser colocado no local é claramente a tenda do circo que organizará todo o resto do acampamento. Deve então pensar-se muito bem onde esta será colocada, de forma a haver espaço de implantação, que será no mínimo a área do seu círculo, mas também uma área circundante de conforto, para armação das estacas de suporte e para movimentação de entradas e saídas, quer dos artistas e animais, quer dos espectadores.

Porém, estas variáveis poderão alterar-se de acordo com as companhias, pois umas, dão muito mais valor à organização do acampamento, do que outras. Mas para todos os casos, é sempre a localização do *chapiteau* que influencia a organização geral do acampamento.

A área do terreno, também vai evidentemente influenciar a organização do acampamento. As companhias de maiores dimensões terão obrigatoriamente de dar maior importância a este factor. Se não tiverem o espaço necessário para se instalar, o acampamento não fica bem organizado, e tudo parecerá caótico e disforme.

Já em companhias mais pequenas, esta condição não é tão considerada, uma vez que não têm tantas exigências de limite espacial. Em contrapartida confrontam-se, muitas vezes, com uma disposição fragmentada e aleatória, que empobrece a imagem daquele circo, mostrando-se algo sem aparato, sem magia, sem importância, que irá igualmente afastar o público (figura 17).

Entradas (público e bastidores)

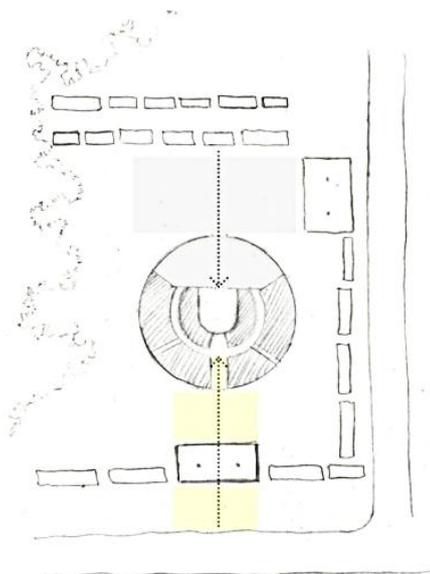


Fig.18 Entradas no *chapiteau* e respectivas áreas de recepção

A entrada do *chapiteau* é bastante significativa, devido ao que uma porta pode representar numa estrutura como o circo que possui uma simbologia muito especial, como se pela porta se pudesse entrar noutra mundo paralelo a este.

A porta do público deve ser colocada estrategicamente para marcar a entrada mágica no circo. Deverá estar virada para uma zona livre, limpa, atractiva, onde o anúncio e bilheteira se encontram, criando um grande aparato festivo, procurando assim atrair o público que passa. Para isso, deverá voltar-se preferencialmente para uma rua pedonal ou automóvel bastante movimentada. Deve resguardar-se ainda um espaço entre a entrada e a estrada, para convívio e concentração de pessoas.

A nível funcional, deve estar voltada para uma via movimentada, como já foi referido, e deve haver um espaço à sua frente usado como local de espera e de encontro para aqueles que vêm assistir o espectáculo. Esse espaço pode ser antes de ingressar pelo pórtico principal da cerca, onde se costuma acomodar a bilheteira, ou já no interior da cerca, após a passagem do pórtico.

Normalmente, em Portugal, os circos de características mais tradicionais, de forma circular, contêm apenas duas entradas, estando uma colocada no lado oposto da outra, simetricamente. Vêm-se ainda portas destinadas ao público com acesso feito por corredor - uma extensão do volume da tenda - algumas vezes não centrais e em dissimetria com a porta das traseiras (figura 19).

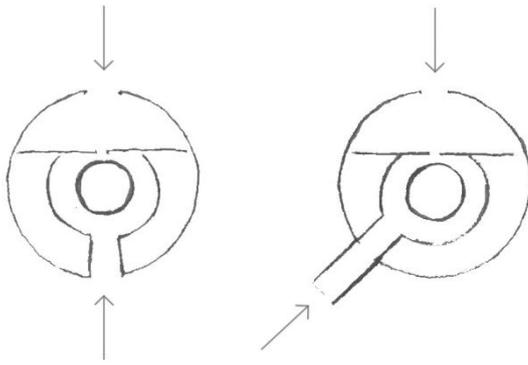


Fig.19 Tipologias de entradas em tendas de circo

Dos exemplos analisados, observam-se situações particulares, no que respeita às entradas, em dois circos, o Circo Império Cardinalli e o Circo Soledad Cardinalli. Ambos fruem de uma segunda tenda mais pequena, anexada à maior, de frente para o pórtico principal, para dar acesso à tenda de espectáculo (figura 20). Nesta primeira tenda não se passa muita coisa. Acaba por ser um grande espaço vazio, mas coberto, bom para os dias de chuva, que passa a ser o ponto de encontro para os grupos visitantes. Vende-se pipocas, algodão doce e refrigerantes, e por vezes os bilhetes do espectáculo, nos mesmos dias chuvosos.



Fig.20 Circo Soledad Cardinalli - Porto

A entrada das traseiras, chamada de “primeiro rompimento”, é destinada aos artistas e dá acesso às cortinas que separam o picadeiro dos bastidores. O “segundo rompimento” dá acesso ao picadeiro, se o circo for estilo “Elizabetano” utilizado para pantomimas, e dá acesso ao palco italiano, se for estilo “Circo teatro”.¹⁶

Em qualquer um dos casos, os “rompimentos” devem ser práticos e de rápido acesso ao exterior e interior, e as rulotes que servem de camarins, não poderão encontrar-se demasiado longe deles. As jaulas dos animais também não poderão estar longe da entrada traseira, para não haver atrasos com as entradas dos animais em espectáculo.

¹⁶ Ver capítulo “Breve história do circo”

2.Jaulas e estábulos dos animais

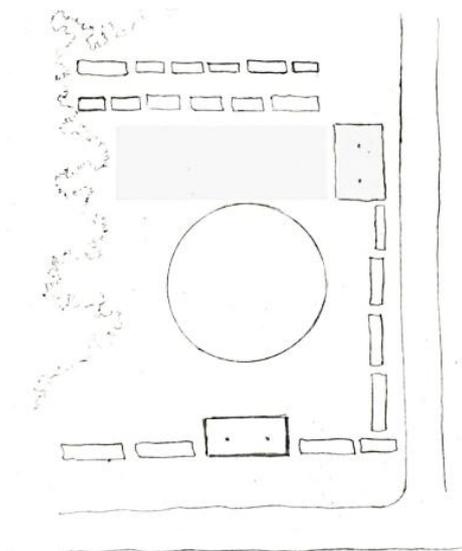


Fig.21 Jaulas e estábulos dos animais e respectivo espaço frontal de movimentação

As jaulas e estábulos, tal como os camarins, não podem encontrar-se muito afastados da entrada dos artistas - o “primeiro rompimento” - pois a deslocação de animais para dentro e fora da tenda deverá ser rápida e eficaz. Caso os estábulos se encontrem demasiado longe, os animais podem “rezingar” e causar problemas no seu trajecto e o espectáculo pode ser arruinado.

Uma das maiores atracções do circo, que fascina adultos e crianças, é precisamente os animais: animais selvagens, exóticos, grandes e pequenos. São utilizados também como atracção e imagem de propaganda. Então, tenta-se também que a zona dos animais, inserida no acampamento geral, esteja voltada para o público, para que o alicie a entrar. O problema é que nesse caso será mais complicado chegar rapidamente à entrada dos artistas. Surge ainda a questão da tentativa de conceber um espaço aberto para alguns animais repousarem e se alimentarem livremente de vegetação rasteira existente ou de água de algum riacho, ou usufruam da sombra de alguma árvore para o repouso. Procura-se um local reservado e um pouco mais privado, para não ser incomodado pelo transeunte, que muitas vezes coincide com a zona para onde a entrada traseira se volta. Mas, nesse caso, perder-se-á a “montra” animal para atracção do público.

Será sempre, em todo o caso, necessário montar uma boa estratégia para a planificação de todo o acampamento, com tantas necessidades e opções disponíveis para que tudo funcione.

3. Rulotes e autocaravanas

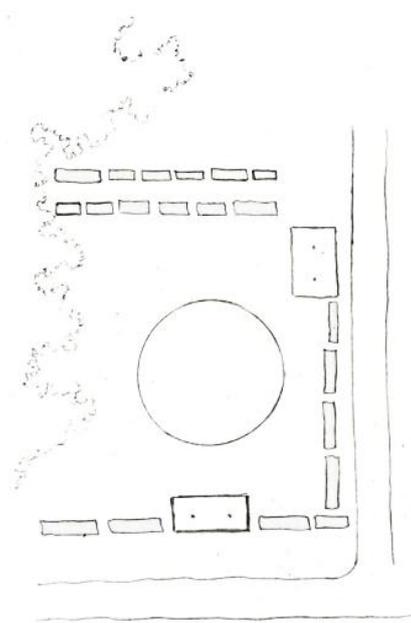


Fig.22 Tipologia de arrumação que utiliza os camiões de transporte para vedação do acampamento

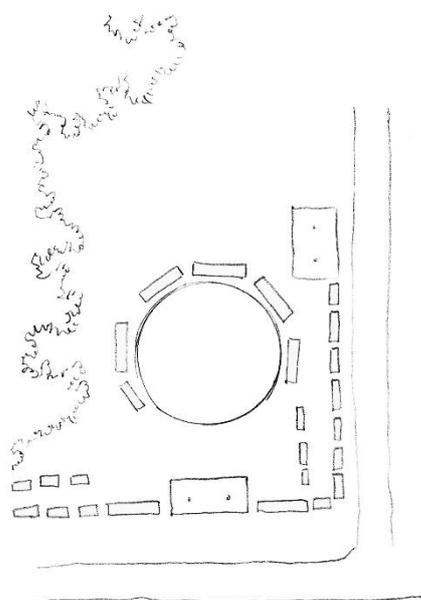


Fig.23 Tipologia de arrumação das rulotes e autocaravanas utilizadas para vedação do acampamento

Quando o lugar possibilita, e se houver camiões de transporte de cargas suficientes para a formação de barreiras entre o espaço público e o privado, as rulotes e autocaravanas de habitação dispõem-se aglomeradas numa só zona, preferencialmente em duas linhas paralelas para formar um espaço entre elas de vivência mais reservada e privada. Procura-se as traseiras do *chapeau* ou um local mais afastado para maior privacidade – porém, não demasiado longe pois muitas vezes estas são os próprios camarins de espectáculo. Se possível, aproveita-se ainda, a sombra das árvores (figura 22).

Quando o lugar não possibilita, ou a companhia é pequena, ou os camiões são utilizados como estrutura de suporte ao *chapeau*, são as “casas” dos artistas que servem de barreira e “fachada” daquilo que é o “forte” circense, dispondo-se em linha, mas desta vez formando os muros da cerca (figura 23).

Zona privada

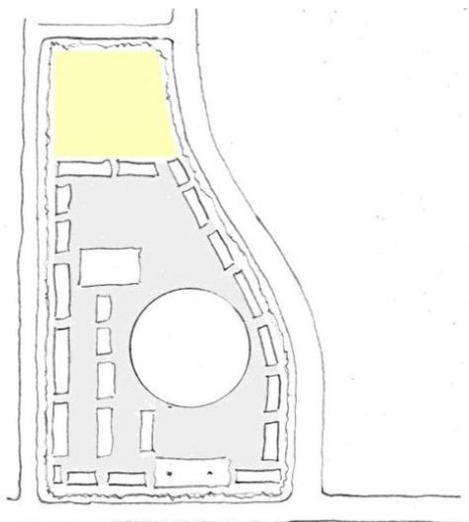


Fig.24 Espaço privado (cinzento)
e espaço público (amarelo)

Apesar de não ser uma preocupação primordial, a organização do acampamento é pensada, se possível, a criar um espaço reservado ao quotidiano dos habitantes do circo, para além da zona de habitação formada pelas rulotes e autocaravanas.

Procura conceber-se um espaço dentro do acampamento, de movimentação livre para as pessoas do circo. Este espaço pode ser utilizado por todos os circenses como zona de convívio, de trabalho e de ensaios artísticos.

Assim, o único espaço acedível ao público, dentro destas “muralhas”, é uma pequena área de avante à entrada principal do *chapiteau*. Uma zona de receção, *hall* de encontro, área de preparação à entrada num “mundo” novo.

C.Estrutura

Alicerces do *chapiteau*

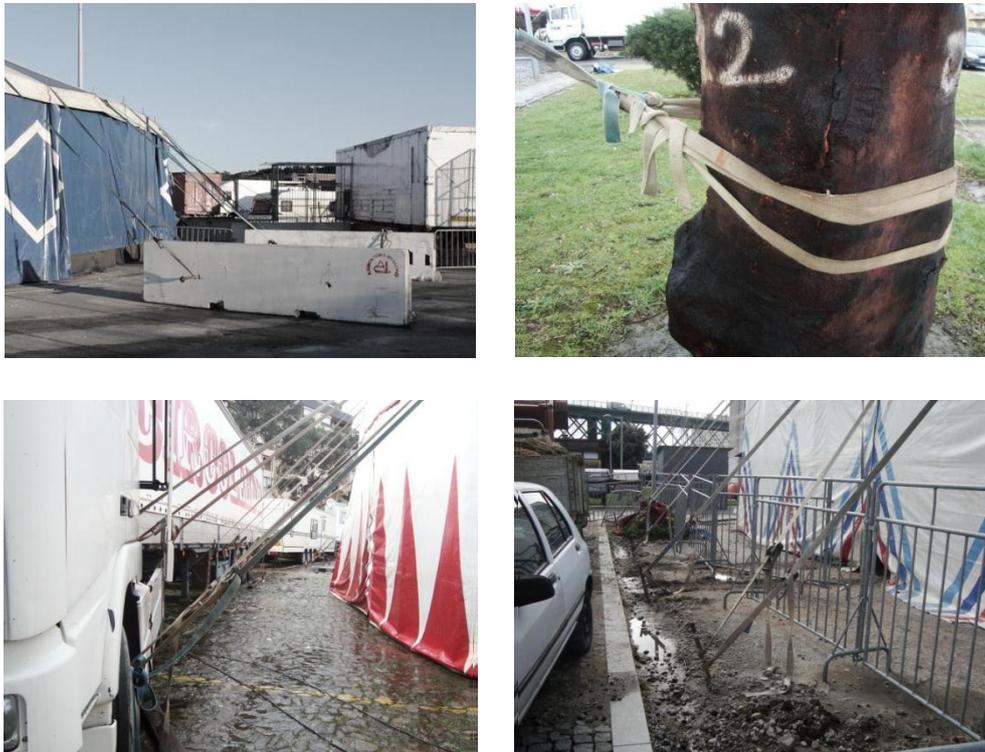


Fig.25 Diferentes tipos de alicerce do *chapiteau*

Um factor bastante importante na instalação de uma companhia é a fixação da tenda no terreno. Isso dependerá muito do tipo de solo encontrado na área escolhida.

Para fazer as amarras dos tirantes que suportam o *chapiteau*, podem ser utilizados, os camiões de transporte (colocando-os em torno da tenda), os troncos de árvores que circundam a tenda, alicerces externos ou estacas espetadas no solo (figura 25).

Estas últimas são utilizadas em último recurso, pois requerem mais tempo e trabalho, mas são necessárias quase sempre que o terreno não é recoberto por pavimento urbano. Por vezes, ainda que exista um pavimento, as estacas são igualmente utilizadas, aproveitando folgas ou aberturas no chão (figura 26).



Fig.26 Tipo de sustentação do *chapiteau* através de estacas cravadas no chão

A desvantagem da utilização dos camiões para as amarras é eles deixarem de poder ser usados para separação do espaço privado do público, na formação da “muralla” circense, e a maior fragmentação das “fachadas” do acampamento. Por outro lado, os camiões em torno do *chapiteau*, conferem-lhe maior resistência a factores externos, como o vento.

Algumas vezes, o município fornece alicerces externos e portáteis, com cerca de 0,50/0,70 metros de altura e 1,50 metros de comprimento. Estes, servem até para a divisão entre o espaço público e privado, visto que este objecto chega a ser alto o suficiente para a marcação divisória de dois espaços diferentes.

Esses apoios são utilizados essencialmente em terrenos cujo pavimento é alcatroado ou pavimentado por outro qualquer material que não possa ser penetrado. Mesmo em terrenos mais maleáveis, em terra batida ou não tratada, utiliza-se às vezes este tipo de alicerce, se estiver disponível, porque facilita sempre a montagem do *chapiteau*.

Em terras penetráveis, se não forem utilizados estes alicerces externos, terá de ser utilizada uma máquina para fazer a perfuração onde são cravados os pilares da estrutura principal que normalmente fazem o perímetro da arena de espectáculo, tal como as estacas que agarram os cabos que esticam o toldo da cobertura e fazem o perímetro do círculo total. Este procedimento, relativo à perfuração do terreno para a colocação dos pilares principais, aplicava-se em tendas mais antigas. Na verdade, hoje em dia os pilares são apenas pousados no chão, sendo levantados com a ajuda de um motor na sua base.

Em alguns lugares, rodeados de árvores, são utilizados os troncos como amarra dos cabos tirantes do toldo da cobertura.

Quando o local não faculta as árvores, e o grupo se encontra em terreno descampado, os camiões em torno da tenda servem de alicerce à estrutura. Neste caso, o campo privado sofre maiores invasões pelo olhar alheio, pois encontra-se muito mais exposto, sem algo que o feche.

Muitas vezes, o maior problema não é tanto estrutural, de como afixar a tenda no chão, mas mais logístico, pela necessidade de um acordo com a Junta ou Camara da localidade para o empréstimo ou aluguer de alicerces.

O problema é que nem sempre as autarquias se apresentam disponíveis para a colaboração com o circo, o que torna a situação de implantação da companhia muito complicada. Devido a tais desacordos, o circo, impelido a mudar de local à última da hora, é impossibilitado de trabalhar por uma semana e obrigado a fazer alterações de agenda, mudando os planos e deixando de apresentar o espectáculo naquela localidade.

Vento



Fig.27 Frame do filme *O circo* de Rui Ribeiro que representa o momento de montagem do *chapeiteau*

O vento é das principais preocupações a ter em conta na montagem da tenda. É necessário considerar a colocação e direcção mais adequadas para não sucederem infortúnios, quer no acto de montagem, quer posteriormente, quando a tenda já está montada.

Uma rajada mais forte pode desmantelar a tenda e com isso atingir qualquer objecto ou pessoa que se encontre no seu interior, ou exterior.

É de facto um risco constante pois um *chapeiteau* poderá possuir grandes dimensões. Os circos portugueses têm dimensões relativamente reduzidas (30/40 metros de diâmetro e 10/15 metros de altura), comparadas com os circos estrangeiros, mas suficientes para acarretar uma dificuldade imensa na sua montagem, sendo precisos bastantes homens e máquinas para o efeito.

Com a acção do vento, a montagem também poderá demorar muito mais tempo que o normal, o que é deveras penoso para o trabalho braçal.

Vai também depender do tipo de tenda o risco que esta pode sofrer. Uma tenda de duas pistas por exemplo, ou simplesmente mais comprida, tendo uma forma mais longitudinal, corre mais riscos de tombar, se for colocada de lado para o sopro do vento (figura 28).



Fig.28 Chapiteau do circo Arlette Gruss

Mas mesmo uma tenda circular, que é o mais habitual em Portugal, com mais ou menos pilares de sustentação, poderá sofrer agitações que podem ser perigosas.

Por isto se utilizam muitas vezes os camiões de transporte de grandes dimensões para o alicerce da tenda, pois, assim, é assegurado o menor contacto com o vento e maior sustentação.

D. Infra-estruturas



Fig.29 Vários tipos de utilização das infra-estruturas disponíveis nos locais de implantação do circo

Além da luz e água disponibilizadas pela natureza, os circos terão de ter acesso a electricidade e a água canalizada. Para isso, terão de pagar certamente uma taxa de aluguer desses dois meios tão fundamentais para a sobrevivência humana e animal, para a preparação e apresentação do espectáculo.

As rulotes e autocaravanas costumam estar preparadas para ter depósitos de água para longas viagens e luz gerada por uma bateria independente da energia do carro. Ainda assim, é necessário abastecer esses depósitos e baterias de quantos em quantos dias, dependendo da capacidade dos depósitos e tamanho do carro. Para isso, é realmente necessário a conexão com as redes públicas.

Surge, assim, um pequeno problema relacionado com a localização do circo na cidade. O que podia aparentar, ser um bom local de instalação, passa a ser um problema preocupante, pois dele depende o trabalho e o quotidiano de todos os elementos do circo. Para os espectáculos à noite e iluminação de propaganda, por exemplo, o circo necessita essencialmente de pujantes energias eléctricas.

Afortunadamente as cidades estendem estas infra-estruturas, mesmo que com menor intensidade, até uma área bastante abrangente, até às periferias, que acabam por se ligar a outras e criar uma rede infra-estrutural bastante completa.

Ainda assim, claramente, estas zonas são providas de menor capacidade de energia e água, tendo o circo que se ligar às escassas fontes que existem.

Para isso, algumas vezes, em lugares realmente afastados dos centros urbanos, onde a única luz existente são lampiões que acompanham as estradas, que se encontram ainda a vastos metros do acampamento, observa-se a dificuldade de ligações, usando-se cabos de comprimentos abismais para as fazer (figura 29).

A água, mesmo que complicada de arranjar pode ser alcançada noutros momentos, fora da hora do espectáculo.

E.Rentabilização de elementos paisagísticos

Tipo e qualidade do solo



Fig.30 Tipos de tratamento do solo

As questões relativas à fixação da estrutura do *chapiteau*, já foram tratadas, mas levantam-se outras.

Por vezes, nos terrenos mais lamacentos, é-se obrigado a fazer tratamento do chão. Na zona da arena circense, onde o espectáculo acontece, é já garantido o cuidado pelo terreno, mas mesmo no exterior do *chapiteau*, junto às caravanas, jaulas e camiões, é necessário tratar o pavimento - fazer alisamentos, juntar terras, revestir com saibro fino ou palha - para não perturbar a fluidez das passagens e não criar demasiado lixo junto à zona de habitação.

Se passar algum riacho pelo campo de acção, é necessário desviá-lo, através de movimentação de terras, até aos esgotos mais próximos.

Árvores

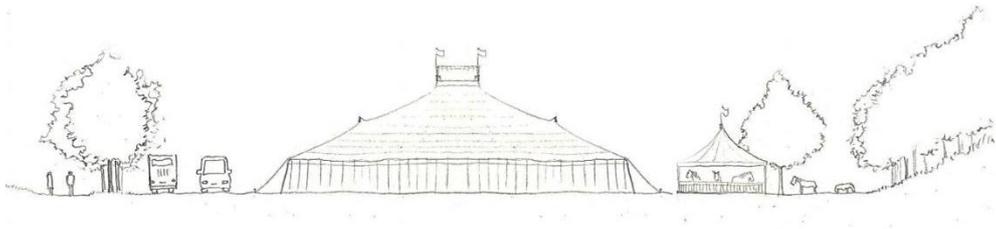


Fig.31 Secção esquemática que representa a disposição de alguns elementos do circo em função das árvores

Em terrenos com árvores, verifica-se uma tentativa de aproximar as habitações circenses das aglomerações arbóreas, ou, no caso de se encontrarem dispersas, daquelas que projectarem a maior sombra. Assim, as rulotes e autocaravanas serão protegidas do sol e calor no verão, do rumor das chuvas sobre os tejadilhos e terrenos lamacentos no inverno, e poderá ainda utilizar-se os ramos e troncos para a fixação de cordas de estendal ou rede de baloiço, para uma sesta ao final do almoço.

Para além disso, uma linha de árvores ou uma grande massa de troncos e folhagens acaba por criar uma barreira visual que permite separar o público do espaço privado. Essa barreira serve também de filtro sonoro e térmico, trazendo um maior conforto para aqueles que habitam aqueles carros.

A colocação da grande tenda junto a um grupo de árvores pode também ser benéfica, pois, como disse, podem servir de barreira ao vento e de amarra aos tirantes estruturais.

Vegetação rasteira



Fig.32 Terreno onde o circo se instala, com vegetação rasteira em abundância - Guimarães

A vegetação rasteira poderá ser perturbadora se ocupar a maior parte da área de implantação, pelo que terá de ser devastada, pelo menos a zona de ocupação do *chapiteau*, que necessita obrigatoriamente de um pavimento liso. Mais importante ainda é a zona mais central - picadeiro e bastidores. O pavimento do picadeiro é sempre tratado, em qualquer lugar, pois é ali que se passam a maior parte dos números artísticos. É necessário alisá-lo, colocar uma camada de feno e posteriormente um toldo plastificado.

Por outro lado, a vegetação rasteira é vantajosa no que diz respeito à alimentação dos animais herbívoros, como os cavalos, burros, cabras, lamas, etc.

Dessa maneira, poupa-se na ração comprada para esse fim e prendem-se os animais cá fora, numa zona mais reservada, aberta, para se poderem movimentar livremente.

Rio/riacho



Fig.33 Rio próximo do terreno onde o circo se instala - Ponte de Lima

Caso exista um rio ou riacho, será utilizado fundamentalmente para saciar a sede dos animais, quando estes são deixados no exterior, seguros por uma corda. Poderá servir também para encher os depósitos, ou lavar utensílios artísticos ou domésticos, evitando a utilização da água canalizada. Pode ainda ser utilizado ludicamente, por qualquer elemento da companhia, que encontra ali um momento de distração na sua vida rotineira.

A exagerada aproximação de um rio de largo caudal pode também trazer problemas de cheias, infiltrações e humidades no inverno. Pode ser traiçoeira e subir até aos “pés” do acampamento e inundar toda aquela área geralmente plana. Isso traria imensos problemas como é bastante óbvio. Os animais podem afogar-se, se não forem auxiliados a tempo, mecanismos poderão danificar-se e o chão ficará submerso. O espectáculo poderá ter de ser interrompido e quando as águas baixarem, o solo, se for em terra batida, ficará muito enlameado.

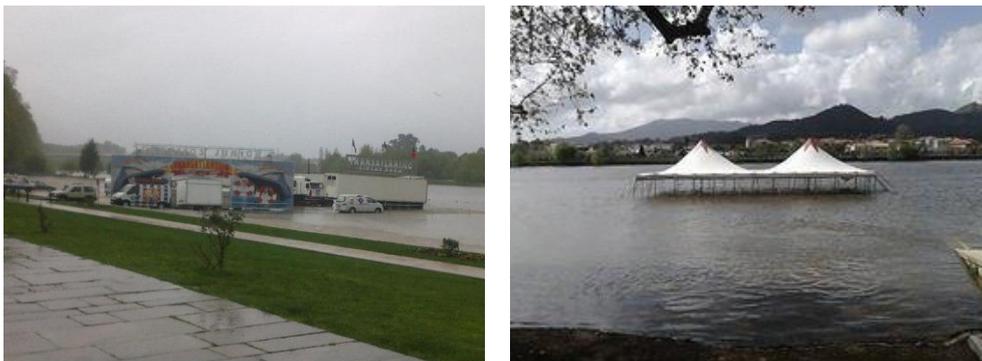


Fig.34 Fotografias da inundação do circo em Ponte de Lima quando o rio subiu de altitude

Exemplos

Nesta parte do trabalho serão mostrados e analisados, exemplos reais de circos instalados em nove diferentes lugares. Para tal, recorreu-se a um estudo de campo – o mais detalhado e profundo possível – acompanhando de perto, os modos de implantação de seis circos diferentes (figura 35).

Para maior compreensão e coerência do estudo efectuado, foi utilizado sempre o mesmo tipo de representação para cada uma das localidades tal como o estudo dos factores urbanos e paisagísticos considerados importantes para a apropriação (inseridos no *Manual*), como o rio, a vegetação rasteira e o arvoredo, entre outros.

A representação utilizada procura detectar igualmente, através das plantas e secções, o tipo de considerações feitas pelas companhias perante a paisagem, valorizadas de modo diferente para cada circo. De todos eles se obteve um tipo de modelo de utilização e apropriação.

	Circolândia	Circo Victor Hugo Cardinalli	Circo Mundial	Circo Nery Brothers	Circo Império Cardinalli	Circo Soledad Cardinalli
Guimarães						
Braga						
Porto						
Vila Verde						
Prado						
Ponte de Lima						
Viana do Castelo						
Póvoa de Varzim						
Barcelos						

Fig.35 Tabela dos exemplos dos circos estudados e respectivos locais de implantação

Vizela

Esta localidade não se encontra na tabela dos casos de estudo analisados simplesmente porque difere de todos os outros. Isso deve-se ao facto de não ter sido averiguada a implantação de nenhum circo nesta localidade pelos motivos que passo a explicar:

No Domingo, 17 de Março de 2013, fui visitar o circo Circolândia, que este ano, tem apresentado o espectáculo “transatlântico circus show”.

Tive conhecimento da apresentação do espectáculo pelo *site* dos circos portugueses, onde se pode consultar os locais de permanência de cada circo durante o fim-de-semana. Isto, porque nesta altura, temporada de inverno/primavera, as companhias organizam-se por fins-de-semana, estando cada uma em localidades diferentes. Viajando segunda-feira, instalando-se na terça e quarta-feira e preparando-se para o espectáculo na quinta-feira. Sexta-feira, Sábado e Domingo são dedicados à apresentação do espectáculo.

Normalmente, nas rotundas das estradas nacionais são colocados cartazes de anúncio ao espectáculo, mas desta vez não me deparei com nenhum. Fui ao centro da cidade de Vizela e averigui junto de um café local, qual o lugar normal de instalação do circo. Indicaram-me o local, mas também me alertaram, para um póster afixado na montra do mesmo café, a anunciar o circo: nome, dia, hora, para a além dos detalhes de localização.

Dirigi-me ao local mencionado mas não encontrei nada, andei às voltas, procurei nas redondezas, perguntei a mais algumas pessoas que passavam mas ninguém me sabia dizer onde encontrá-lo. Passada uma ou duas horas dirigi-me a Guimarães, quando me apercebi de cartazes publicitários nas rotundas da cidade e reparei que anunciava já o espectáculo do fim-de-semana seguinte. Fui até ao local onde o circo se costuma instalar em Guimarães, e lá estava o Circolândia, ainda de tenda desmontada mas já confortavelmente instalado.

Este exemplo demonstra como, por vezes, os circos são obrigados a mudar a rota planeada. Esta ocorrência pode-se dever a vários factores: a falta de conhecimento prévio acerca da localidade e terreno, marcação precoce da localidade a instalar-se posteriormente; desacordo com as autarquias locais; falta de condições para implantação, por vezes observada apenas no momento de instalação; questões paisagísticas e climáticas, que são captadas apenas no dia de chegada ao local ou outras.

Quando tais adversidades ocorrem, os circos são obrigados a mudar de lugar para se instalarem. Normalmente dirigem-se até à cidade, vila ou aldeia mais próxima, para não perderem muito mais tempo em viagem. O problema é que, pelo menos neste período, perderão um fim-de-semana de espectáculo, o que não abastece a quase sempre desprovida tesouraria da companhia.

Prado

Prado é uma vila muito pequena, freguesia de Vila Verde, com cerca de 4472 habitantes, muito perto da cidade de Braga, a uma distância de 10/11 km.

Situa-se junto ao rio Cávado, um rio de largas dimensões.

O circo instala-se habitualmente no centro da vila, que é definido pelo parque da feira, que serve essencialmente para este fim e para estacionamento automóvel. O desenho deste parque é bastante cuidado e inserido no contexto da vila, nos seus fluxos e formas urbanas. A malha urbana é caracterizada por um forte afunilamento em direcção à ponte centenária que faz a estrada para Braga sul. O parque quebra-se em duas partes deslocadas para inserção na antiga malha urbana, pelos enfiamentos direccionais e relação com a envolvente. Essa quebra é formada por uma estreita estrada que divide o parque em dois e que liga outras duas importantes vias de rodagem.

Agregada à praça, passa a principal estrada para quem entra ou sai da vila e para a qual o circo se volta de frente, com o grande anúncio de entrada e bilheteira. Junto observa-se também a igreja da vila, sobre um pequeno rochedo que marca o centro; um pequeno canteiro de fonte central e estacionamento lateral e ainda uma bomba de gasolina voltada para a estrada principal.

Apesar de um desenho perimétrico bastante rígido, o interior da praça é desprovida de um desenho marcado, o que possibilita uma qualquer apropriação livre do espaço. Esta demarcação é ainda reforçada pela disposição “aleatória” das árvores, que ainda assim é distinta daquelas junto à estrada, de uma espécie diferente que fazem o alinhamento da via.

A imagem da implantação do circo neste lugar é formada pela camuflagem que a grande massa de árvores e camiões da companhia atribuem à paisagem. A tenda é colocada no espaço sobrando entre todas estas árvores e camiões.



Fig.36 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:5000



Fig.37 Esquema da topografia da localidade Escala 1:5000

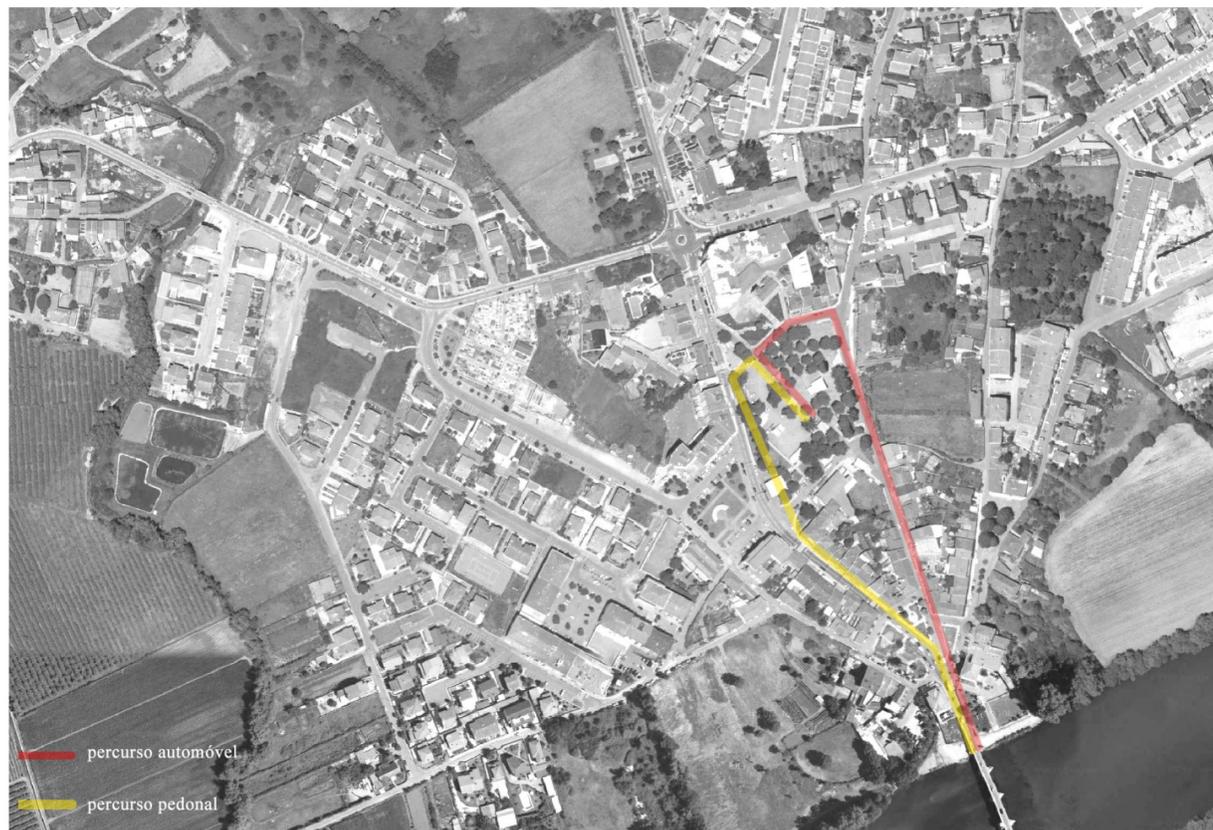


Fig.38 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:5000



Fig.39 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:2500

**Caso de estudo:
Circolândia**



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

A vegetação rasteira existe apenas em canteiros que enfeitam a praça. De frente para esta, abre-se um lote agrícola que poderia servir perfeitamente para a implantação circense e para a alimentação dos animais, pois possui dimensões e uma centralidade propícias para isso, mas como é uma propriedade privada não é utilizada. Assim, a alimentação dos animais é feita nos estábulos por produtos adquiridos à priori. Passa também um rio nas proximidades mas demasiado longe para haver qualquer relacionamento com a companhia.

A praça tem um desenho muito marcado e complexo que não é compreensível à primeira vista. O polígono que forma a praça é cortado diagonalmente, ligando duas ruas principais da localidade e, deste modo, criando dois triângulos ligeiramente desfazados. Parece que, de certa forma, o circo tende a acompanhar estas linhas através da arrumação dos camiões e da curvatura do *chapiteau*. Rege-se em parte pelos alinhamentos do traçado urbano mas ao mesmo tempo acaba por formar um perímetro um pouco dissonante, organizando-se num “L” que não respeita as formas essenciais da praça.

Fig.43
Planta. Escala 1:2000

Em pequenas localidades, qualquer que seja o lugar de instalação do circo, ele será sempre facilmente encontrado por aqueles que desejam assistir ao espetáculo. O seu anúncio é rapidamente divulgado, quer por via de cartazes, quer pelo avistamento do *chapiteau* praticamente garantido, devido às reduzidas dimensões da povoação.

Em Prado, o circo instala-se na Praça da Feira - a praça principal da vila - e é, deste modo, avistado por todos. Frui de grande espaço para implantação e estacionamento, público e privado, e de uma grande massa arbórea que o protege do sol mas que sobretudo lhe confere uma atmosfera confortável e uma imagem harmoniosa.



Fig.40 Localização do mar, rio ou canal



Fig.41 Área de vegetação rasteira



Fig.42 Localização de arvoredo

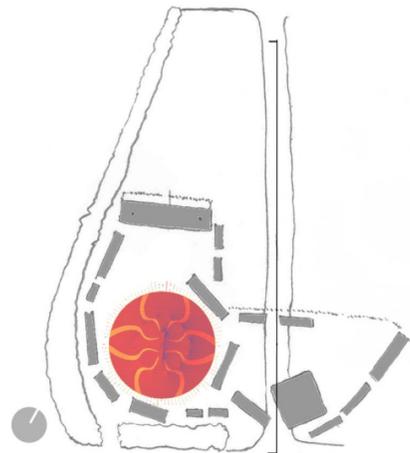


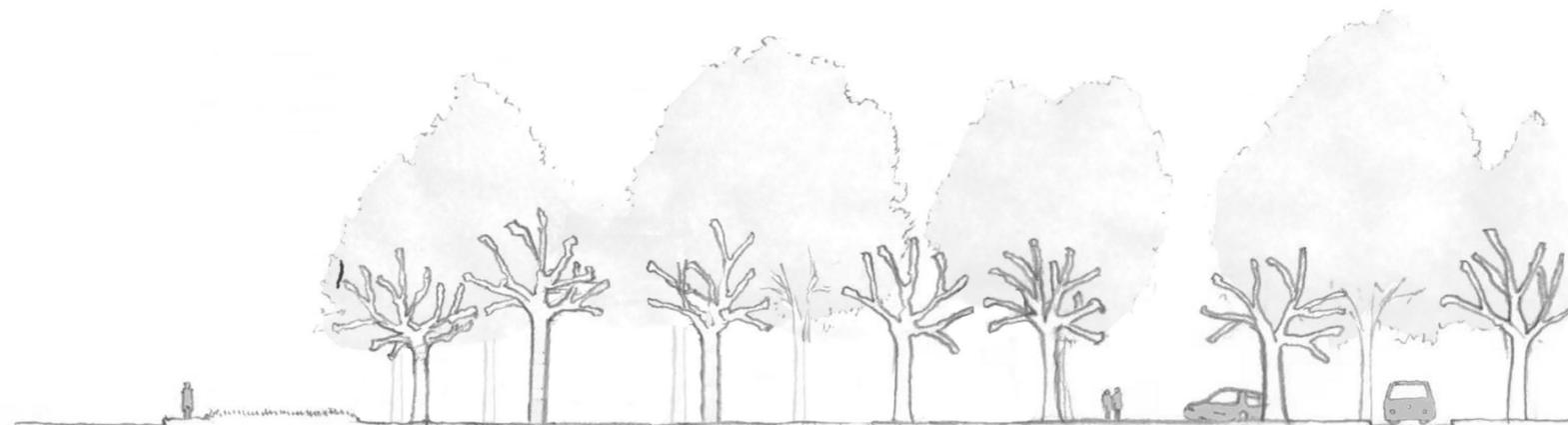
Fig. 47
Cortes esquemáticos



Fig. 48 Antes - o lugar



Fig. 49 Depois - o lugar e o circo



O estábulo inserido neste segundo espaço, volta-se para fora, para uma rua secundária, mas ainda assim frequentada por transeuntes que o podem ver. Uma outra jaula é virada para a praça, pelo que o felino que lá se encontra serve de chamariz. É uma tática frequente por parte das companhias, mas é o Circolândia que o costuma fazer separando o felino dos restantes mamíferos, colocando a jaula do felino mais exposta do que o estábulo. Mesmo colocados em “fachadas” diferentes, os animais encontram-se muito perto uns dos outros em relação à zona interior, e também próximos da porta dos bastidores.



Pode considerar-se que este terreno possui o melhor tipo de solo para a fixação do *chapiteau*. É, à partida, o mais adequado no que diz respeito à higiene e limpeza do pavimento, que vai proporcionar conforto e uma melhor imagem da companhia. Estando o chão limpo, o público é mais rapidamente convidado a entrar, ao contrário do que acontece com pavimentos em terra desconfortáveis em dias chuvosos. Este tipo específico de pavimento permite a sustentação do *chapiteau* através da fixação de estacas. Para esta fixação, tem naturalmente de se remover uma ou duas pedras, ou no caso do padrão do pavimento ser irregular e aberto, usar o espaço entre peças. O Circolândia utiliza essencialmente esta técnica, mas na zona em que a tenda é circundada por camiões e árvores, a fixação é feita a estes elementos.

Apesar de o circo em questão (Circolândia) se caracterizar por um ligeiro facilitismo na montagem do *chapiteau* e na instalação do equipamento circense, neste caso, talvez devido às condições urbanas envolvidas, a implantação é feita de forma excepcional. O *chapiteau* é colocado na zona mais ampla do triângulo, ficando rodeado por uma curvatura marcada por árvores.

O portal e bilheteira são colocados estrategicamente voltados para a rua principal da vila por onde passam todos aqueles que circulam na localidade. O espaço entre o *chapiteau* e a bilheteira é ladeado por duas linhas de automóveis que “abraçam” também a tenda (de forma a suportá-la), criando assim uma muralha de protecção do espaço “privado” do circo em relação ao espaço público.

Não se importando com a utilização da praça por outros utentes, e assumindo isso, esta implantação quebra a via que intersecta a praça a meio, criando mais um espaço “muralhado” perpendicular a essa via central. O acampamento pode assim contar com dois espaços exteriores “privados” - um para o espectáculo e outro para o quotidiano.



Fig.44 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.45 Tipo e qualidade do solo



Fig.46 Estrutura - tipo de alicerces

Braga

Braga é uma cidade com cerca de 112 129 habitantes. Como plano urbano, caracteriza-se por uma cidade de grandes vias rápidas automóvel que intersectam o centro.

A malha urbana é então “rasgada” por uma série de largas vias que cortam as freguesias.

O circo encontra-se no cruzamento entre as duas maiores e mais movimentadas vias de alta velocidade da cidade. O ponto onde se tocam é distribuído em três diferentes níveis e complexificado ao nível das ligações.

Adjacente a uma destas vias (Av. João Paulo II), encontra-se um parque de actividades físicas e lúdicas. O parque estende-se longitudinalmente entre a avenida e um riacho. O rio, embora pequeno e de pouco tratamento, embeleza e isola o parque da lutada zona habitacional. A parede divisória entre o parque e a via rápida constitui-se por uma fila de vastos salgueiros.

Na continuidade do parque, num dos seus extremos, em contacto com a segunda via (Av. Frei Bartolomeu dos Mártires), encontra-se o descampado onde se instala o circo, separado do resto do parque por muros e um portão, mas também por uma pequena estrada de acesso à primeira via. Esta parte sofre de um desleixamento de projecto urbano que se faz distinguir da zona de actividades.

O circo instala-se num descampado em terra circundado por: o rio que estreita nesta zona; por uma bomba de gasolina que serve a via rápida; por uma grande área livre de parque de estacionamento automóvel, que faz o vértice do cruzamento entre as duas principais vias; por um trilho pedonal, sombreado por uma fileira de bétulas e salgueiros que fazem o alinhamento de árvores na zona do parque.

Verifica-se uma sobreposição de elementos diferentes colocados ali com intenções muito distintas, que tentam harmonizar-se e “trabalhar” em unísono mas penso que não conseguem. Verifica-se uma série de alinhamentos trazidos do desenho do parque, um estacionamento de serviço aos campos lúdicos, linhas de árvores para isolamento sonoro e visual, mas que parecem trechos sobranes de um plano que caem no descuido.



Fig.50 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:20000

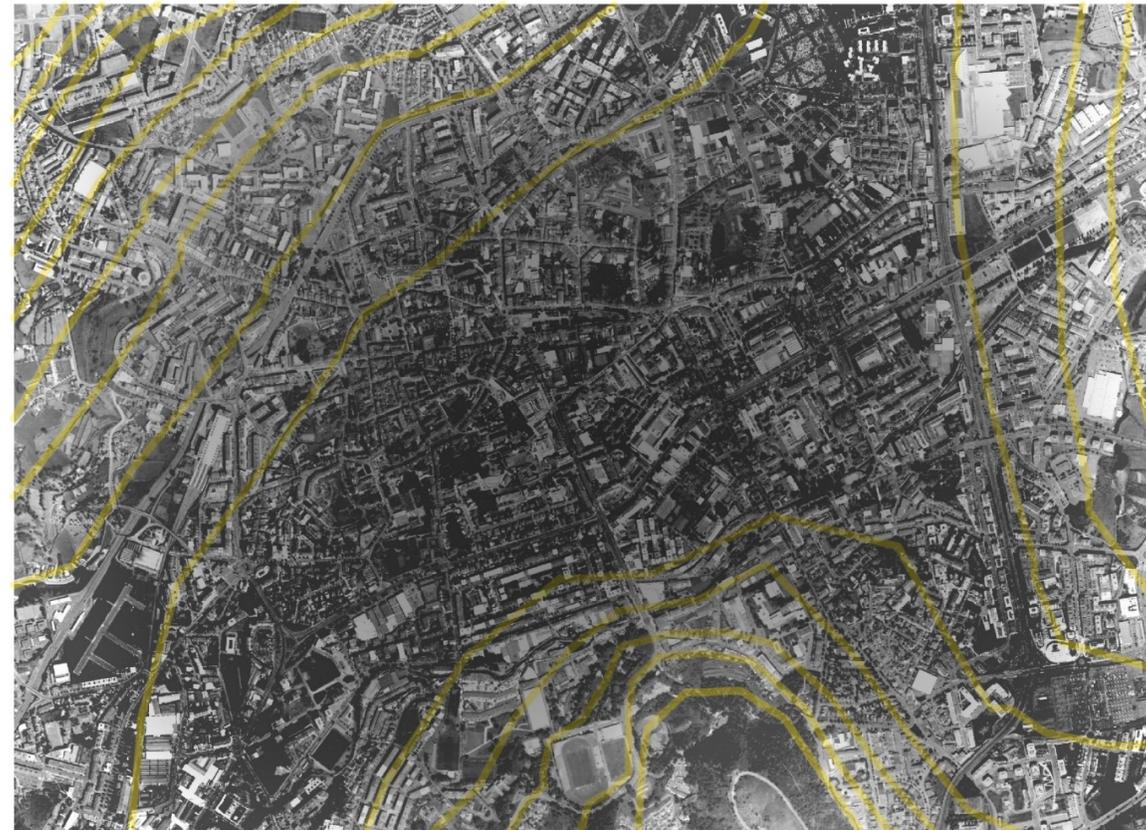


Fig.51 Esquema da topografia da localidade Escala 1:20000

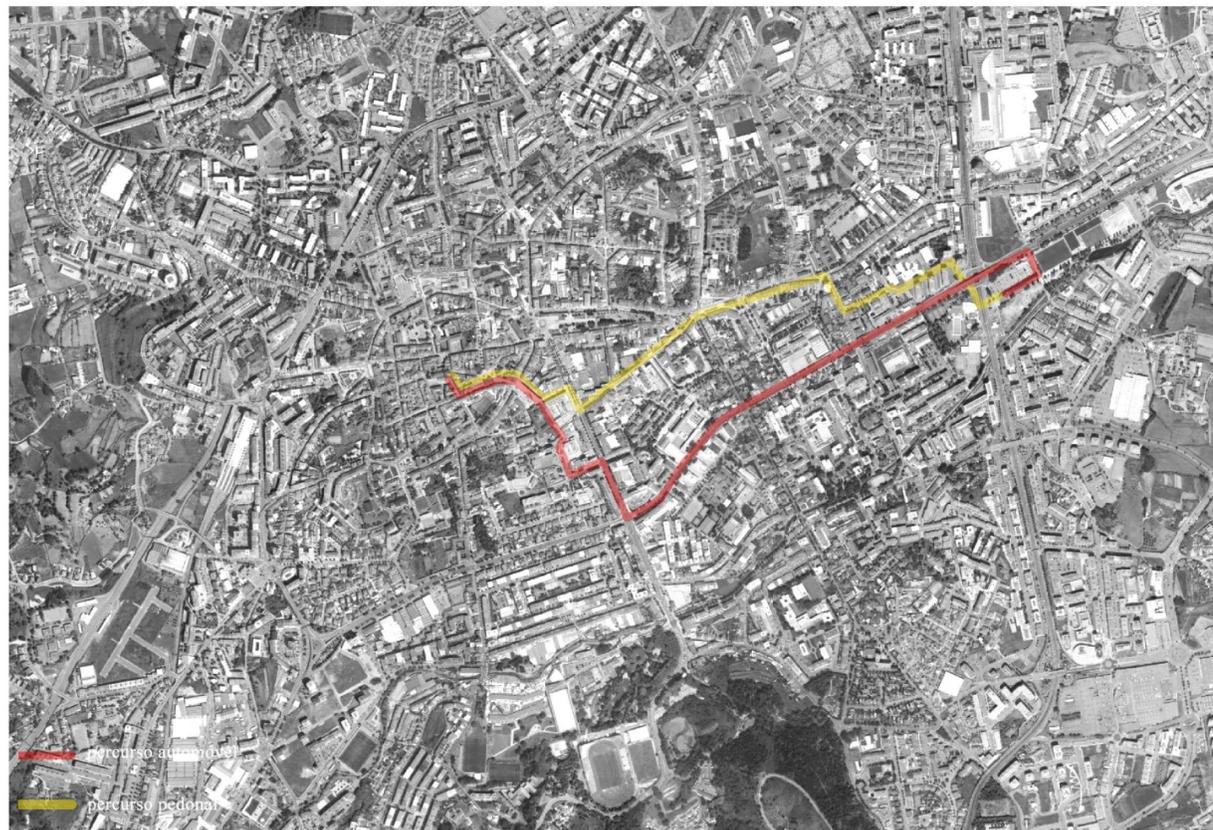


Fig.52 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:20000



Fig.53 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:5000

Caso de estudo:
Circo Império Cardinalli



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

A vegetação rasteira, ótima para a alimentação de mamíferos pertencentes à companhia, é um pouco irregular, mas mesmo assim, do pouco relvado que possa existir, é ainda possível saciar o apetite de alguns animais.

A marcação de árvores neste lugar é feita por linhas que acompanham a horizontalidade do terreno e o contorno do rio. Sendo transversais a uma das vias automóvel que por ali passa, não bloqueiam a visualização do *chapiteau*, de um dos seus lados. Mas numa outra via rápida paralela às linhas de árvores, as copas fecham um pouco o terreno onde o circo se implanta. Contudo, as árvores poderão servir de abrigo às rulotes, autocaravanas e algumas vezes às jaulas dos animais.

Se a forma geral do acampamento acompanhasse a longitudinalidade do terreno, tirar-se-ia, com certeza, maior partido daquilo que a paisagem oferece. Não se perderia a relação com os carros que passam por aquelas duas vias principais e ainda se favorecia o contacto com os peões que atravessam o terreno no seu comprimento. Neste exemplo de implantação, observa-se uma separação entre os camiões de transporte e os carros privados. Entende-se que o circo tenha dado prioridade à colocação dos camiões e estábulos junto do *chapiteau* para maior facilitismo na montagem da tenda. Por outro lado, foi retirada privacidade e perdeu-se requinte expositivo, porque foram colocados os carros privados na entrada do acampamento.

Fig.57
Planta. Escala 1:2000

O local de implantação do circo na cidade de Braga, parece ser de extrema qualidade, ao nível da exposição ao público e anúncio do espectáculo. Posiciona-se no cruzamento entre duas vias rápidas que intersectam o centro urbano na zona de maior movimento automóvel, o que proporciona para um maior aliciamento por parte dos automobilistas.

O lugar, é favorecido por três características naturais bastante valiosas para a apropriação da paisagem (rio, vegetação rasteira e arvoredo).

O Rio Este, é um rio estreito que por ali passa, que poderia servir para vários motivos na estadia de uma companhia, mas que neste caso não é utilizado.

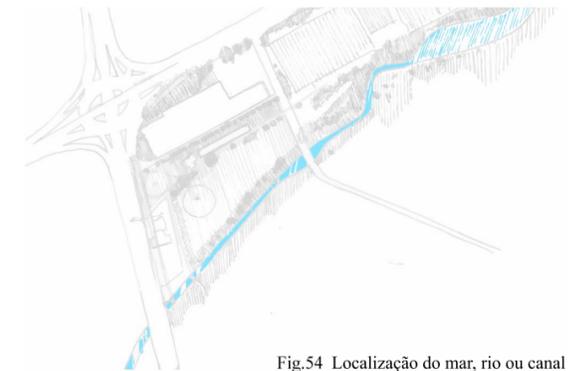


Fig.54 Localização do mar, rio ou canal

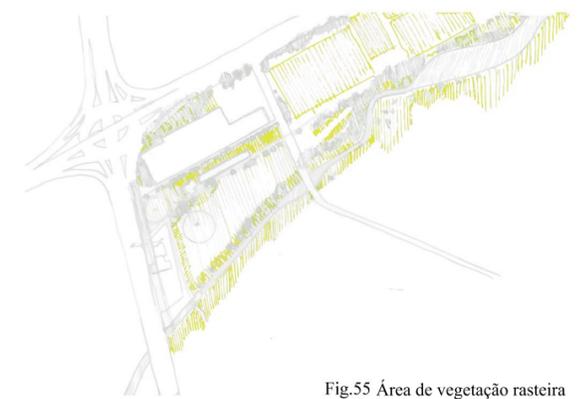


Fig.55 Área de vegetação rasteira



Fig.56 Localização de arvoredo



Fig.61
Cortes esquemáticos



Fig.62 Antes - o lugar



Fig.63 Depois - o lugar e o circo

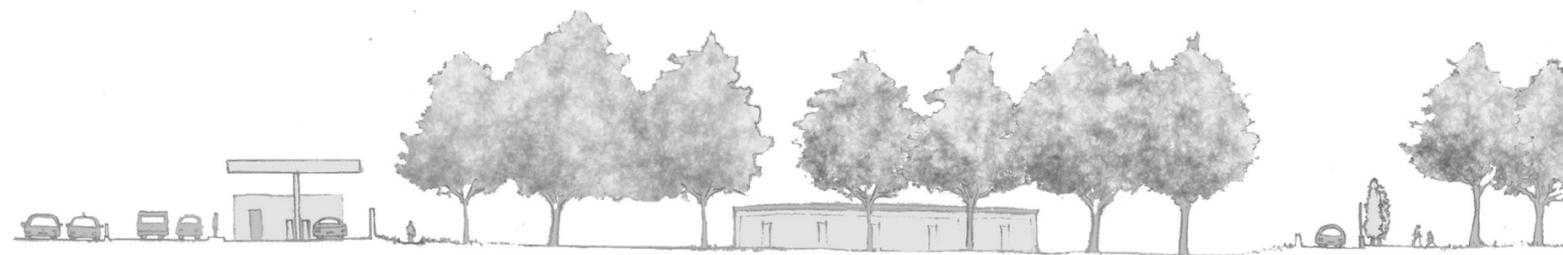


Fig.58 Morfologia e permeabilidade do solo

Neste tipo de terreno, o mais habitual é a utilização de espigas cravadas no chão que agarram os tirantes presos ao toldo, para a sustentação do *chapiteau*. Às vezes, mesmo neste tipo de terreno, são os camiões que suportam a tenda. Toma-se essa opção porque facilita a montagem da tenda, e evita a perfuração do terreno com a máquina específica para esse fim. Neste exemplo, é utilizada a maneira mais habitual para este tipo de solo, o que vem a garantir a libertação do perímetro do *chapiteau*, que já por si, poderá ser uma vantagem por permitir uma maior abertura visual da tenda e por criar uma imagem mais limpa do circo. A libertação dos camiões do suporte do *chapiteau*, resulta numa melhor organização do acampamento, pois estes podem ser utilizados para criar limites mais estabelecidos, criar barreiras entre o público e o privado, que sirvam também de “murais” anunciativos virados estrategicamente para uma rua. O equívoco deste exemplar, é que, mesmo libertando os camiões, o circo não os utiliza de forma coerente e acaba por empobrecer a imagem da companhia.

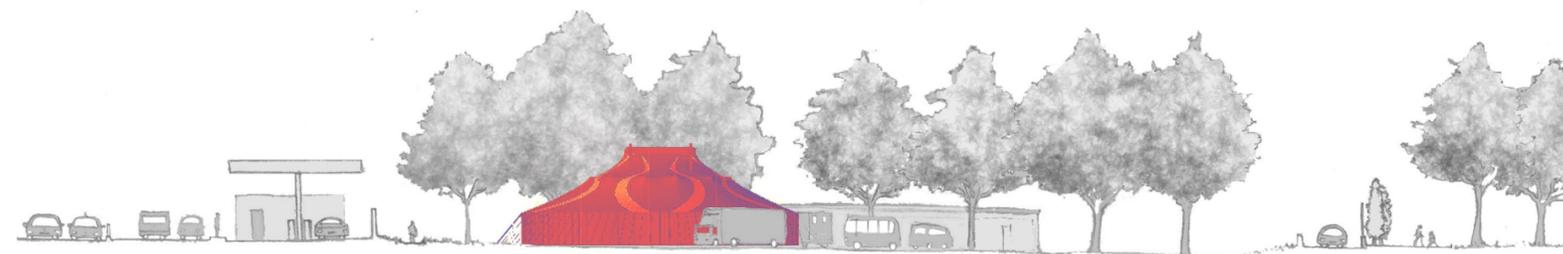


Fig.59 Tipo e qualidade do solo

O grande problema deste circo neste lugar específico, é a fragilidade na forma como se apropria da paisagem. Acaba por ter vários benefícios que o lugar pode oferecer mas não os utiliza devidamente. Toma algumas atitudes interessantes e com potencial para fruir deles mas não os leva correctamente até ao fim. Verifica-se o desinteresse por alguns atributos da paisagem, como o rio, ou o mau aproveitamento das sombras das árvores, pelo frágil posicionamento do *chapiteau* e veículos. Os animais são colocados ao sol, junto à entrada dos bastidores do *chapiteau*, quando podiam estar sob as copas das árvores que estão junto à via pedonal que atravessa o terreno. Claro que, nesse caso, o circo abdicaria do facilismo de trajecto, desde os estábulos ao interior do *chapi-teau*, mas ganharia em questões de captação de público. Toma-se como princípio libertar os camiões de transporte para colocá-los longe da tenda, optando por outra forma de alicerce. Se é tomada tal decisão, poderia seguir-se o princípio até ao fim, e libertar as jaulas para assegurar conforto aos animais.



Fig.60 Estrutura - tipo de alicerces

Nesta zona urbana, o terreno é praticamente todo plano, (que é uma das condições fundamentais para a estabilização da tenda de circo). Sofre alguns desníveis, mas muito pontualmente: junto ao rio, onde se afunda um pouco e na via paralela ao terreno, que sobe a um certo momento para criar uma ponte, e por sinal, um óptimo miradouro sobre a cúpula do *chapiteau*.

O solo onde é realmente possível montar a tenda, é todo ele em terra batida, por vezes, em algumas zonas, coberto por “mantos” de erva.

Foi já colocada uma gravilha grossa no círculo ocupado pela tenda e na zona de entrada e bilheteira, possivelmente por alguma companhia, ou pelo Município, a pedido de todos os outros circos que passam por este terreno ao longo do ano. Isso evita a sujidade e oferece uma maior consistência ao terreno. Caso contrário, no período de inverno, o terreno tornar-se-ia desconfortável devido às chuvas, quer para os trabalhadores do circo, quer para os espectadores. É um grande problema dos campos em terra batida, quando acumulam imensa água por serem forçosamente planos, pois ficam enlameados.

Guimarães

Com cerca de 52 181 habitantes, Guimarães é uma cidade relativamente pequena onde as pessoas se podem mover facilmente a pé, para qualquer parte no interior do centro urbano.

O lugar onde o circo se costuma instalar faz parte deste centro urbano, pois poder-se-á encontrá-lo em 5/10 minutos a pé, desde a praça principal da cidade, mas fica já numa zona de pouca construção, encostada ao sopé do monte da Penha, que apresenta uma abundância vegetativa. Ainda assim, grande parte desta área verde é privada, utilizada para campos de cultivo.

O *chapeau* implanta-se num descampado, originado pelo encontro entre a construção expansiva da cidade e os terrenos agrícolas pré-existentes.

É um espaço restante, sem qualquer tipo de planeamento. A forma deve-se à marcação das novas estradas que por ali passam para conectar as novas construções da cidade.

Observa-se então a falta de planeamento que resulta numa dispersão de elementos construtivos pela paisagem agrícola e selvagem.

Para servir as grandes unidades de habitação e o centro histórico ali a poucos metros, mas afastando o trânsito automóvel do centro, verifica-se em abundância, parque de estacionamento automóvel, ainda assim, subdividido em pequenos espaços espalhados pelo local.

O terreno ocupável forma-se em “L”, sendo que apenas um segmento é ocupado, pois o outro é já em declive e forrado pela vegetação agreste.

As rulotes, autocaravanas e maquinarias de habitação são afastadas do interior do terreno, para serem estacionadas nos parques das imediações, distribuindo assim os carros por grande parte do estacionamento existente.

A vegetação é maioritariamente rasteira e selvagem, salvo a vegetação plantada nos campos e uma ou duas linhas de árvores na cota mais baixa de habitação.



Fig.64 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:10000



Fig.65 Esquema da topografia da localidade Escala 1:5000

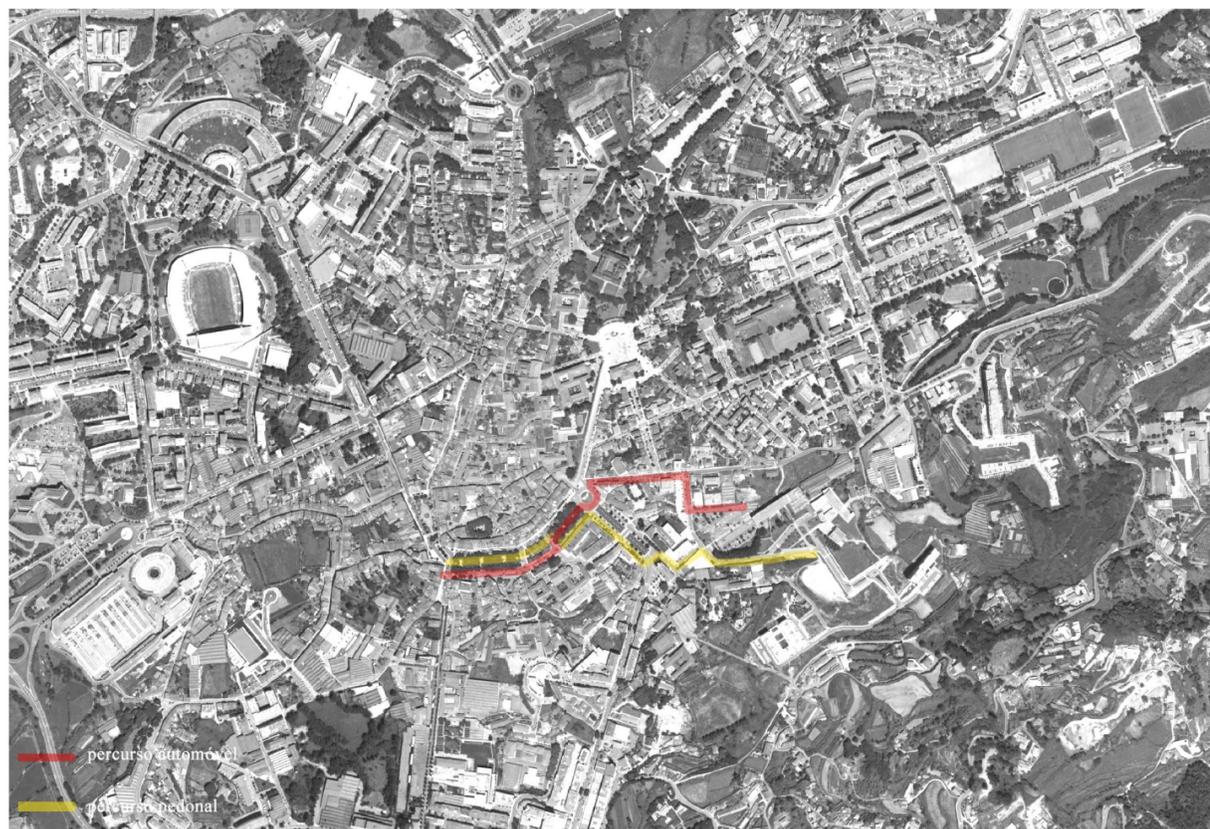
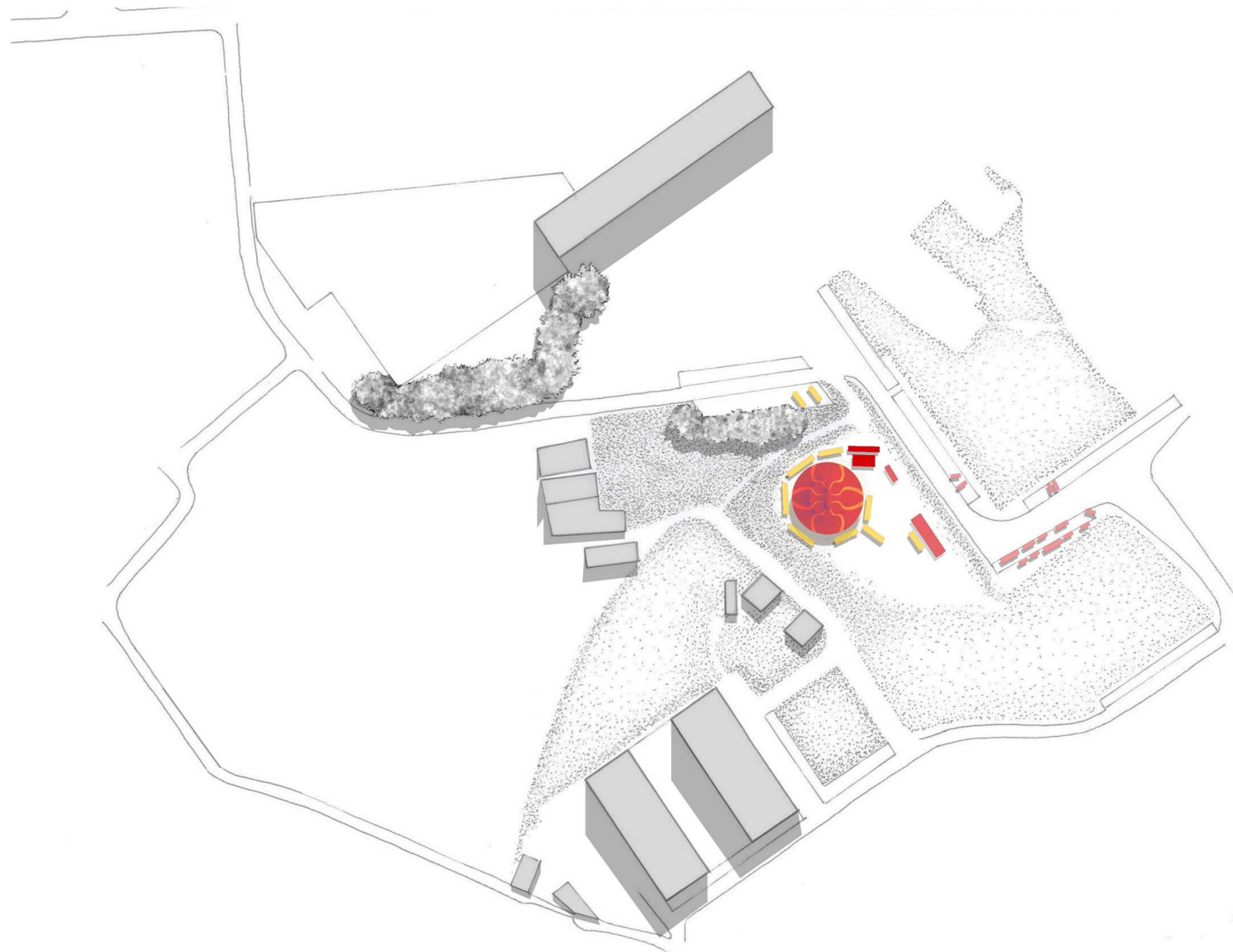


Fig.66 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:10000



Fig.67 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:2500



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

O círculo de implantação da tenda está feito, o terreno tratado e a terra batida - são factores favoráveis que incentivam a instalação. Além disso, a curvatura do talude que delimita o terreno, também incentiva a colocação do *chapiteau* naquele local, porque o protege de ventos e olhares alheios. A diferença entre os dois circos está sobretudo no posicionamento dos veículos e estábulos. A simples direcção de um camião ou posicionamento do estábulo, pode influenciar toda a beleza de um acampamento circense. Isso poderá influenciar o sucesso de ambas as companhias. O exemplo de profissionalismo demonstrado pelo Circolândia, reside sobretudo no modo como se expõe ao público.

Ainda assim, certamente existirão pontos a favor do Circo Mundial não alcançáveis por este, mas na verdade é impossível alcançar a perfeição. Aquilo que é mais surpreendente neste caso, e completamente fora do comum, é que o circo se apropria pouco do lugar e por isso se torna mais eficaz. Comparando os dois casos, dá a entender que o uso do território enfraquece a imagem do circo. Isto é, o Circolândia, encolhe-se mais sobre si mesmo, concentra-se em um ou dois espaços e evita ao máximo utilizar o terreno onde se encontra, mas atinge um certo requinte; o Circo Mundial, dispersa-se mais, utiliza o espaço que lhe é dado, mas torna-se mais fragmentado.

Fig.71
Planta. Escala 1:2000

Apresenta-se exclusivamente uma repetição do lugar, com a implantação de companhias diferentes. Começa-se com o Circolândia e termina-se com o Circo Mundial.

Na verdade, esta primeira implantação (Circolândia) é muito semelhante à do exemplo seguinte (Circo Mundial), apenas alguns detalhes mudam. Mesmo assim, são os pormenores que podem fazer a diferença no desenvolvimento quotidiano da companhia, tal como no seu sucesso artístico.

Sendo exactamente o mesmo lugar, é evidente a semelhança entre as duas implantações em aspectos mais gerais. A colocação do *chapiteau* exactamente no mesmo sítio, é algo absolutamente intuitivo, neste caso, por causa da “pegada” existente no terreno, criada por antigas companhias.

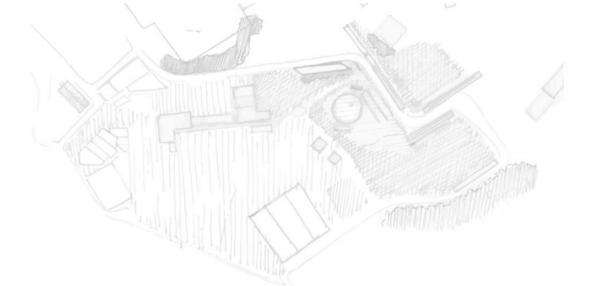


Fig.68 Localização do mar, rio ou canal

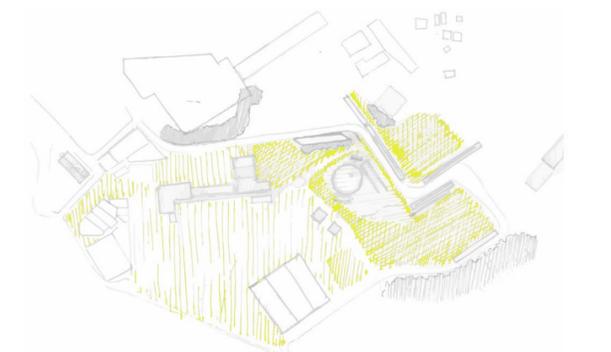


Fig.69 Área de vegetação rasteira



Fig.70 Localização de arvoredo

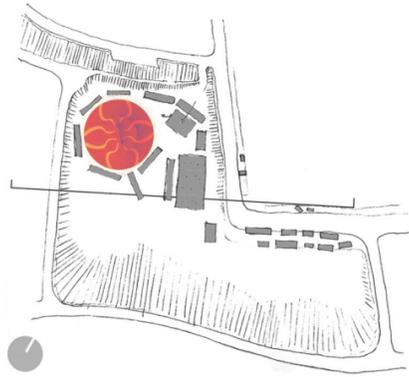
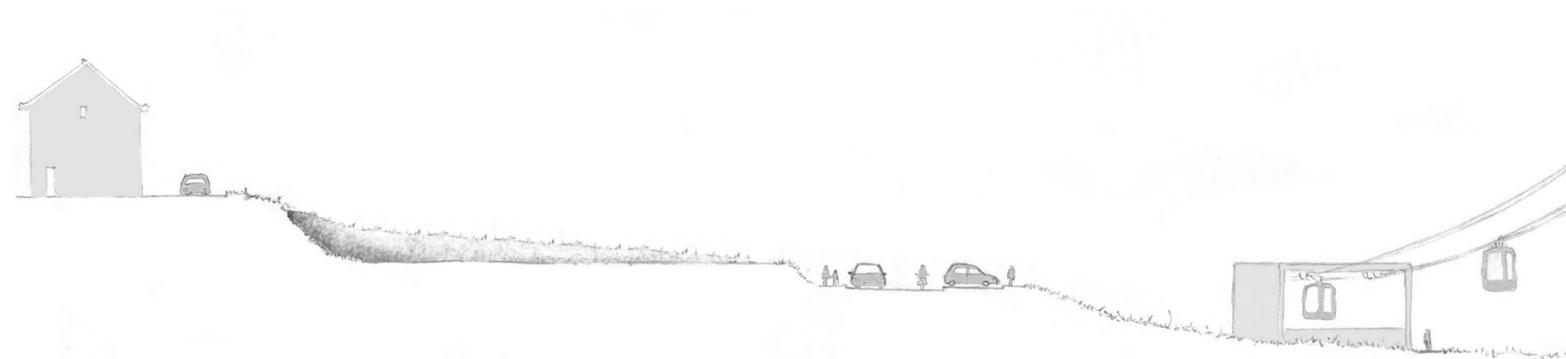


Fig.75
Cortes esquemáticos

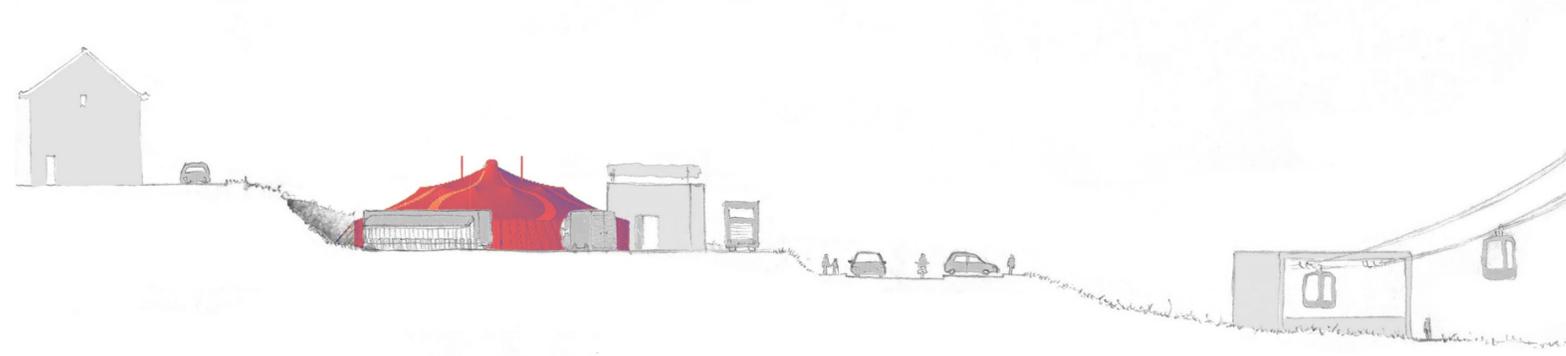


Fig.76 - Antes - o lugar



A morfologia do terreno permite o maior resguardo das zonas privadas, como o acesso aos bastidores do *chapiteau* e às jaulas dos animais. Para além disso, protege também a grande tenda de fortes rajadas de vento que podem ser perigosas para a sua estabilidade.

O pavimento é em terra batida, sem grande tratamento na área de instalação do *chapiteau*. Há vegetação rasteira na zona mais afastada da tenda e arborização mais densa no topo da escarpa. No inverno, este terreno traz muitos problemas, pois com as chuvas, a terra amolece e converte-se em lama que dificulta a decorrência normal da vida circense. Certas vezes, surgem linhas de água acumuladas pela chuva, que descem monte abaixo e alagam esta área mais plana. Todavia, esse problema chegou a ser uma vantagem para o Circo Mundial que se estudará a seguir, quando a própria companhia rasgou um rego no solo que conduzia a água às fossas mais próximas, sem incomodar a movimentação dos artistas ou criar problemas de infiltrações. Os mamíferos que fruam do privilégio de estar fora durante o dia, bebiam dessa água como se de um bebedouro se tratasse.



O Circolândia, neste lugar específico, utiliza dois métodos diferentes para a sustentação estrutural do *chapiteau*. Num tipo de solo como este costuma-se fazer a perfuração do mesmo e sustentar a tenda por tirantes presos a estacas cravadas nessas perfurações. Mas o tempo e desgaste físico são factores de decisão nestes grupos itinerantes, o que faz com que os camiões de transporte de mercadoria sejam utilizados para a própria sustentação do *chapiteau*, colocando-os em seu redor, em vez de se perder tempo e energia com a perfuração do pavimento. Isto também facilita a sua construção pois o material encontra-se mais perto do ponto de montagem. A utilização dos camiões para alicerce, traz problemas na organização do acampamento e separação entre o espaço público e privado, pois são eles muitas vezes que servem de barreira entre os dois campos.



Fig.77 Depois - o lugar e o circo



Fig.72 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.73 Tipo e qualidade do solo

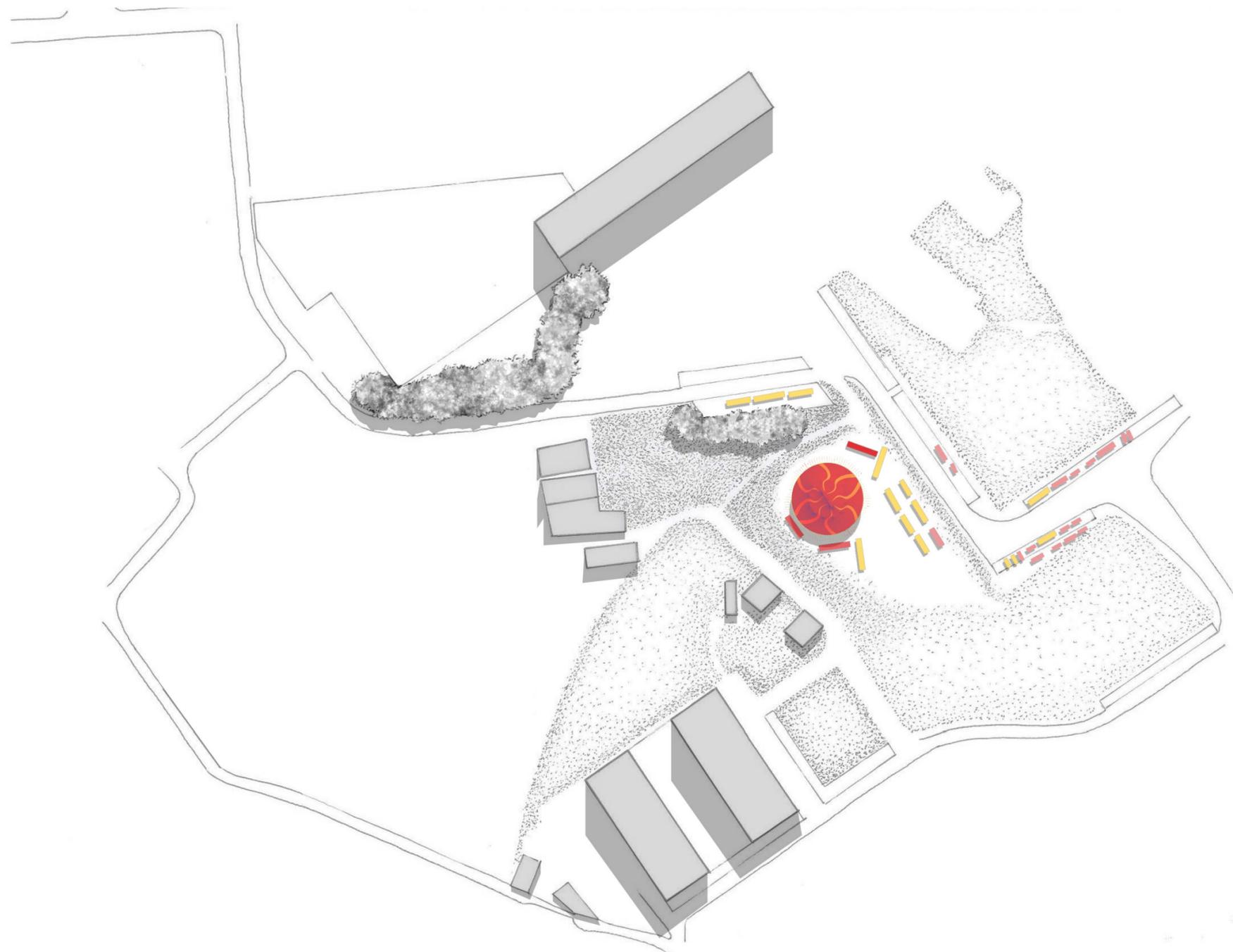


Fig.74 Estrutura - tipo de alicerces

Verifica-se neste exemplo, uma separação entre camiões de cargas e rulotes de habitação. Estão maioritariamente reunidos em duas zonas distintas. Os camiões de transporte reúnem-se junto ao *chapiteau*, para auxílio aos alicerces da tenda e por facilidade na sua montagem. As autocaravanas são instaladas, em último, na única zona livre ali ao pé. Estão um pouco dispersas, pois colocam-se apenas onde existe estacionamento disponível, embora se note a tentativa de as manter juntas e em linhas paralelas, para a criação de um núcleo privado.

O lugar é provido de luz e água canalizada, utilizadas para o aparatoso anúncio de iluminação, mas também para o quotidiano dos utentes circenses.

Uma das particularidades deste terreno, raramente encontradas nos lugares de instalação dos circos, é a sua varável morfologia. Embora existam prós e contras em relação à topografia do terreno, neste caso, as vantagens são superiores aos prejuízos.



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

O ribeiro serve de bebedouro para alguns animais que possam estar no exterior livremente durante o dia. A vegetação rasteira não é muito abundante mas é suficiente para a alimentação dos animais que repousam naquele espaço. Não existem grandes massas de árvores, mas a fileira junto ao terreno de implantação, cobre os camiões que lá se encontram estacionados abrigando-os um pouco da incidência solar. O elemento essencial para a organização de todo o acampamento é o *chapiteau*, que neste caso se encontra num terreno plano.

Ao colocar-se a grande tenda perto do talude, o *chapiteau* protege-se do vento de sudoeste. Também por causa do talude, os artistas que entram e saem da tenda durante o espectáculo, ficam mais protegidos aos olhares curiosos de transeuntes que não assistem ao espectáculo. Isto porque durante o espectáculo, os artistas têm, por vezes que sair do *chapiteau* e deslocar-se até aos camarins - que são os seus próprios veículos, ou então uma rulote específica para este fim - para trocar de figurino. Se os camarins se encontrarem cobertos pelo talude, a movimentação é mais tranquila.

Fig.81
Planta. Escala 1:2000

O *chapiteau* posiciona-se no terreno eleito, parecendo que acompanha a curvatura do talude que o circunda a uma cota mais alta. Este desnivelamento acaba por proteger e resguardar uma zona mais privada do acampamento, dirigida aos artistas, bastidores e jaulas dos animais, como acontecia no Circolândia. A diferença de cotas, tal como os camiões paralelos à estrada de maior movimento, servem de barreira entre o público e a zona mais privada, utilizada para a movimentação dos artistas e utentes do circo e para os animais, em horas de pasto. Não existe nenhum rio, mas como já foi referido, observou-se a posse de uma fuga de água, através da criação de um pequeno ribeiro, que ia desaguar a uma rede de esgotos.

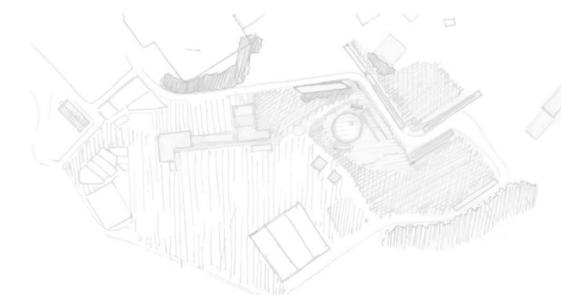


Fig.78 Localização do mar, rio ou canal

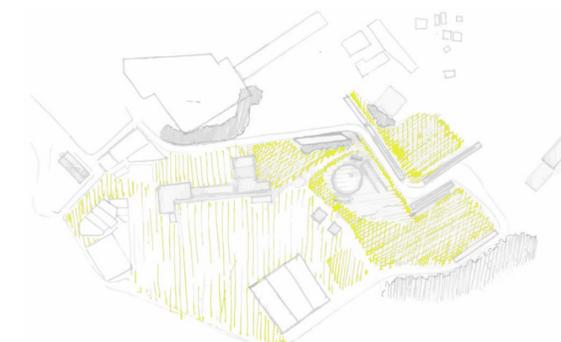


Fig.79 Área de vegetação rasteira



Fig.80 Localização de arvoredo

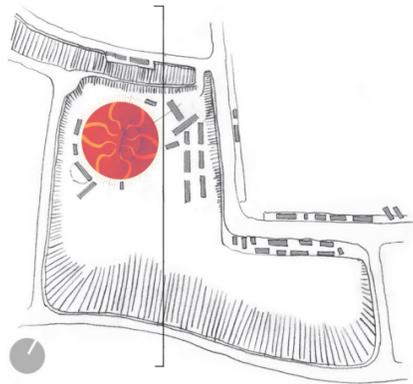


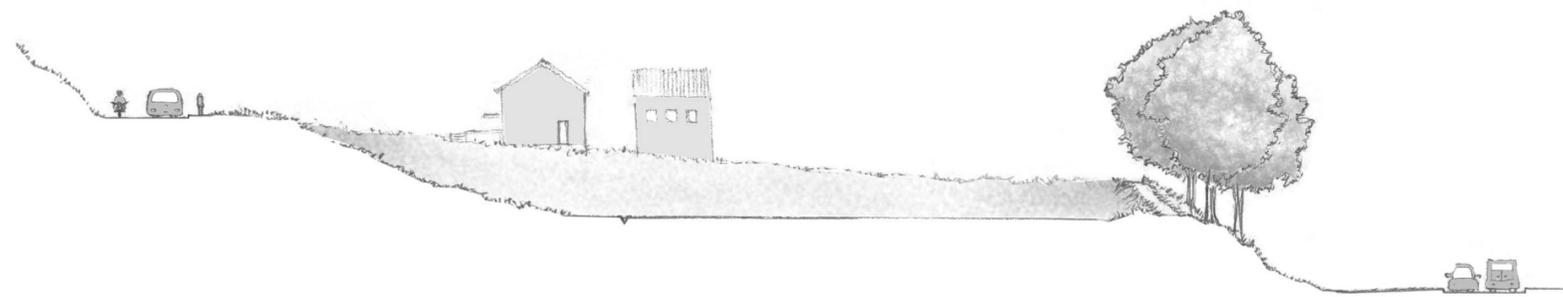
Fig.85
Cortes esquemáticos



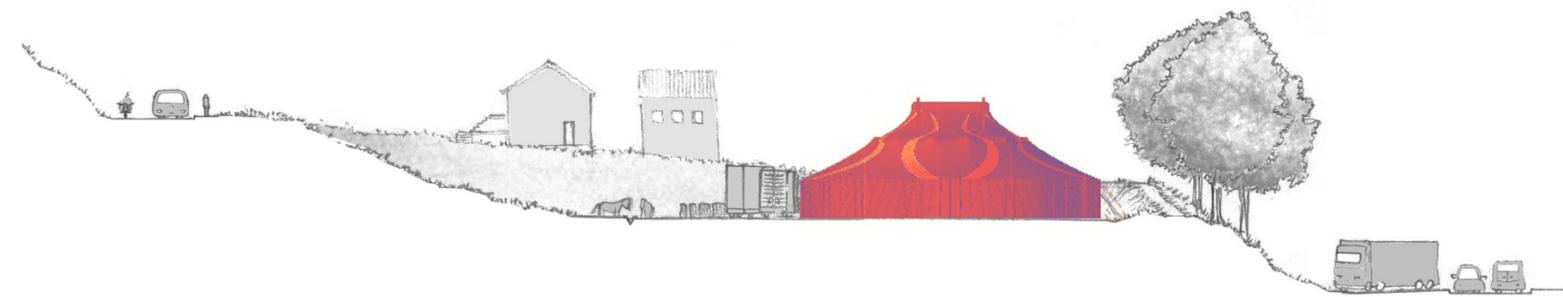
Fig.86 - Antes - o lugar



Fig.87 - Depois - o lugar e o circo



Como já foi referido, o Circo Mundial fragmenta-se muito pelo terreno, libertando quase totalmente o *chapiteau* de camiões que o envolvem. Prefere assim, expôr a totalidade da tenda, de cima a baixo. Utiliza essencialmente a perfuração com estacas e aproxima apenas um ou dois camiões para maior facilidade na montagem e desmontagem do *chapiteau*. Os outros camiões são colocados em diferentes zonas: na zona de habitação, no parque de estacionamento; no terreno principal, paralelos à estrada, criando uma barreira e marcando a posição do circo; e no estacionamento mais a baixo, sob algumas árvores. Por um lado, a colocação de camiões no estacionamento sob as árvores, é um factor positivo para introduzir o espectador no mundo do circo, já que mais abaixo, no início do percurso pedonal/automóvel, não se consegue visualizar nenhum elemento circense. O espectador, vindo do centro urbano da cidade, na cota mais baixa, chega e é surpreendido pela entrada luminosa do circo à sua direita, depois dos camiões.



O Circolândia, por sua vez, recolhe-se mais na zona do terreno de implantação. Isso também se deve às menores dimensões do circo, comparando-o com o Mundial. Apesar disso, compreende-se que é também por um factor mais conceptual - no que respeita a funcionalidade/organização - que essa recolha é feita. Para o Circolândia, o facilitismo construtivo associa-se constantemente à preocupação expositiva e composição de uma imagem circense graciosa. Fora do terreno, utilizam apenas um dos estacionamentos automóveis ali ao pé, para criar a zona de habitação, já por ela, muito contida em si mesma. No terreno, usa-se os camiões à volta da tenda para a sua sustentação e colocam-se os restantes e mais imponentes (que normalmente servem de anúncio publicitário e bilheteira) na zona de entrada, acrescentando ao rol de ingresso, uma pequena tenda que serve de *hall*. Dá-se então muito ênfase à entrada e ao estábulo dos animais que é colocado paralelo à estrada, onde o Circo Mundial tinha uma linha de camiões de transporte.

O Circo Mundial, comparado com o Circolândia, é mais autêntico como estrutura itinerante, e não se constrange tanto pelo uso do espaço.

Este circo distribui-se mais pelo terreno. Utiliza os estacionamentos automóveis nas redondezas para as ruínas, autocaravanas e camiões tal como o Circolândia, mas é nos pormenores vivenciais que se destaca. Foi este que rompeu um canal para desvios de águas que serviu de bebedouro aos animais, que utilizou um sofá, trazido por eles ou obtido naquele sítio, e o colocou num espaço exterior entre ruínas, colocou roupa a secar onde lhe convinha, sem se preocupar com a apresentação ao público que a vê, etc.

No acampamento do Circolândia não se observaram tais coisas. Observa-se um ambiente limpo e sossegado e sobretudo reservado. A própria contenção da arrumação dos elementos do material, demonstram um pouco o espírito desta companhia.

São essencialmente os usos que fazem a diferença entre circos, contudo, a disposição do acampamento diz muito sobre si.



Fig.82 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.83 Tipo e qualidade do solo



Fig.84 Estrutura - tipo de alicerces

Porto

O Porto é mais uma cidade costeira, mas de carácter metropolitano, que não se cinge apenas ao primeiro facto para gerar a sua economia e quotidiano social. O mar é apenas mais uma condição a tomar em conta como característica da cidade.

Tem cerca de 237 584 habitantes e considera-se assim quase uma capital, pela história e vida actual. A malha urbana é bastante densa por essas mesmas razões, observando-se uma sobreposição de camadas de construções e reabilitação e um alargamento vasto na sua periferia.

Já fora do centro histórico, o plano urbano é bastante denso, havendo um traçado já muito definido de há tantos anos e por isso, uma grande percentagem de “cheios” e pouca percentagem de “vazios”, sendo esta destinada a lugares específicos, como parques ou jardins.

Mesmo a marginal mais próxima do centro histórico, considerada ela mesma ainda parte do centro urbano, é já muito definida e desenhada, sobrando poucos espaços abertos para nova construção ou inserção de outros elementos construtivos de grandes massas.

O circo, instala-se num destes redutos espaços, alusivos à exibição de concertos e festivais e a grandes concentrações de pessoas. É ainda dos poucos espaços que sobram para este efeito no centro urbano do Porto. Foge um pouco ao núcleo mais agitado e movimentado da cidade, mas é de facto dos poucos espaços sobrantes e talvez, o único fornecido pela autarquia.

Chamam-lhe de *Queimódromo*, pois cá se faz a festa de fim de ano lectivo para os estudantes universitários. É um espaço relativamente grande, suficiente para albergar milhares de pessoas. Junto ao mar, tangente a uma das principais vias rápidas que contornam a cidade, a Estrada da Circunvalação, que também liga à IC1 e A28. Por esta via passam milhares de viaturas por dia, que entram ou saem da cidade e que poderão avistar a cúpula do *chapiteau* se assim estiverem atentos, pois neste caso, a sua visualização é mais restrita, uma vez que todo o perímetro do *Queimódromo* é enclausurado por uma rede alta, revestida por chapas opacas, que servem de vedação.

Apesar de se localizar numa zona habitacional tangente à Circunvalação, junto à praia e Parque da Cidade, este espaço passa um pouco despercebido para um transeunte comum, pois fecha-se em si mesmo, através das referidas vedações, pela topografia ondulada do Parque e da praia - que também servem de barreira visual - e pela própria via rápida automóvel que afasta o peão.

Deste modo, a grande “pradaria” de alcatrão onde assenta o circo, estando à mesma cota que a via automóvel, permite apenas a visualização da cúpula circense, sendo praticamente o único factor de atractividade.

Contudo, a restrição de área de implantação não é um problema que se opõem às companhias circenses que por aqui passam, pois existe espaço para 20 circos ou mais.



Fig.88 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:30000

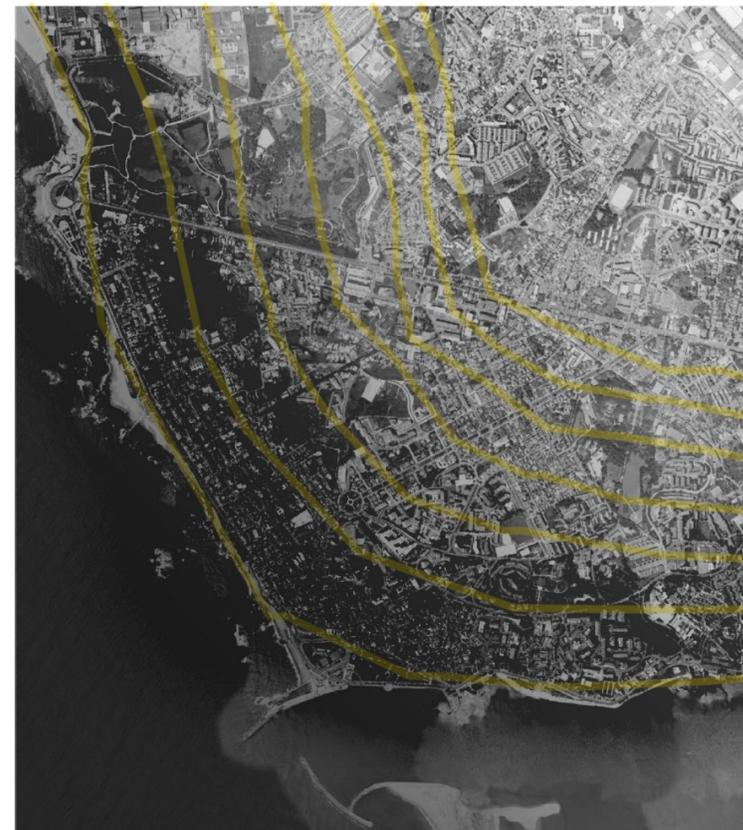


Fig.89 Esquema da topografia da localidade Escala 1:30000

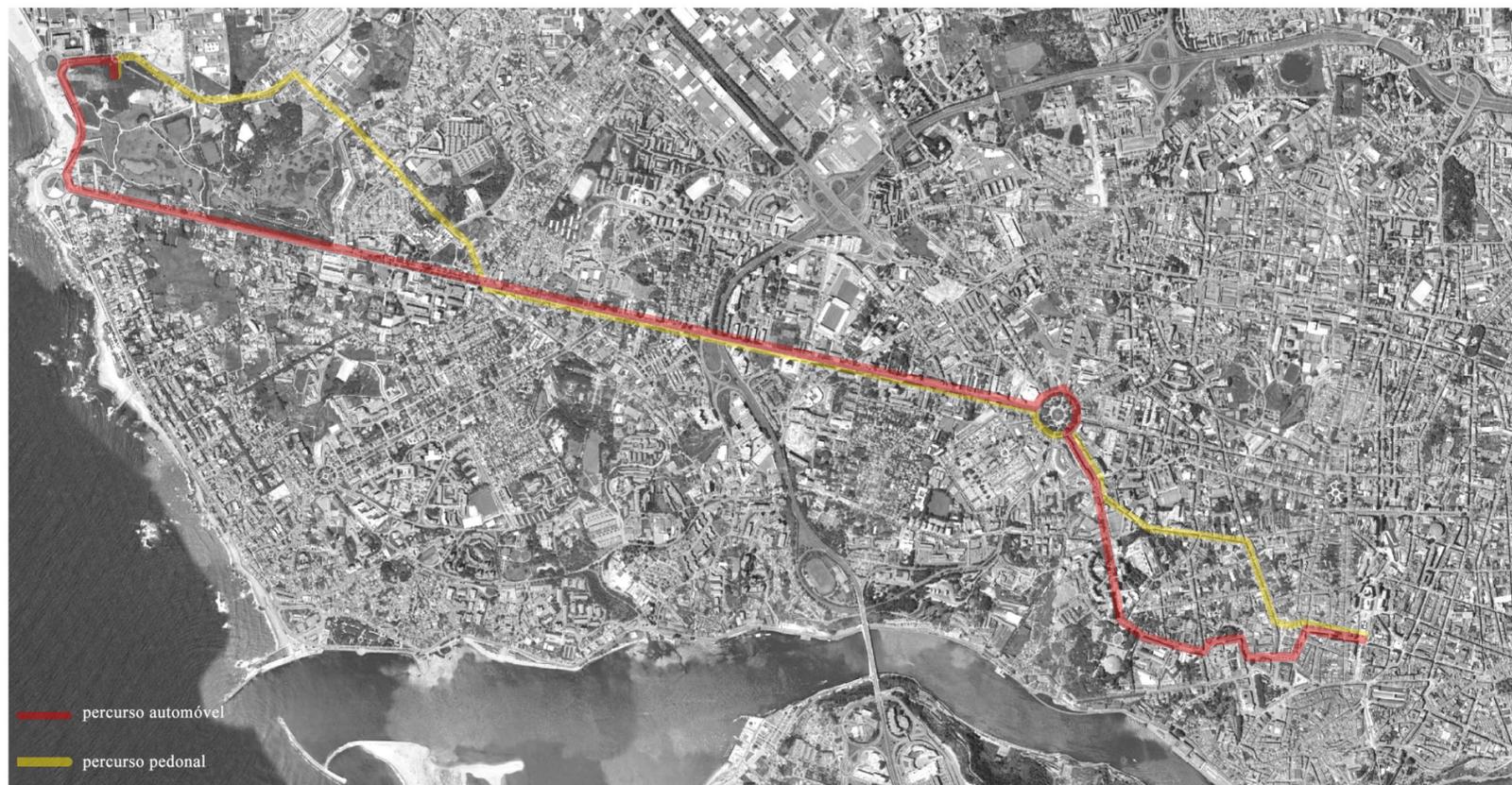
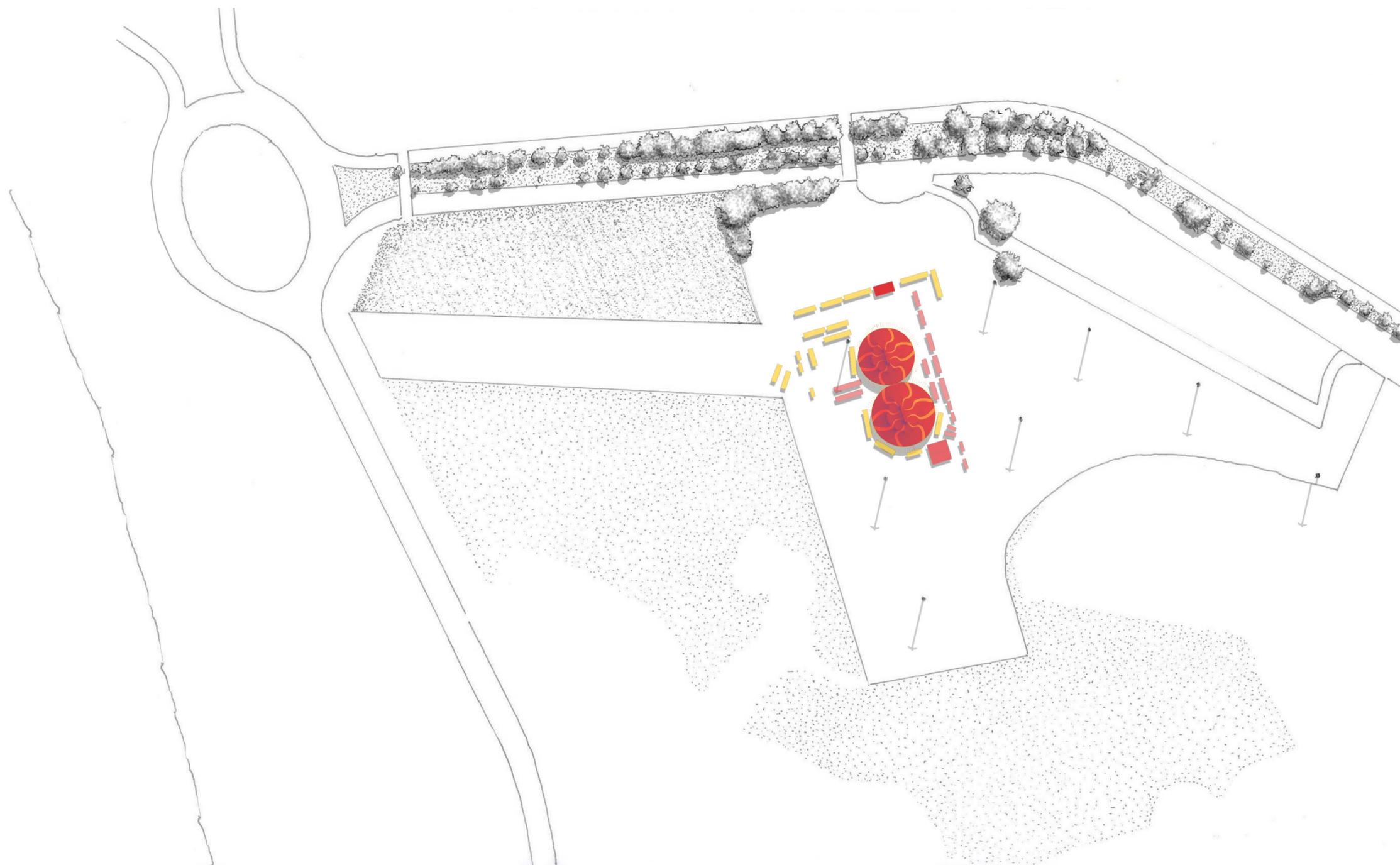


Fig.90 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:30000



Fig.91 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:7500

Caso de estudo:
Circo Soledad Cardinalli



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

O lugar, chamado de *Queimódromo* pelo evento aqui ocorrido, tem características muito positivas para uma companhia se instalar, mas só analisando mais detalhadamente o sítio é que se percebe que ele se encontra “vedado” por uma série de obstáculos que o tornam quase inalcançável. Existe mar e praia que atraem gente, mas só numa época do ano e, ainda assim, é complicado informar as pessoas do espectáculo que decorre mesmo ali ao pé. Não há vegetação rasteira na área de acampamento e as poucas árvores do local estão um pouco dispersas.

O terreno é limpo e plano mas tão duro, por ser alcatrão, que acaba por dificultar a montagem da tenda. O terreno está inserido no grande Parque da Cidade mas a sua relação com ele é quase nula. Não há ligações entre os dois espaços e observa-se até uma tentativa de os separar, através de diferenças de nível, muros e vegetação. É portanto lamentável que exista tamanha separação entre estes dois espaços - *Queimódromo* e Parque d Cidade - pois uma eventual união poderia trazer maiores benefícios ao circo, devido à entrada de mais gente no seu espaço de implantação.

Fig.95
Planta. Escala 1:2000



Fig.92 Localização do mar, rio ou canal



Fig.93 Área de vegetação rasteira



Fig.94 Localização de arvoredos

O espaço dedicado à implantação do circo no Porto é proporcional à cidade na sua dimensão. É um espaço normalmente utilizado para grandes eventos sociais. Haverá mais destes espaços distribuídos pela cidade, mas este é aquele disponibilizado pela autarquia. Por isso se verifica o mau posicionamento do circo no contexto urbano. Aqui, poucas pessoas saberão da sua existência. E mesmo passando uma via de imenso tráfego automóvel ali ao lado, existem barreiras que bloqueiam o contacto visual. Apenas utentes do Parque da Cidade e prévios conhecedores poderão aperceber-se da existência do circo naquele lugar.

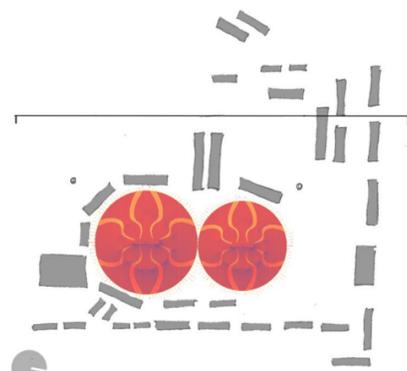


Fig.99
Cortes esquemáticos



Fig.100 Antes - o lugar



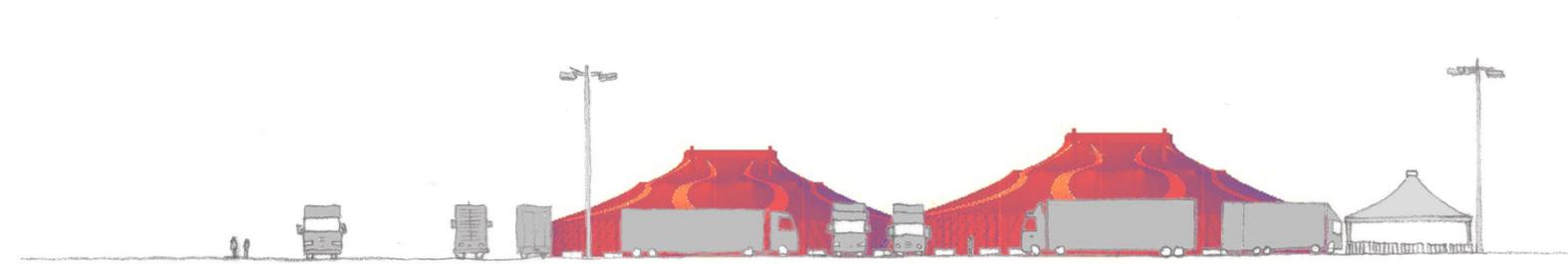
Os estábulos foram estrategicamente colocados na zona mais calma do acampamento, no lado contrário às bilheteiras, junto à entrada dos bastidores do *chapiteau*, para maior rapidez nas entradas e saídas dos animais. Foram assim posicionados também para ficarem expostos ao público que passa na zona do parque de estacionamento.

Os camiões de cargas encontram-se do lado oposto à linha de rulotes, econdidos pelas tendas. Assim podem estar mais dispersos no espaço, sem prejudicar a imagem geral do circo. Verifica-se a proximidade dos camiões ao *chapiteau* principal para a sua montagem interior ser mais simples e veloz e ainda para fortificar a sustentação deste pelas amarras directas aos para-choques.

Destacando-se das restantes, duas autocaravanas encontram-se deste mesmo lado, perto dos camiões de cargas, posicionadas perpendicularmente ao eixo



Fig.101 Depois - o lugar e o circo



estruturante do acampamento. Possivelmente são rulotes que servem de camarins para alguns artistas que precisam de trocar de figurino rapidamente durante o espectáculo.

Apesar de uma boa organização, não existem camiões suficientes para fechar perimetralmente as grandes tendas e agarrar os cabos tirantes que as mantêm de pé. Deste modo e sendo o solo tão duro, foi necessário requisitar umas sapatas externas para se prenderem os cabos, como é possível ver na figura 98. Estes equipamentos não só serviram de alicerce aos dois *chapiteaux* (nas situações em que não há camiões), como complementaram as rulotes na divisão do espaço público do espaço privado. Isso permite a construção de um “cerco” mais seguro para a zona privada. Caso contrário, haveria carros e pessoas que se aproximariam demasiado das casas dos circenses, comprometendo a privacidade.

Apesar do escasso aproveitamento do potencial paisagístico e do infortúnio da localização do lugar na malha urbana da cidade, este circo consegue estabelecer uma organização e exposição do acampamento de forma bastante eficaz e delicada.

O desenho em planta revela desde logo o cuidado que se teve na colocação de todos os elementos no espaço.

Entendem-se intenções muito claras e eficazes na planta que são favoráveis ao dia-a-dia do circo.

Colocam-se as duas tendas - que é uma opção do proprietário para criar maior imponência na forma como o circo assenta e se apresenta no terreno - entre dois postes de luz.

A entrada e bilheteira, tal como os camiões de anúncio, são colocados numa das extremidades do acampamento voltados para a entrada do *Queimódromo*.

Faz-se uma linha de autocaravanas, paralela às tendas e postes de luz, para proteger o espaço privado do circo, em relação ao estacionamento automóvel e à restante área.



Fig.96 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.97 Tipo e qualidade do solo



Fig.98 Estrutura - tipo de alicerces

Viana do Castelo

É uma cidade com cerca de 30 000 habitantes. Situa-se junto ao mar e é separada em duas margens pela foz do Rio Lima.

O centro histórico e urbano da cidade encontra-se do lado norte, margem direita do rio, e desenvolve-se ao longo deste até ao mar. A cidade é servida por um porto para grandes barcos comerciais, de cargas e viagens, que se instala mais junto ao mar, e um outro, que detém o carácter de marina, na zona mais central, mais afastado do mar.

Existem duas pontes que ligam a margem sul à margem norte: a ponte nova e a ponte velha. A ponte nova é mais afastada do núcleo urbano dando entrada directa na auto-estrada A28 e na IC1. A ponte velha é ainda bastante utilizada pelo peão, pelo automóvel e pelo comboio, por ser mais central e dar acesso mais directo ao centro histórico e a outras localidades da zona sul. Possui uma grande percentagem de fluxos, essencialmente automóveis, que a atravessam constantemente, sem um único momento de tráfego nulo.

O circo costuma-se instalar num espaço junto ao rio, próximo da ponte velha, imediatamente ao lado do apoio da ponte, do lado do centro da cidade. Quando se atravessa a ponte, é possível avistar claramente a cúpula do *chapiteau*, na sua maior imponência e magnitude, tal como, com mais atenção, todos os elementos pertencentes ao circo.

O espaço facultado para este fim, insere-se no centro urbano da cidade, sendo possível alcançá-lo a pé ou de carro, sendo este circundado de uma grande área dedicada ao estacionamento automóvel. A área para instalação da companhia confere dimensões razoáveis para a implantação de um grande circo, tendo sido analisado nesse local o grande circo Victor Hugo Cardinali.

É um rectângulo sem topografia e de tratamento elementar, em terra batida, circunscrito por elementos estruturais da cidade - o rio de um lado, uma estrada que dá acesso à entrada do circo, para onde este se volta, do outro, estreitos passeios e passadiços pedonais em torno, e edificado urbano.

Este espaço apresenta-se, no contexto urbano onde se encontra (caracterizado por um traçado muito estruturado e planeado), envolvido por elementos urbanos projectados especificamente para aquele local, parecendo quase uma pequena ilha de privação de planificação, deslocado da envolvente e contexto construtivo.



Fig.102 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:20000

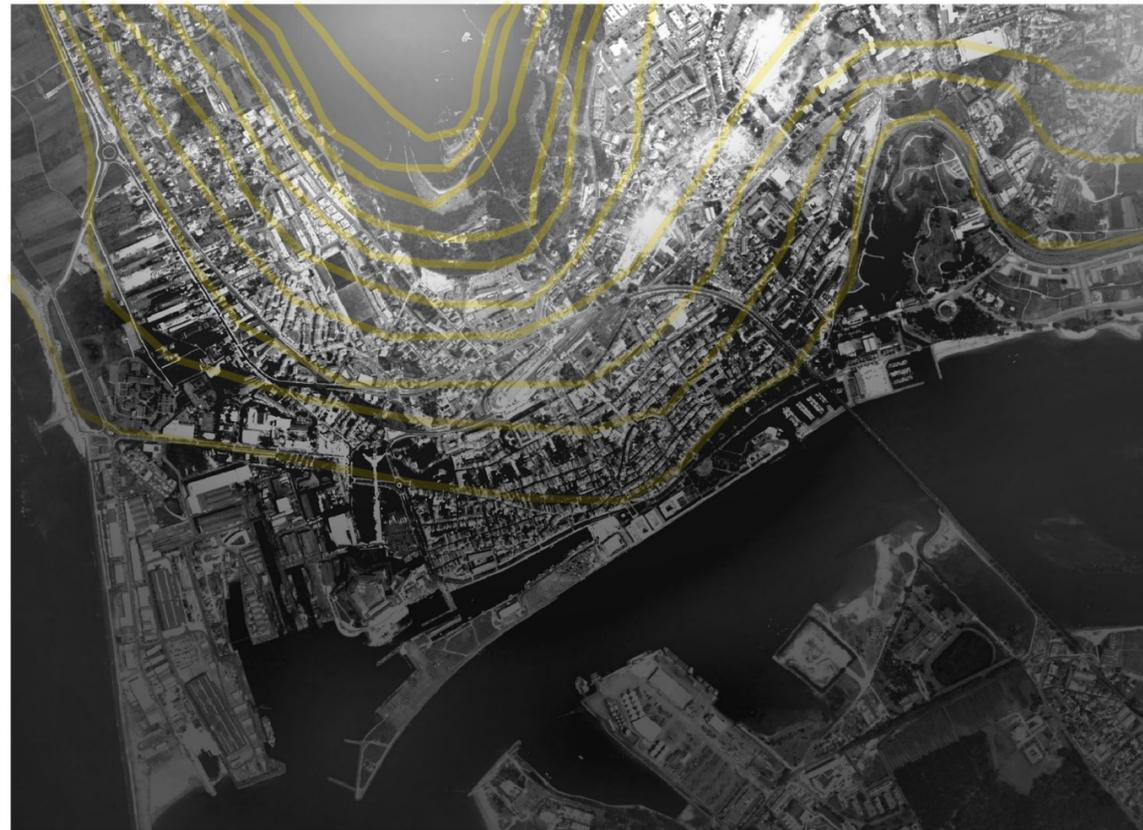


Fig.103 Esquema da topografia da localidade Escala 1:5000

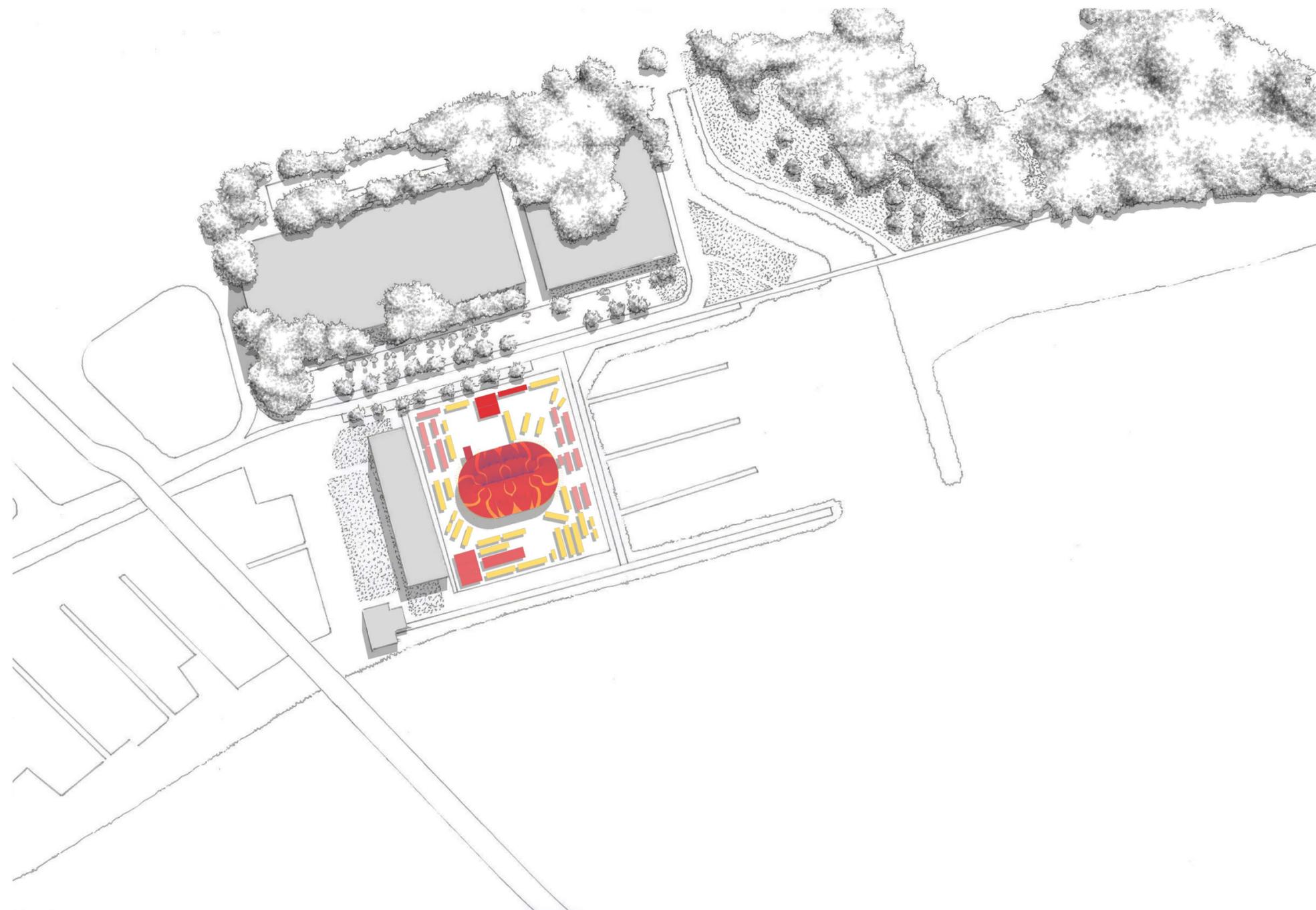


Fig.104 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:20000



Fig.105 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:2000

Caso de estudo:
Circo Victor Hugo Cardinalli



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

A morfologia do território é predominantemente estável, mas animada por elementos como uma ponte que atravessa o rio a uma cota mais alta, ou o desnivelamento do rio. São variações que não impedem de todo a instalação do circo naquele espaço mas que lhe oferecem ou lhe retiram alguns atributos.

No caso da ponte, é criada uma excelente panorâmica sobre o circo, em relação à sua imagem. No que diz respeito ao desnível que separa a cota do rio da cota do plano onde assenta o circo, o problema é mesmo esse: impede-se o acesso ao rio.

O lugar de instalação do circo situa-se na margem do Rio Lima. Os membros da companhia poderão de alguma forma prover-se dessa água para alguma necessidade mas com certeza que esses usos serão escassos devido à tal limitação, que neste caso específico, é um diferença de cotas entre o nível do rio e o terreno onde está o circo. O mesmo acontece com vegetação rasteira ou árvores. Existem em abundância em redor deste espaço mas fora do alcance da companhia. A única coisa que poderá ser utilizada é a linha de árvores que faz a frente do acampamento e se vira para a rua. Estas árvores poderão, de certa forma, enquadrar o circo que ali se instala e apresenta.

Fig.109
Planta. Escala 1:2000

O espaço concedido para a instalação do circo em Viana do Castelo é muito limitado em vários sentidos. Para já, é uma área restrita com limites marcados que desenham um pequeno quadrado em terra batida circundado pelo desenho rigoroso da cidade. Os limites físicos vão também atribuir-lhe impossibilidades de se conectar com potenciais atributos da paisagem. Existem, nas proximidades, três dos factores paisagísticos mais importantes para a qualidade vivencial no quotidiano dos elementos do circo num lugar (rio, vegetação rasteira e arvoredo), mas são retirados aos circos pela imposição dos limites físicos do terreno.



Fig.106 Localização do mar, rio ou canal



Fig.107 Área de vegetação rasteira



Fig.108 Localização de arvoredo

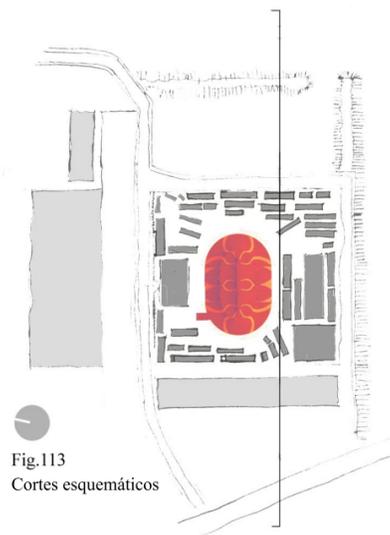


Fig.113
Cortes esquemáticos



Fig.114 - Antes - o lugar



O único senão da utilização do Parque da Cidade como local de implantação diz respeito à visibilidade do circo. Neste ponto, o acampamento ficaria escondido pelas árvores e seria pouco visível.

Por outro lado, no local onde se encontra precisamente, o circo é claramente alvo de observação por todos aqueles que entram ou saem da cidade. Este lugar possui um carácter muito cidadão. Apesar de ser rodeado de elementos naturais, são todos eles independentes e não se relacionam para formar uma composição selvagem e realmente natural. Deparamo-nos com um lugar público muito desenhado e demarcado onde cada espaço obedece a um desenho rigoroso. A própria área de implantação, apesar de desprovida de qualquer pavimentação, adquire um carácter muito delineado.



Sendo o terreno em terra batida, o método utilizado para alicerce da tenda de circo é o de perfuração e, por vezes, o de amarra aos camiões que se encontram mais próximos. É interessante observar a utilização dos dois métodos neste caso em particular pois, dadas as dimensões da companhia e da área de acampamento, podiam ser utilizados com garantia apenas os camiões de transporte. Não existe muito espaço livre e os veículos circenses acabam por se encontrar muito concentrados. Procura colocar-se os maiores veículos fechando o perímetro do espaço. Na “fachada” principal são colocados os que servem de bilheteira e uns que, com as suas pinturas, publicitam o espectáculo. Num dos extremos do alinhamento da “fachada” traseira do acampamento, são colocados os estábulos e jaulas, mais junto ao rio, para sossego dos animais, apesar de assim se perder algum impacto na sua presença.



Fig.115 - Depois - o lugar

As árvores que estão em frente à entrada do acampamento, poderiam ser entendidas também como um ponto negativo por cobrir a “fachada” principal do acampamento, aquela que serve de anúncio e chamariz, mas pela dimensão reduzida de cada copa, não parece que seja um entrave.

A grande massa de árvores e relvado situa-se um pouco mais a Este, dando cor ao parque de Viana do Castelo. Este poderia ser na verdade o local mais indicado para a instalação do circo nesta cidade (podendo este até utilizar o circo local existente dedicado a toureadas). Mas mesmo se esta estrutura não fosse pretendida pelas companhias, o circo poderia gozar do potencial do Parque, pelo conforto oferecido ao público e aos próprios circenses.



Fig.110 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.111 Tipo e qualidade do solo



Fig.112 Estrutura - tipo de alicerces

Póvoa de Varzim

Enquadraria a escala da cidade de Viana do Castelo à da Póvoa de Varzim. É povoada por cerca de 42 396 habitantes e situa-se igualmente na costa, junto ao mar. Não é dividida por nenhum rio como o caso de Viana do Castelo mas situa-se a norte do Rio Ave, estando ainda Vila do Conde entre os dois que se funde com a malha da Póvoa de Varzim.

Como outra qualquer típica cidade marítima, prolonga-se ao longo da costa virando-se para ela, e expando todos os seus atributos na qualificação da marginal. Sendo assim, desenvolve-se de fora para dentro - da costa para o interior continental. O centro histórico e núcleo central de actividades, lazer e habitação situa-se precisamente junto à marginal.

As novas instalações e construções urbanas são realizadas, hoje, na periferia do núcleo central, em volta da malha mais densa.

O Parque da Cidade, finalizado à pouco tempo, localiza-se exactamente no exterior desse núcleo, tangente a uma das entradas da cidade.

As entradas da cidade feitas por linhas radiais em relação ao centro urbano, ligam o centro com a A28 e IC1. Uma dessas linhas faz uma das principais estradas de entrada para quem vem do norte do país, quer pela auto-estrada, quer pela estrada nacional. Tangente a esta importante via, encontra-se o Parque da Cidade circundado por uma vasta planície natural de vegetação selvagem e campos agrícolas.

De frente para o Parque da Cidade abre-se uma dessas grandes planícies naturais, cerrada pela comprida linha da via de ingresso na cidade.

Nesse descampado de vegetação rasteira e suave topografia costuma instalar-se o circo.

Possui uma vasta área de implantação, podendo mesmo seleccionar o lugar onde se colocar, sem limites restritivos. Em frente à entrada do Parque, existe um pequeno espaço para estacionamento automóvel, desenhado e construído para tal aplicação, mas qualquer outro espaço nas redondezas poderá servir para tal finalidade.

Para aqueles que passam na estrada adjacente, entrando ou saindo da cidade, é garantido o alcance visual do *chapiteau*, na sua mágica imponência, aliciando as imensas viaturas que por ali passam durante o dia e a noite.

A estrada adjacente eleva-se um pouco da cota da planície onde assenta o circo e o Parque da Cidade, funcionando desse modo, como plano privilegiado de visualização, a uma cota superior para o acampamento do circo.

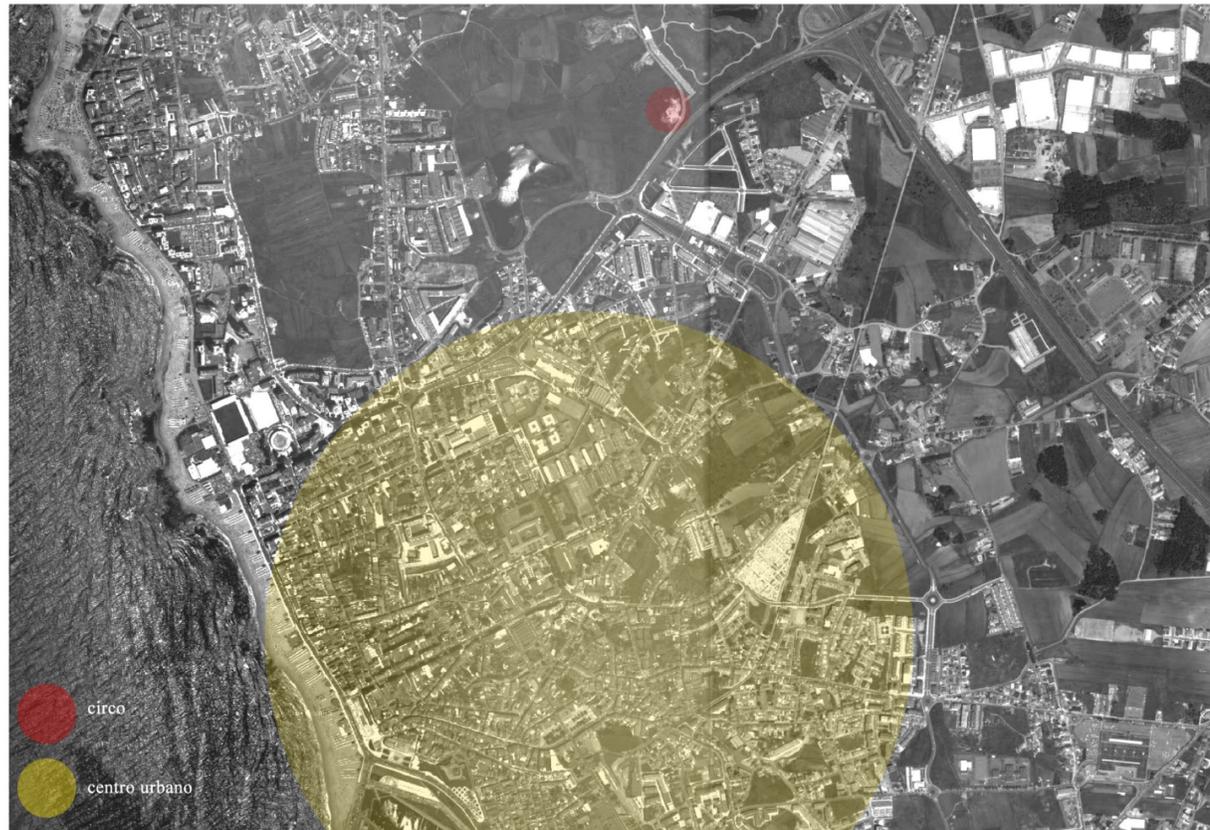


Fig.116 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:20000



Fig.117 Esquema da topografia da localidade Escala 1:20000

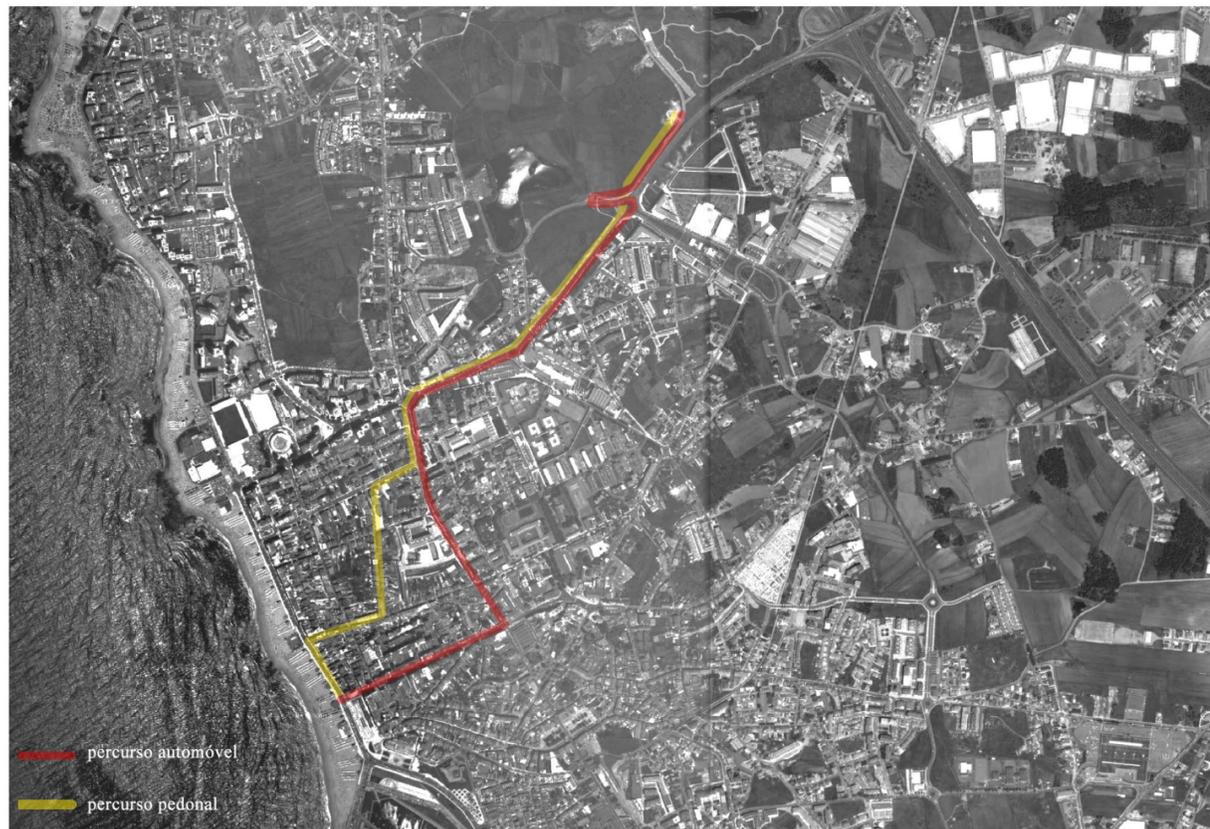
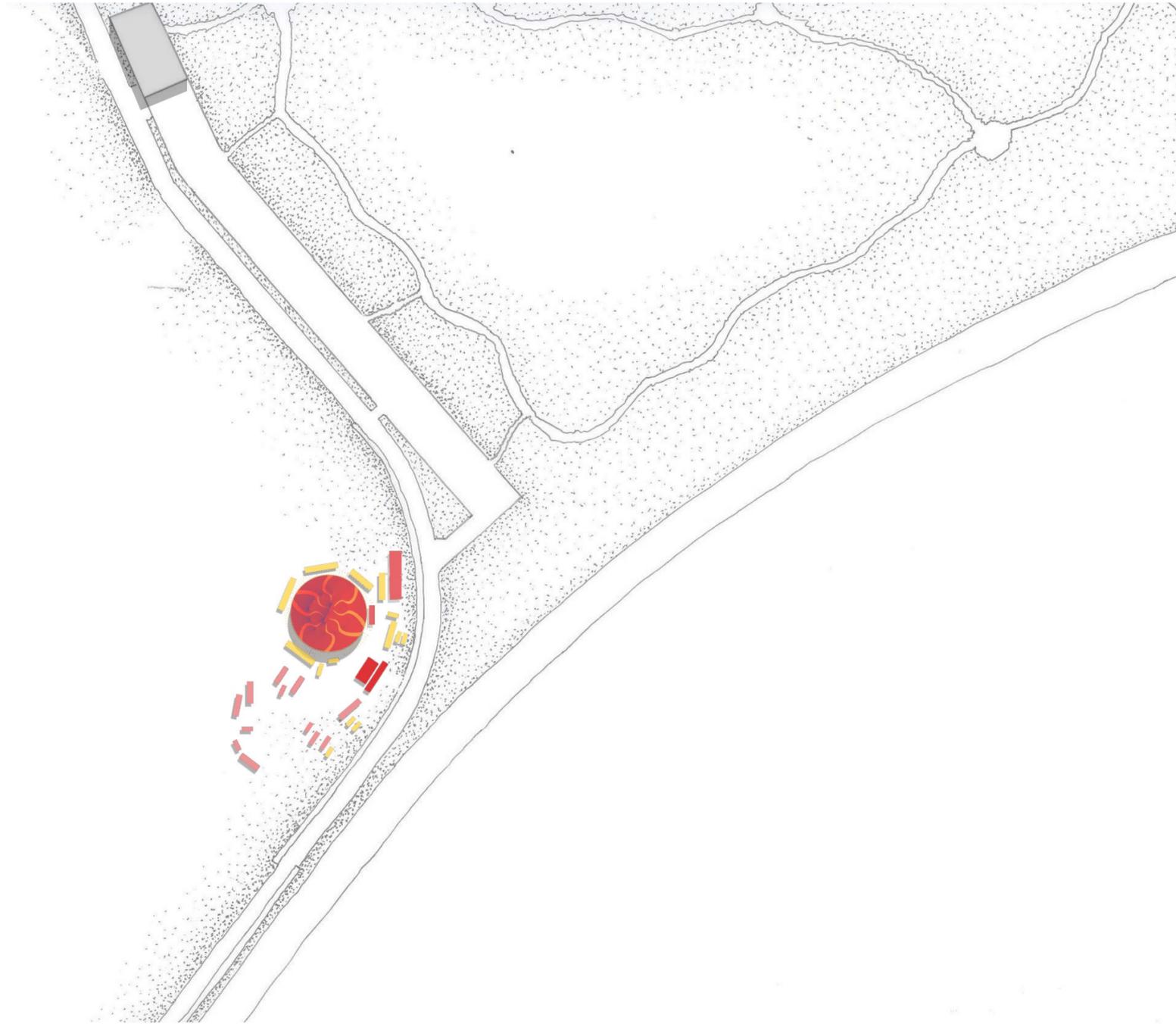


Fig.118 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:20000



Fig.119 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:5000

**Caso de estudo:
Circolândia**



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

Apesar do isolamento, observa-se uma tentativa de aproximar o circo da estrada automóvel tangente à via rápida, e de acompanhar a sua curvatura pelo posicionamento dos camiões. A entrada e os camiões anunciativos, são colocados junto à estrada, no momento da curva, para poderem ser vistos de vários pontos distintos. Os estábulos dos animais situam-se também junto à estrada nacional, voltados para o estacionamento disponível em frente ao Parque da Cidade, de modo a captar a atenção daqueles que o utilizam. Apesar das tentativas de criar uma organização eficiente, o acampamento sofre quebras essencialmente visuais, devido à falta de ritmo e consonância na sua arrumação.

Isso deve-se ao facto de existir demasiado espaço para a sua instalação. Não existem árvores nem rios ou riachos, mas a vegetação rasteira predomina neste território, o que se torna uma vantagem para a alimentação de alguns animais. O *chapiteau* é colocado precisamente na área de menor densidade vegetativa, no círculo em terra batida localizado junto à estrada. É aí colocado, porque a arena de espectáculo necessita obrigatoriamente de um chão liso, plano e sensivelmente duro, que poderá ser tratado antes da montagem do cenário interior.

Fig.123
Planta. Escala 1:2000

A zona de implantação do caso em estudo, situa-se fora do centro urbano da cidade, num terreno descampado muito amplo, de frente para o Parque da Cidade, num lugar tangente à via rápida que dá acesso ao núcleo urbano. O circo está muito bem posicionado, para ser avistado por aqueles que percorrem a via rápida e que se defrontam irreversivelmente com a grande e colorida cúpula do *chapiteau*. Com toda a área existente naqueles campos, o circo tem liberdade total para se instalar onde quiser. O problema desta liberdade, como se observa neste caso, é a dispersão e consequente desarrumação do acampamento.



Fig.120 Localização do mar, rio ou canal



Fig.121 Área de vegetação rasteira



Fig.122 Localização de arvoredo

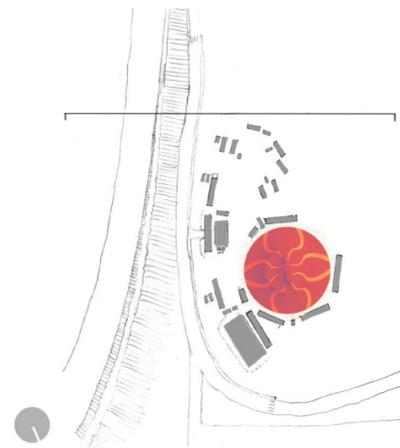


Fig.127
Cortes esquemáticos



Fig.128 Antes - o lugar

É interessante observar a figura 128 e perceber a “pegada” que existe no terreno criada pela posição dos diferentes circos instalados naquele lugar. Vê-se uma marca bastante rigorosa de um círculo, no preciso local onde as companhias montam o *chapiteau*. Vê-se também, um amontoamento de terras arastadas que formam o círculo e o deixam em forma plana. Este trabalho terá sido feito pelo Município, a pedido das várias companhias, aquando da procura de um posto para se instalarem, ou pelos próprios circos, que não tinham outra alternativa senão preparar o terreno. O mesmo acontece em Guimarães, no terreno mais habitual para a fixação do circo. Se se observar uma imagem aérea em Guimarães, reconhece-se a linha perimetral que completa o círculo onde pousa o *chapiteau*.

Apesar da tipologia de terreno encontrada neste lugar, o Circolândia opta por utilizar essencialmente os camiões de transporte para a sustentação da tenda.



Conclui-se então que neste caso, se optou por construir a tenda o mais rápido possível e valorizou-se menos o desenho e estrutura do acampamento. Os camiões utilizados em torno do *chapiteau* poderiam, em vez da função estrutural, servir de barreiras entre o espaço público e o privado e assim, desenhar os contornos do acampamento, que poderiam estabelecer uma imagem mais elegante do enquadramento geral da companhia.

Existe um grande problema na localização do circo neste terreno que tem a ver com as infra-estruturas. O facto de se encontrar longe do centro urbano da cidade, o circo defronta-se com a contrapartida da falta de conexões infra-estruturais. Nesta zona, as redes de luz e água são muito mais escassas e os pontos de energia ou abastecimento encontram-se muito afastados uns dos outros. Claro que o circo ultrapassa esse problema, mas com maiores dificuldades do que se estivesse inserido num meio mais urbano. Aqui, observou-se uma grande extensão de cabos para o alcance dos recursos pretendidos.



Fig.129 Depois - o lugar e o circo



Pode observar-se na secção do terreno (figura 124), uma variabilidade na sua morfologia, desde a zona mais interior dos campos, até à via rápida, a uma cota superior. Através da figura 124 é perceptível a diferença da materialidade e permeabilidade do solo ao longo dessa oscilação: a zona relvada é mais permeável, as estradas mais sólidas e a área de implantação, em terra batida, resulta num terreno permeável mas um pouco mais compacto.

Existem várias vantagens expositivas criadas pela diferença de cotas. A plataforma dedicada à colocação do *chapiteau* é intermédia às duas estradas, e desse modo, avistada de forma diferente, pelos automobilistas de ambas as vias.

Há, contudo, um ponto negativo que diz respeito ao facto da companhia se instalar do lado norte da via rápida, pois o vento predominante desta zona do país sopra precisamente desse lado e, portanto, a tenda de circo encontra-se completamente desprotegida. Se a companhia se colocasse do outro lado da via, o talude onde pousa a estrada, poderia proteger o *chapiteau* de fortes rajadas de vento.



Fig.124 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.125 Tipo e qualidade do solo



Fig.126 Estrutura - tipo de alicerces

Ponte de Lima

Distrito de Viana do Castelo, Ponte de Lima, é uma Vila com cerca de 2 800 habitantes, muito típica do norte de Portugal, caracterizada pela sua arquitectura medieval e pela exposição ao rio Lima, que a cruza.

Descreve-se de facto, pelo confronto entre o rio e as típicas casinhas voltadas para ele que sobem a escarpa. A vila é articulada por duas importantes vias de comunicação automóvel e pedonal, ortogonais entre si. Uma delas é adjacente ao rio, acompanhando-o e criando um percurso ribeirinho, a outra, ortogonal a esta, rasga a malha urbana em duas partes e liga a beira-rio às costas da vila, direcção Este.

É então, por estas duas vias que passa a maior quantidade de pessoas que habitam a vila ou que a visitam, essencialmente ao fim-de-semana, o que acontece muito, pela popularidade da sua gastronomia, feiras e pela beleza e aura que é libertada por esta localidade.

De frente ao principal núcleo edificado da vila, depois da estrada marginal, junto ao rio, existe um grande descampado em terra batida que é normalmente utilizado para estacionamento automóvel, que se enche rapidamente aos fins-de-semana. O circo costuma-se instalar neste descampado. É, à partida, um espaço perfeito para implantação circense, pois desfruta de uma série de factores favoráveis à anunciação do espectáculo: exposição ao público, privacidade requerida, topografia e tipologia de solo benéfica, etc.

As dimensões abrangentes do descampado, possibilitam o acampamento circense e o estacionamento automóvel, sem qualquer entrave dimensional e sem se disturbarem um ao outro.

Neste ponto, o circo é seguramente visto por toda a população local, mas também por aquela que está apenas de visita, pois é colocado num lugar perfeito do ponto de vista estratégico. Preserva ainda uma certa privacidade, utilizando para isso o outro lado da tenda, por onde pouca gente passará, servindo-se do próprio *chapiteau* para barreira visual, da massa de árvores existente na extremidade do descampado e da mínima, mas eficaz diferença de cota, entre a terra batida, o passeio e estrada que acompanha longitudinalmente a marginal.

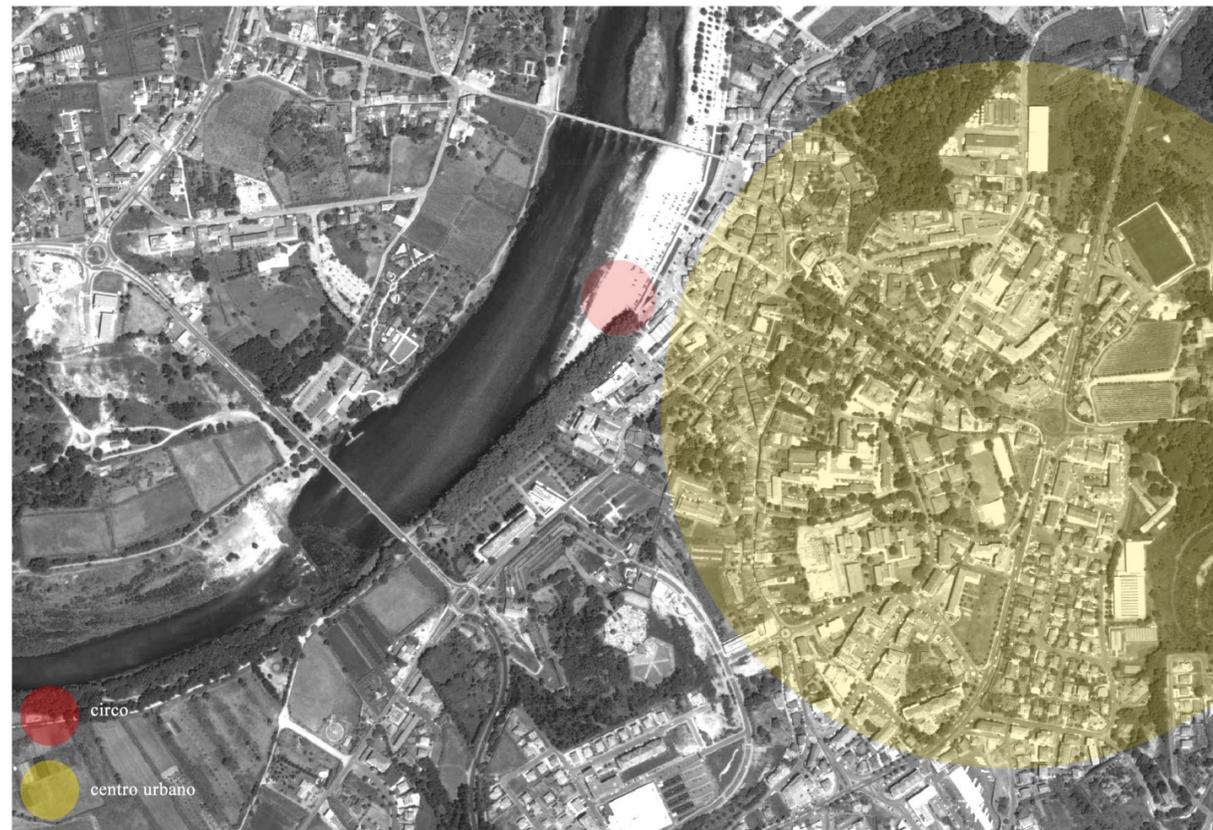


Fig.130 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:10000



Fig.131 Esquema da topografia da localidade Escala 1:10000

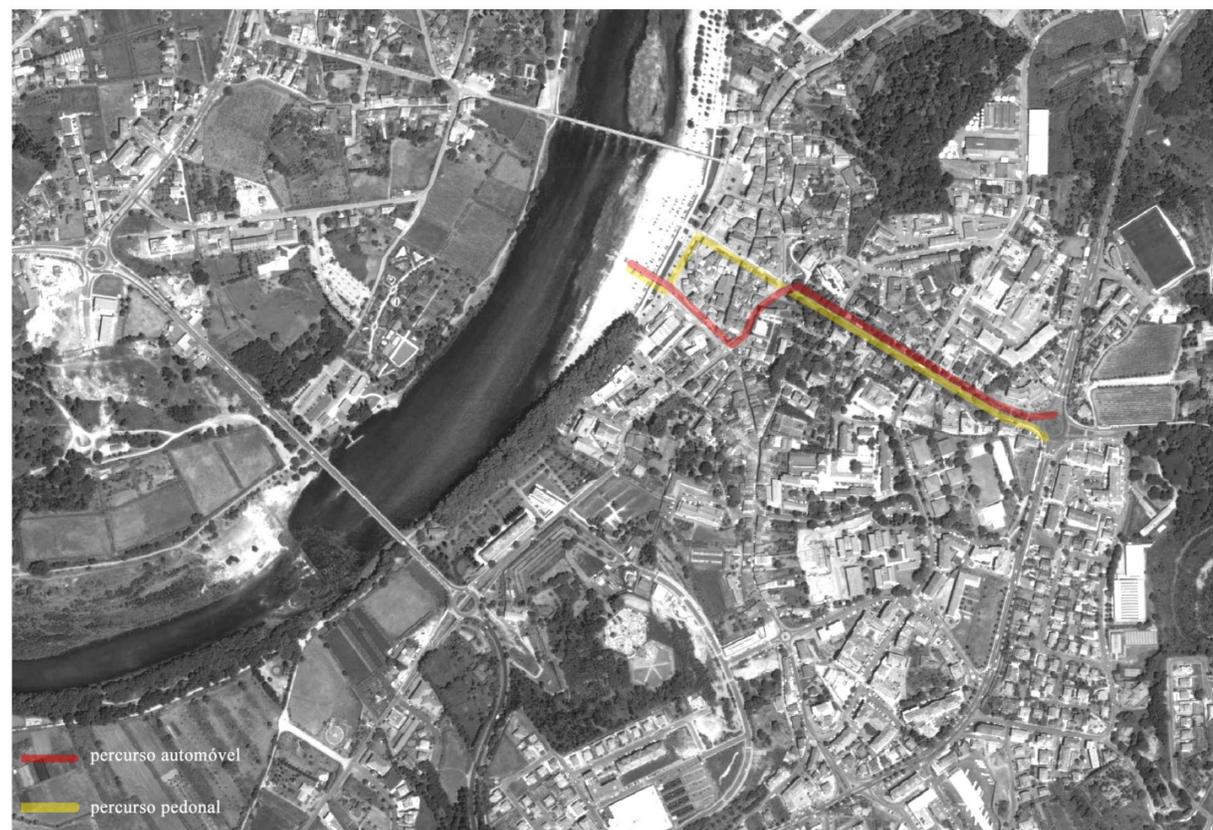


Fig.132 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:10000



Fig.133 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:5000

Caso de estudo:
Circolândia



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

O circo coloca-se no areal, junto à marginal do rio, na zona mais central e movimentada da vila. É por aqui que passam quase todos os carros que entram ou saem desta localidade e por onde passeia toda a população residente e visitante, pois é nesta zona que existem mais lojas e restaurantes que atraem o público. Como tal, o circo é avistado por todos. Já no lugar onde se encontra, o seu posicionamento é bem pensado. Encontra-se num extremo da praia fluvial, para não perturbar os outros eventos sociais e o estacionamento automóvel, e para não destoar da beleza natural do sítio. Volta-se a entrada do acampamento para o lado do areal, onde se encontrará o maior número de pessoas. Junto ao percurso pedonal é colocada a

jaula de um felino que poderá atrair público que por ali passa. Os camiões de cargas colocam-se em torno do *chapiteau* para lhe dar algum abrigo, uma vez que o lugar é muito amplo e desprotegido. Os automóveis privados estão localizados em duas linhas paralelas por baixo do grande volume de árvores, para se protegerem do sol e para conseguirem alguma privacidade, através da vegetação e do desnível que existe entre o passeio e o areal. Nesta zona existem duas rampas de entrada para o areal, uma é bloqueada por um camião que se atravessa no caminho, a outra é libertada para a entrada de automóveis que estacionam no restante espaço. Esta selecção da entrada no areal, proporciona uma maior organização do circo.

Fig.137
Planta. Escala 1:2000

Este deverá ser um dos exemplos mais interessantes no que diz respeito à apropriação do lugar onde o circo se encontra, pois dá-se uso a três dos mais importantes factores paisagísticos deste estudo (rio, vegetação rasteira e arvoredo). Para além disso, o circo localiza-se num ponto estratégico da vila que por diferentes razões acaba o embelezar. De certa maneira, parece que obedece a quase todos os pontos e etapas do *Manual de instruções*. (Em teoria, o acompanhamento rigoroso do *Manual* leva a uma implantação perfeita para o sucesso de uma companhia.) Este caso obedece a diversos pontos dessa lista, pelo menos os mais importantes. Aqueles que podem trazer benefícios ao êxito do espectáculo.

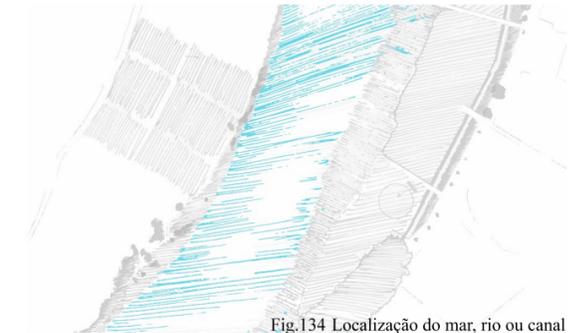


Fig.134 Localização do mar, rio ou canal

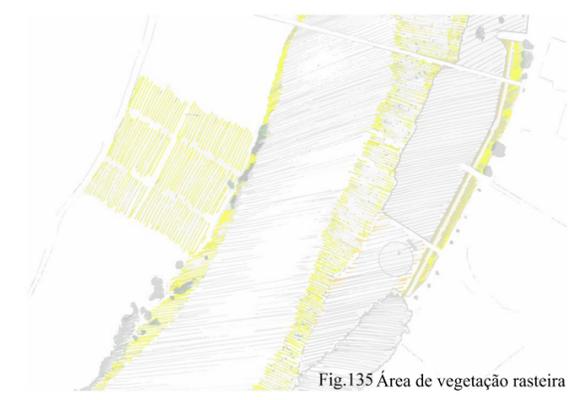


Fig.135 Área de vegetação rasteira



Fig.136 Localização de arvoredo

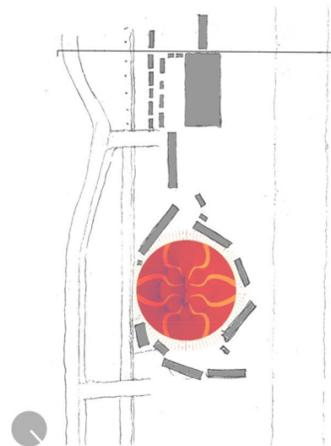
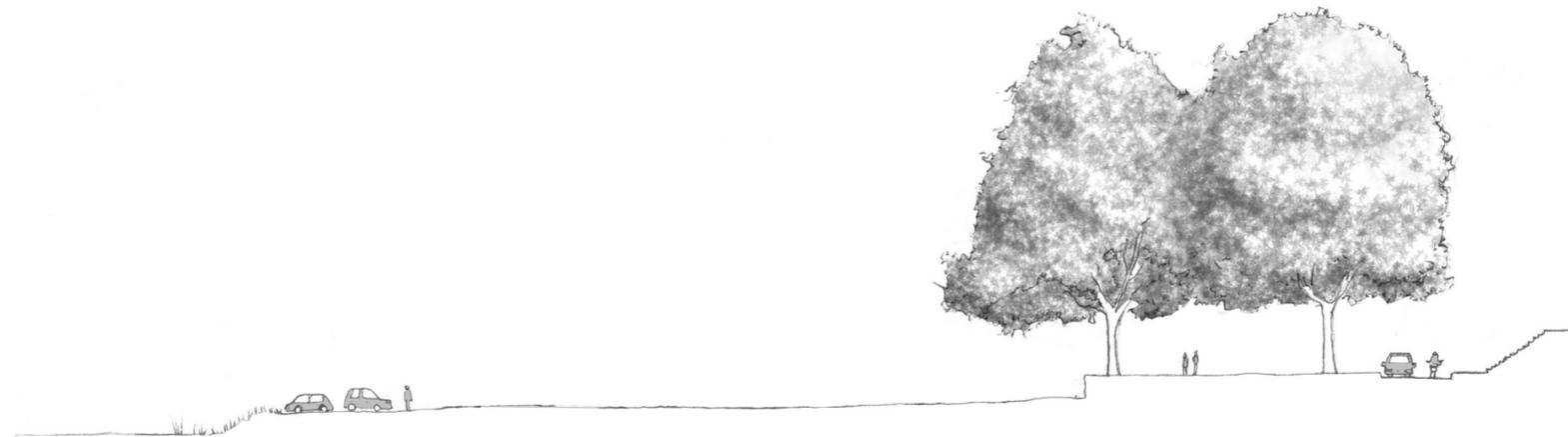


Fig.141
Cortes esquemáticos



Fig.143 - Depois - o lugar e o circo



A estrutura que serve de alicerce ao *chapiteau* é, neste caso, mista. São usados os camiões em volta da tenda, e em alguns espaços vazios são cravadas as estacas ao chão. O terreno sugere apenas o uso das estacas mas compreende-se a colocação dos camiões para estrutura, porque se não fossem estes, o *chapiteau* poderia ter-se desmontado e tombado no momento da subida do rio, visto que com a morbidez das terras, os tirantes perdem força e a sustentação fragiliza. Com o método utilizado, os camiões permaneceram imóveis e permitiram uma estabilização segura ao *chapiteau*. Para além da questão estrutural, o posicionamento dos camiões em torno da tenda, confere um resguardo importante, quer ao nível do vento, quer ao nível da estruturação do acampamento e imagem geral do circo.



Num terreno tão grande, a colocação dos camiões longe do *chapiteau*, poderia trazer uma imagem pobre ao enquadramento do circo. O *chapiteau* encontraria-se demasiado solto no espaço e o acampamento totalmente fragmentado. Foram separados os camiões que estão junto à tenda do circo dos veículos privados e estábulos, e foi colocado um camião, transversal a uma das rampas de entrada no estacionamento. Este camião não só bloqueia a passagem de automóveis e peões que não se atrevem a entrar no espaço "privado" do circo, como também faz desenha o percurso que une a zona mais privada e estábulos, ao local onde acontece o espectáculo. Verifica-se (em planta) a abertura feita por os dois camiões junto ao *chapiteau* que fazem a recepção do tal percurso e permitem a entrada nos bastidores.

Este circo serviu-se das três características naturais que se tem estudado e que o terreno tinha para oferecer. A sombra dos plátanos serviu para proteger as rulotes e autocaravanas do sol. Os relvados foram utilizados para dar de comer aos mamíferos durante a hora de repouso, tal como a água do rio Lima que por ali passa e que é facilmente alcançada. Claramente, no período em que este exemplo foi analisado, o clima era propício a tais usos, mas na verdade é dos poucos casos de estudo onde se dá uso realmente àquilo que se tem.

Um problema da proximidade do rio é a possibilidade deste subir e inundar o acampamento. Isso aconteceu neste lugar com este mesmo circo. Não houve grandes danos mas teve de cancelar-se espectáculos, para além de ter dado imenso trabalho repor tudo como estava. Teve de esperar-se que o nível baixasse para limpar e reorganizar tudo de novo.

Maior era o problema por o terreno ser em terra batida e se tornar lamacento após a recolha da água. Felizmente as temperaturas eram altas neste período e o terreno secou rapidamente sem causar muita sujeira.



Fig.138 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.139 Tipo e qualidade do solo



Fig.140 Estrutura - tipo de alicerces

Barcelos

O concelho de Barcelos, o maior do país em número de freguesias, possui a particularidade de ser as próprias freguesias a essência ou polo aglutinador da composição da cidade, do que propriamente o contrário.

Possui oitenta e nove freguesias, e caracteriza-se pela dispersão de cada uma pelo território. Observa-se um salteado de pequenos núcleos ligados entre si através de estradas nacionais. Figuradamente, assemelha-se a uma constelação, composta por estrelas e ligações entre si. Nos espaços sobranceiros entre os pequenos núcleos, elevam-se montanhas ou terrenos de baixa cota para a agricultura, que são torneados pelas estradas de ligação entre pólos.

Essa grande quantidade de freguesias faz um grande número de habitantes do município (120 391), enquanto que a Sede do concelho, a cidade propriamente dita, tem apenas 20 625 habitantes.

A cidade é banhada pelo Rio Cávado, mas não é desenvolvida a partir dele. Centra-se numa praça longe do rio e desenvolve-se a partir daí para fora, em todas as direcções sem um agente de crescimento coerente, nem tão pouco planeado. Observa-se o desenho e planeamento de pequenos espaços, que se ajustam ao contexto e anteriores alinhamentos existentes, mas sem relação entre si.

A própria praça (Campo da feira), de grandes dimensões, respeita um traçado pré-existente, mas não se articula com outros pontos exteriores a ela. Dadas as suas dimensões, tratamento e localização, é utilizada para vários fins, desde o mercado ou feira semanal, até a eventos sociais e culturais, tal como o circo.

O circo instala-se, apenas num dos ângulos da praça, exposto a todos aqueles que passam pelas duas vias que fazem o vértice, mas também devido à maior abertura espacial, pela ausência de árvores que ocupam a quase totalidade do resto do lugar.

Quando a praça não é utilizada para motivos especiais, serve de estacionamento automóvel. Tem o pavimento alcatroado e um desenho muito marcado que nasce a partir de uma fonte colocada no centro. Desse ponto central, são marcados dois eixos ortogonais entre si, que estruturam a praça em quatro principais quadrantes, sendo estes divididos por outras vias secundárias paralelas às anteriores. Para cada quadrante é articulado um tipo de desenho diferente, demonstrado pela colocação das árvores.

O circo ocupa um destes pequenos quadrantes, num dos seus ângulos, voltado para a Avenida Sidónio Pais, uma das principais vias da cidade, onde existe mais tráfego automóvel e pedonal, que por sua vez se conecta com a Avenida da Liberdade, outra importante via, e com a margem sul, na sua continuidade, que nos leva para fora da cidade.



Fig.144 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:15000



Fig.145 Esquema da topografia da localidade Escala 1:7500

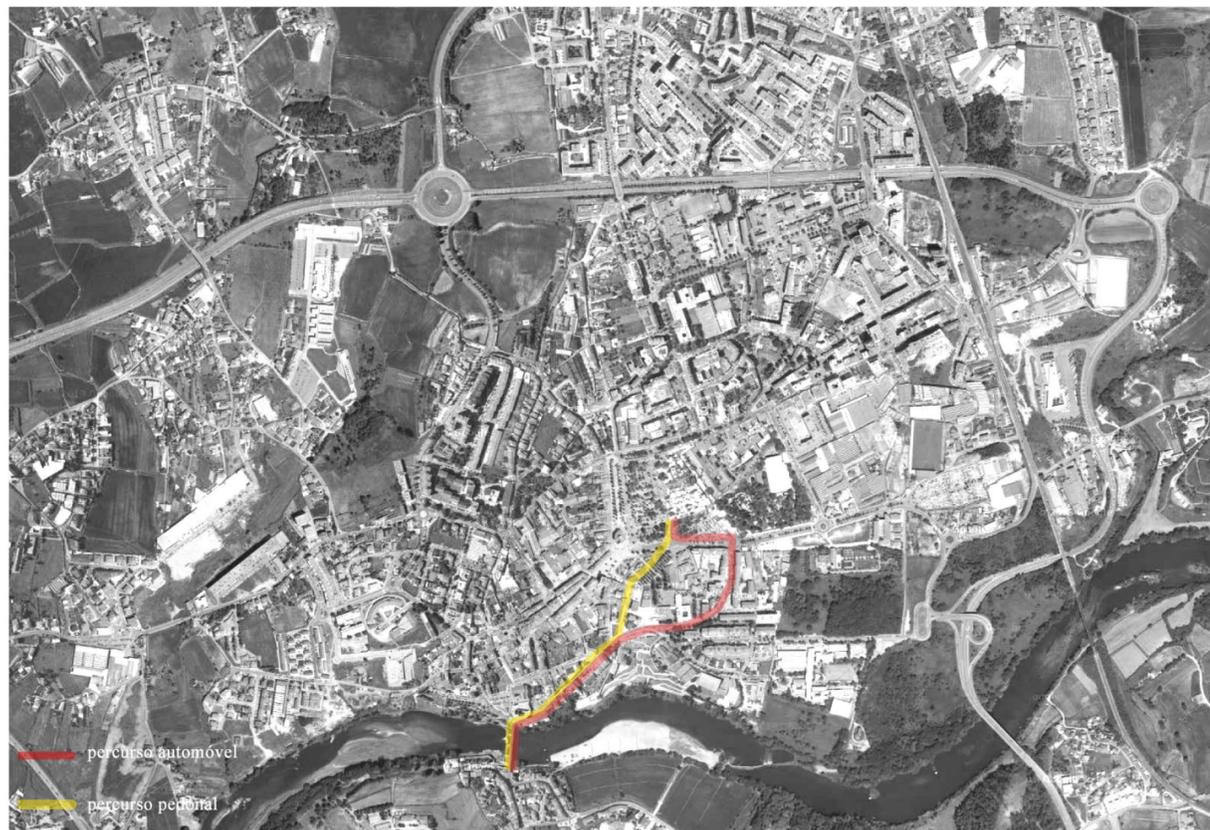


Fig.146 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:15000

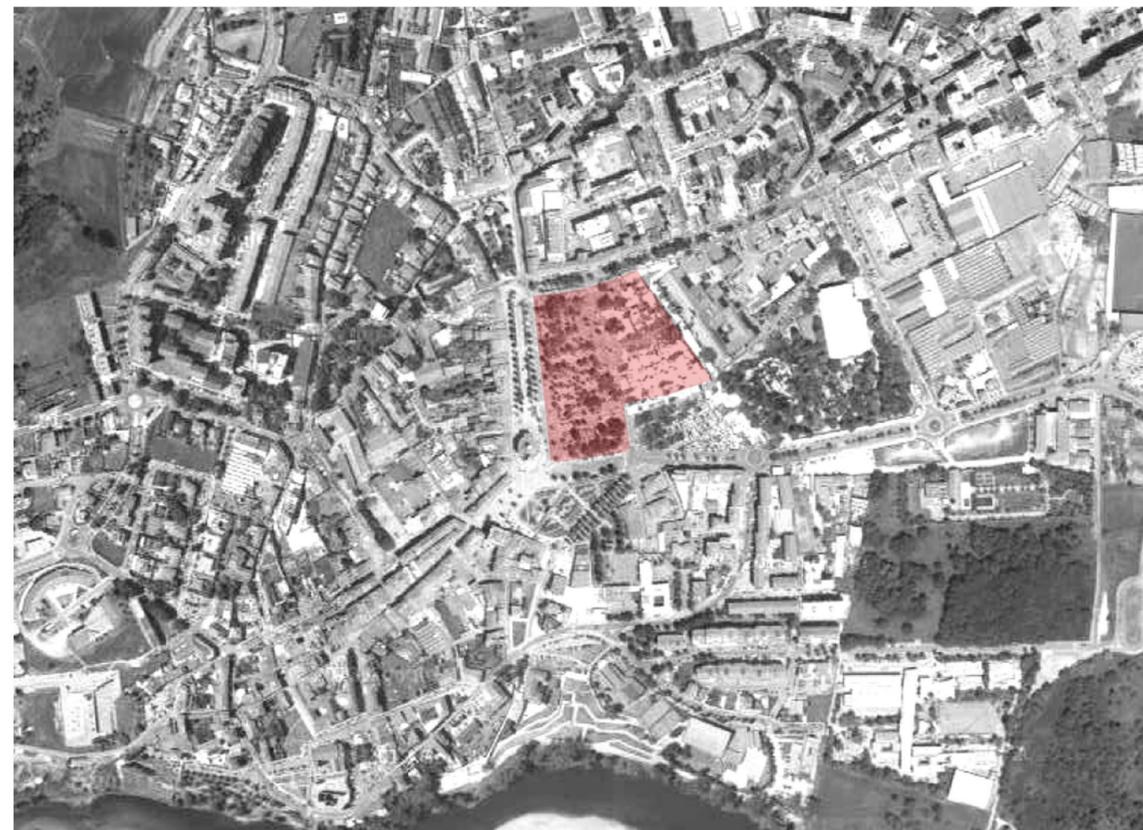


Fig.147 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:7500

**Caso de estudo:
Cicolândia**



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

Além das vantagens relacionadas com o ponto de localização na cidade, o lugar possui um outro benefício relacionado com os factores naturais - as árvores. Mesmo assim, existem certos elementos dos quais o circo não se pode apropriar. O rio que atravessa a cidade passa numa zona um pouco afastada da praça e, portanto, não tem como se relacionar com ele (contudo, seria uma ótima ideia avizinhar o circo do rio e colocá-lo num dos terrenos vazios que existem nas suas margens. O problema é que perderia toda a visualização de que frute neste momento.) Também não existe área relvada na zona da praça, a não ser no interior do Parque da Cidade, mas aí seria impossível a instalação do circo devido à aglomeração de árvores.

A grande vantagem paisagística da qual o circo beneficia, é a sombra projectada pelas imensas copas das árvores da praça. É interessante observar na planta o local onde é colocado o *chapiteau* e onde são colocadas as rulotes e autocaravanas, em relação às árvores. O *chapiteau* necessita pelo menos de 10 metros de altura livres para ser montado e daí ser colocado numa clareira; os veículos privados, são colocados por baixo das árvores para obterem sombra durante todo o dia. O Parque da Cidade também ele densamente recheado de árvores, é praticamente conectado à praça, o que pode ser sempre benéfico ao circo, pela presença de pessoas que o visitam.

Fig.151
Planta. Escala 1:2000

Em Barcelos, o circo instala-se numa praça que possui várias vantagens para o sucesso da companhia. Um ponto positivo é a sua localização no ponto mais central da cidade. Deste modo, o circo é alvo de uma exposição muito favorável ao seu próprio anúncio. Coloca-se num dos melhores pontos para este efeito. É um ângulo formado por cruzamentos de estradas que direccionam a saída ou entrada da cidade. Uma destas vias tem bastante movimento pedonal, pois é ali onde se costuma instalar a feira e onde é possível encontrar lojas, cafés e restante comércio, e ainda o Parque da Cidade.



Fig.148 Localização do mar, rio ou canal



Fig.149 Área de vegetação rasteira



Fig.150 Localização de arvoredo



Fig.155
Cortes esquemáticos



Fig.156 - Antes - o lugar



A partir do posicionamento do *chapiteau*, (já ele montado praticamente no único espaço que lhe é permitido - a clareira existente), foi feito um alinhamento de camiões e rulotes, paralelo à estrada tangente, para que crie uma barreira visual e sonora entre o espaço privado e o público. Este “mural” acaba também por servir de anúncio circense para os que passam na estrada e serve de eixo estrutural do acampamento. Da continuidade desta linha, estende-se um “braço” de camiões que envolvem o *chapiteau* e o circundam, fechando assim já dois lados do acampamento. Destes camiões colocados em curva, um deles serve de bilheteira e ingresso ao circo. Este está precisamente voltado para a estrada e para um pequeno espaço exterior que serve de *hall* de entrada. Este camião, em conjunto com um outro anunciativo, fazem o vértice da união de dois lados do acampamento, podendo assim ser vistos por aqueles que percorrem ambas as estradas que formam o ângulo. No cruzamento entre as duas estradas há uma rotunda bastante movimentada.



Do lado oposto à estrada de maior movimento, voltados para o interior da praça, encontram-se os estábulos, voltados para uma das estreitas vias no interior da praça, que mantêm o alinhamento feito pelos camiões, que por sua vez, fecham um dos lados do acampamento. Os estábulos não se encontram do lado sul para não perturbar demasiado os animais com os rumores e poluição dos carros. O local onde se posicionam é mais silencioso e é coberto totalmente pelas copas das árvores. As rulotes são colocadas paralelamente a partir dos estábulos em linhas praticamente perpendiculares à estrada principal. A última linha de rulotes fecha um outro lado do acampamento transformando-o numa “fortificação” semi-privada. É criado um espaço central de movimento e convívio, no interior do acampamento, exactamente em frente à entrada de retaguarda do *chapiteau*, junto dos estábulos e perto das rulotes que poderão servir também de camarins.



Fig.157 - Depois - o lugar e o circo

É mais uma vez muito interessante observar o modo como o Circolândia se dispõem no lugar de implantação.

Observa-se, essencialmente em planta, a pragmatização utilizada, mas ainda assim pensada requintadamente para conceder um aspecto aperaltado à imagem geral do circo naquele lugar.

Verifica-se uma boa arquitectura, no sentido em que se consegue eficazmente organizar o espaço a partir daquilo que existe e daquilo que é necessário. Dá-se privilégio à funcionalidade mas consegue-se sem se perder a coerência da composição geral do acampamento. Percebe-se, neste exemplo, que a partir dos requisitos mais mecânicos que existem para a montagem de um circo e dos factores naturais oferecidos pelo lugar é adquirida uma relação entre eles. Para além disso, consegue englobar-se uma preocupação de apresentação para com o público, tendendo sempre a tornar a imagem faustosa e imponente na forma como o circo assenta no terreno e se volta para a rua.



Fig.152 Morfologia e permeabilidade do solo



Fig.153 Tipo e qualidade do solo



Fig.154 Estrutura - tipo de alicerces

Vila Verde

Vila Verde é uma vila com características algo semelhantes à cidade de Barcelos, no que diz respeito à fragmentação de freguesias, mas numa percentagem muito inferior, tendo igualmente em atenção o número de habitantes (4 342).

É um dos casos cujo espectáculo é direccionado a um público muito restrito, essencialmente para aqueles que habitam a localidade e as freguesias em redor. Os circos que se instalam em Vila Verde não esperam grandes audiências, mas um público-alvo, com garantias na sua presença, apesar de escasso.

Por conseguinte, e tendo em conta as próprias dimensões da vila, o local de implantação não é crucial para o sucesso do espectáculo, no que diz respeito a propaganda e exposição pública propriamente dita. Quando o circo se instala na vila, toda a população acaba por ter conhecimento, até porque, em localidades de pequena dimensão, desprovidas de grande actividade social e cultural, quando são apresentados eventos, logo se tornam notícia.

Neste caso, o local de implantação não é muito central, nem de grande movimento automóvel, que normalmente favorece a publicidade circense. Situa-se no Largo da Feira, como lhe chamam, pois é a única actividade que ocorre neste lugar com alguma regularidade. Para além disso, pouca mais acontece, também porque se afasta um pouco do centro da vila.

No dia-a-dia, tem como função, dar lugar ao estacionamento automóvel, o que acontece apenas numa pequena parte da praça, junto à estrada.

Com certeza que as companhias teriam mais confiança no sucesso do espectáculo se o circo estivesse instalado numa zona mais central, mas na verdade, este é o único local em toda a vila com características favoráveis para a implantação de um circo. Para além do espaço livre, iluminação e pavimentação tratada, é um espaço concebido pelo município para tal fim. Outros espaços, seriam apenas campos privados ou descampados abandonados, mas com condições urbanas terríveis e muito mal localizados, com acessos desvantajosos para o acesso do público e do pessoal circense.

Esta praça, de contornos definidos, tem dimensões realmente favoráveis, sendo notória a sua grande mancha em toda a malha urbana.

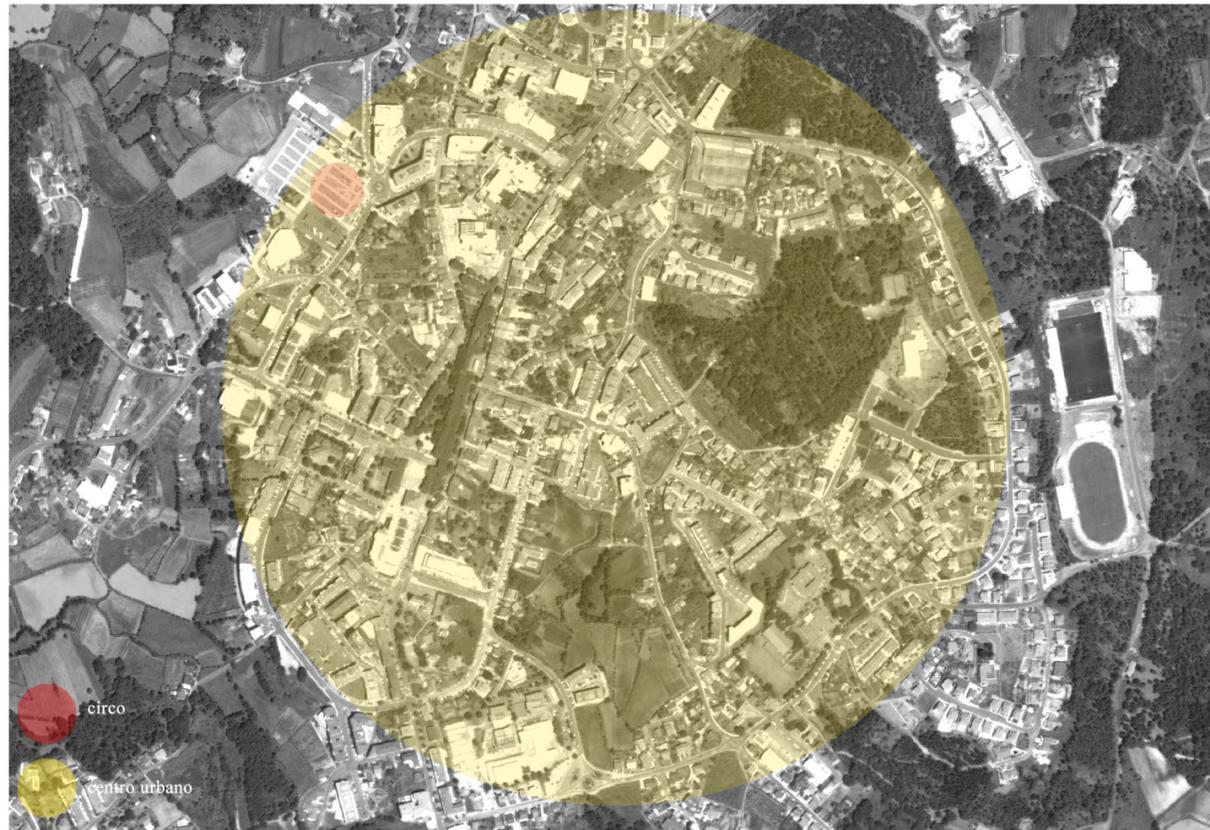


Fig.158 Localização do centro urbano e da implantação do circo Escala 1:10000

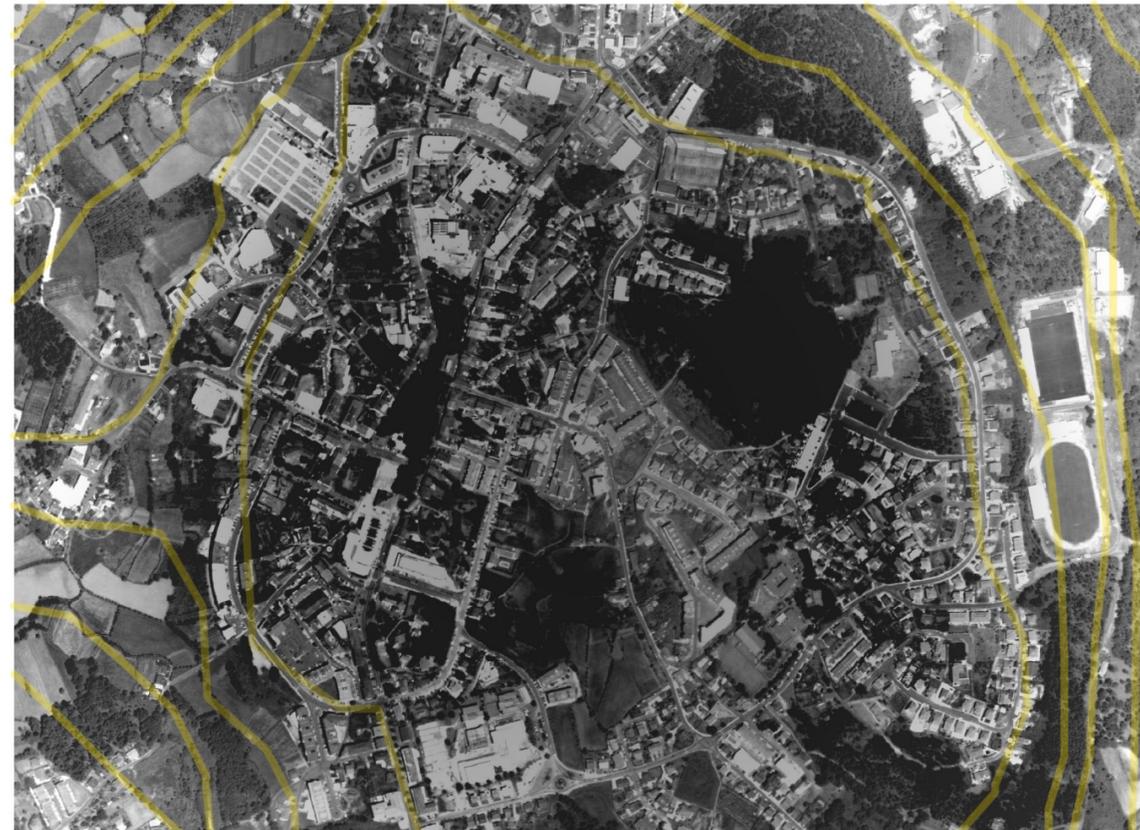


Fig.159 Esquema da topografia da localidade Escala 1:10000

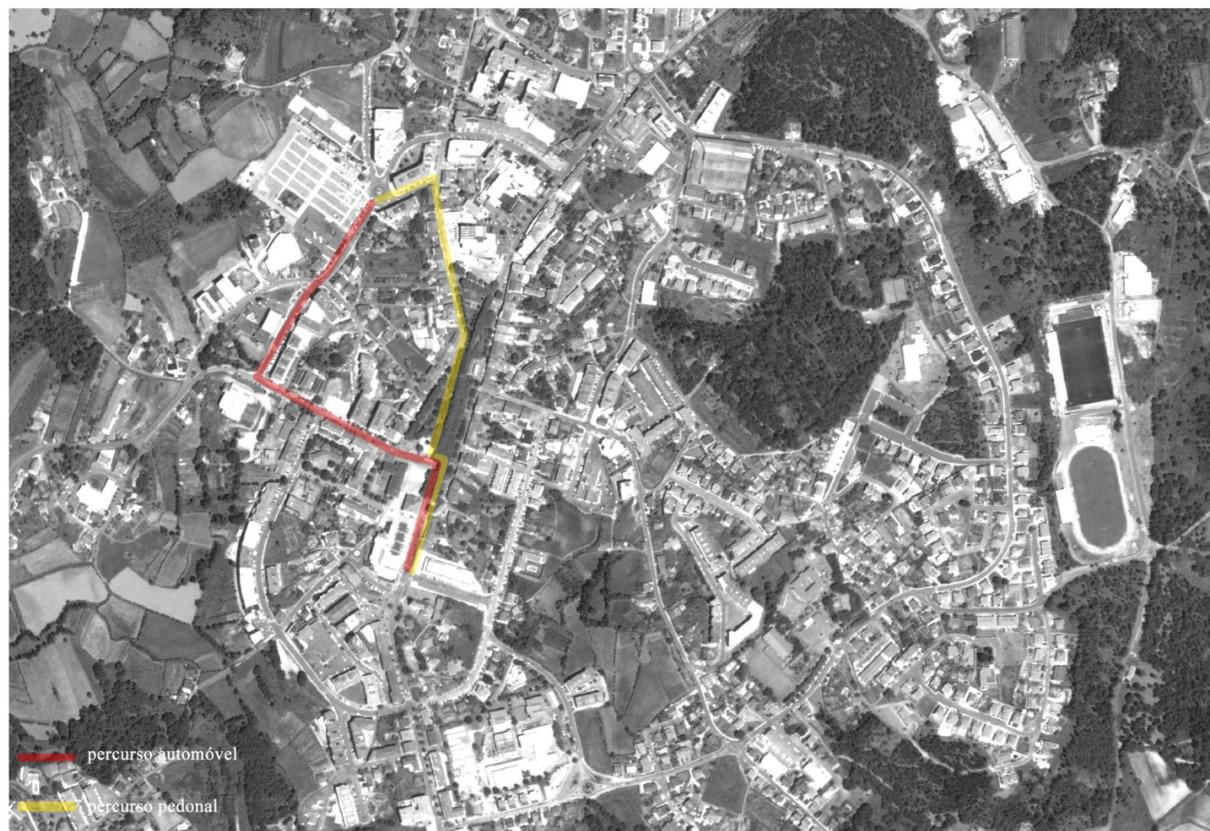
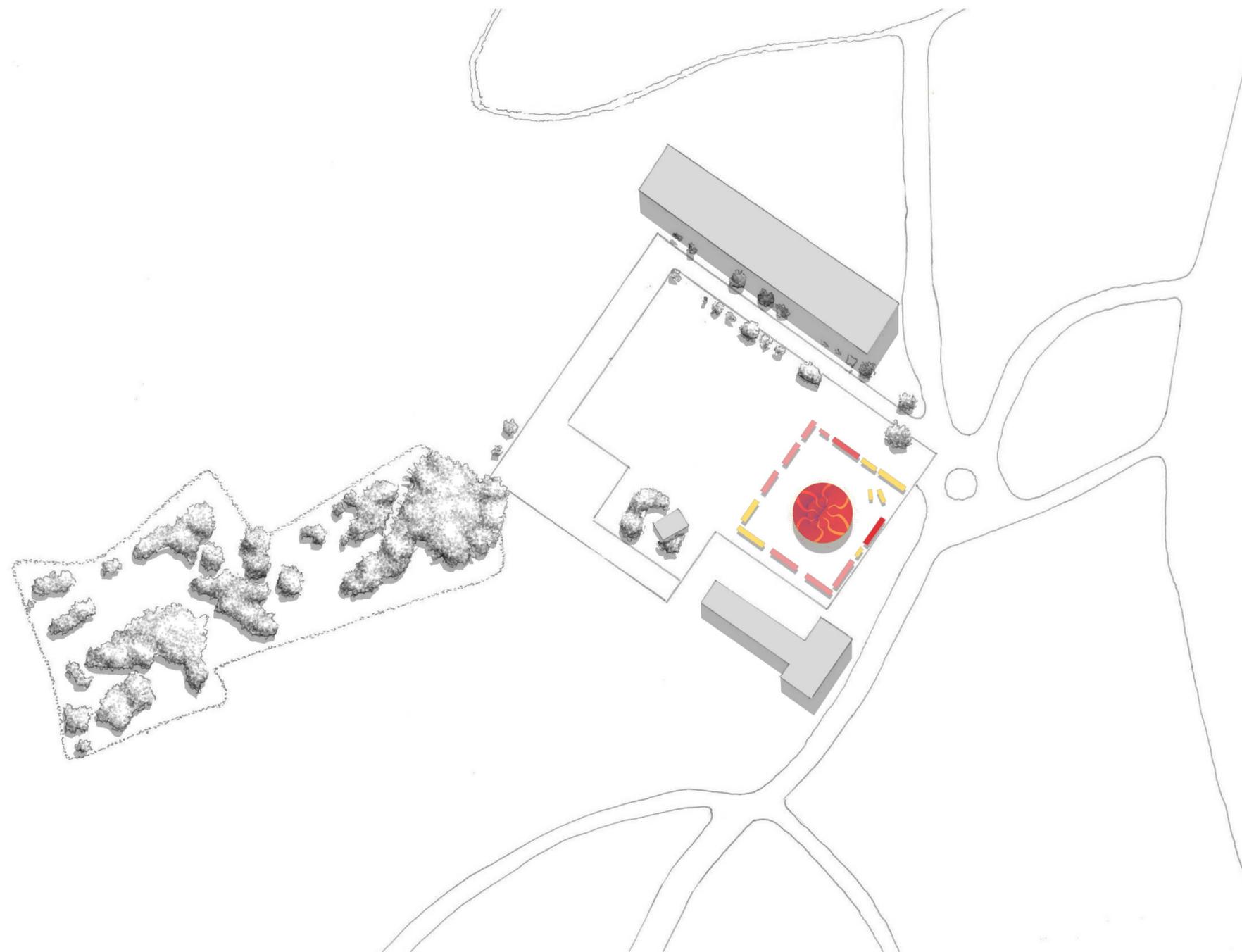


Fig.160 Acessos desde o centro urbano até ao local de implantação do circo Escala 1:10000



Fig.161 Local de estacionamento automóvel junto ao local de implantação do circo Escala 1:5000

**Caso de estudo:
Circo Nery Brothers**



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

O circo, sem outra alternativa, implanta-se neste local, mas contudo, este não parece desfavorável aos requisitos da companhia. Encontra-se muito perto do centro da vila, podendo qualquer pessoa deslocar-se até lá sem quaisquer dificuldades.

Não é uma zona muito visível e com muito tráfego, ainda assim, parece ser bem localizada. A vila é realmente pequena, o que facilmente proporciona um conhecimento geral sobre a permanência do circo na localidade. Não é estritamente necessário o acampamento estar exposto a todo o público pois os anúncios em cartaz espalhados pela vila e a mensagem que passa entre os habitantes é suficiente para obter público.

O único senão tem a ver com as pessoas que passam pela vila, e não são residentes, que podem não tomar conhecimento da estadia do circo. Mas na verdade não parece ser uma grande preocupação por parte das companhias que por aqui passam pois costumam ser pequenos circos sem grandes ambições de audiência.

O lugar de implantação não possui grandes qualidades paisagísticas nem especificidades naturais que possam ser aproveitadas pela companhia. A sua melhor característica para a montagem do circo é o facto de o solo ser plano, duro e limpo, cujo pavimento tem frechas largas para a fixação das espigas de sustentação.

Fig.165
Planta. Escala 1:2000

Numa vista aérea sobre Vila Verde é possível perceber qual o maior e mais evidente espaço aberto com condições para albergar festividades e eventos sazonais.

O circo logicamente instala-se nesse lugar. É um espaço amplo, plano, de chão pavimentado em cubo de granito, normalmente utilizado pela feira da vila. Tangentes à praça, existem dois edifícios que públicos que provocam um certo movimento e fluxo de pessoas nesta zona.

A norte, de maiores dimensões, encontra-se a escola profissional de Vila Verde; a sul, a central de camionagem.



Fig.162 Localização do mar, rio ou canal



Fig.163 Área de vegetação rasteira



Fig.164 Localização de arvoredo

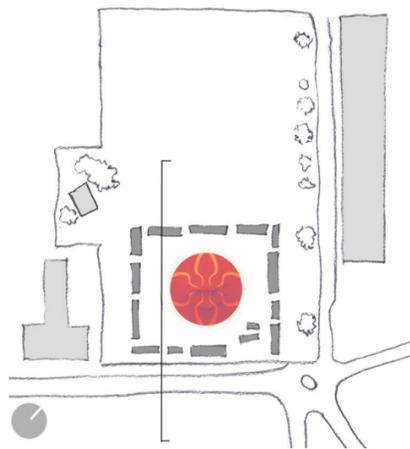


Fig.169
Cortes esquemáticos



Fig.170 Antes - o lugar



Fig.171 Depois - o lugar e o circo

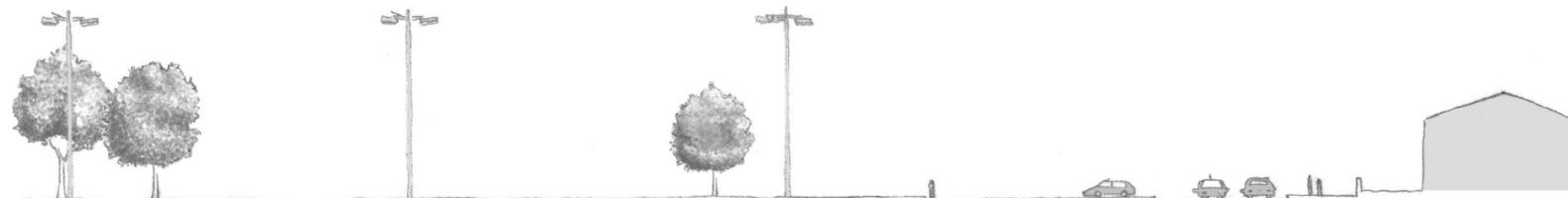


Fig.166 Morfologia e permeabilidade do solo

A praça tem alguns atributos benéficos à instalação do circo. Como é um espaço concebido para receber mercados e eventos sociais, é munido de luz e água potável, de fácil acesso. Possui muito espaço para estacionamento automóvel e, como já foi referido, solo pavimentado, que facilita a instalação circense em muitos pontos.

Neste exemplo, o caso de estudo é um circo muito pequeno com um elenco e equipamento muito reduzidos. Ocupa apenas uma parte da área total da praça. Pelas suas dimensões e número reduzido de veículos, o acampamento forma-se num pequeno rectângulo composto pelos camiões circundando o *chapiteau*. A sustentação da tenda é feita unicamente através da perfuração de estacas no chão pois a tenda é pequena e não tem tantos problemas estruturais ou de resistência ao vento como teria um *chapiteau* de médias ou grandes dimensões. Se os camiões fossem usados para esse efeito o acampamento seria vulgar.

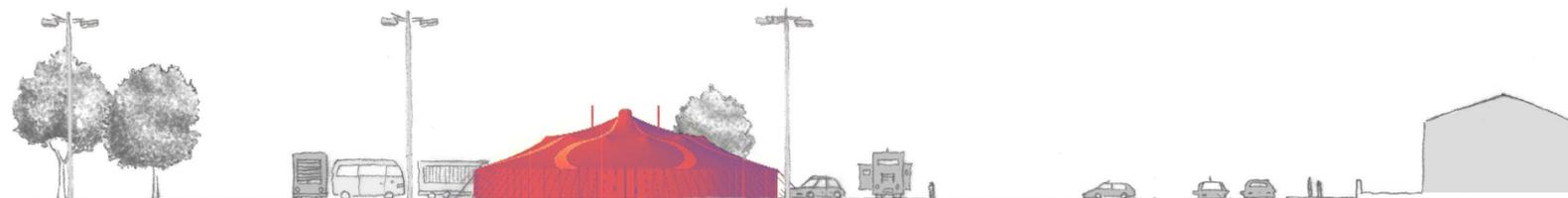


Fig.167 Tipo e qualidade do solo

Como é uma companhia pequena, libertam-se os camiões e todos os grandes veículos de transporte de cargas e habitação do perímetro da tenda (onde costumam ser colocados para a sustentação do *chapiteau*) e são-lhes atribuídas outras funções.

Devido ao reduzido leque de veículos, os poucos que existem são usados como barreiras, de forma a criar um espaço privado. As barreiras conferem uma organização que é crucial para a imagem de um circo.

Verifica-se em todos os circos, o cuidado para se organizarem bem no terreno e transmitirem uma verdadeira imagem de espectáculo e requinte, muitas vezes utilizando para tal efeito, barreiras para divisão de espaços e estruturação da “fachada” circense.

O *Nery Brothers Show*, apesar de pequeno e pouco decorativo, consegue, neste local, passar uma imagem graciosa do seu circo ao público que passa.

Não existe nenhum riacho que por ali passe. A vegetação, quer arbórea quer rasteira, situa-se em torno do Campo da Feira mas pertence a terrenos privados com uso agrícola. Deste modo, a companhia em questão não costuma usufruir das regalias que os terrenos “naturais” oferecem.

Uma alternativa a essa limitação dos factores paisagísticos, seria a utilização do espaço privado sem uso agrícola, de forma longitudinal que se encontra junto ao Campo da Feira, como se vê na planta. Unindo as qualidades desta praça com os elementos naturais que lhe faltam, apenas encontrados no terreno privado ali ao lado, o circo poderia usufruir de uma grande comodidade, incrementando a qualidade de vida dos circenses mas também facultando um maior conforto ao seu público.

Especulando um pouco, poderia dar-se uso ao terreno privado, não só para a utilização quotidiana por parte da companhia mas também para proporcionar espaço agradável para o espectador, antes, durante e após o espectáculo.



Fig.167 Tipo e qualidade do solo



Fig.168 Estrutura - tipo de alicerces

Síntese das características de cada lugar

Após a leitura e compreensão do *Manual de instruções para instalação de um circo* e o estudo dos *exemplos*, foi criada uma tabela que procura, de forma resumida, estabelecer a **relação entre cada exemplo prático abordado e os factores urbanos e paisagísticos que mais o caracterizam**. Para se poder compreender esta tabela-síntese, é necessária a consulta do *Manual de instruções*, na página onde são listados todos os seus componentes (página 33). Assim, poder-se-á associar o lugar ao factor em questão.

	Guimarães	Braga	Porto	Vila Verde	Prado	Ponte de Lima	Viana do Castelo	Póvoa de Varzim	Barcelos	
1	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	A
2	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
3	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
4	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	
5	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	Red	C
6	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
7	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	B D E
8	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
9	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	
10	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	

Existência das características pretendidas para implantação do circo no lugar, por item	
Sim	Yellow
Um pouco	Yellow
Não	Yellow

Qualidade das características do lugar para implantação do circo, por item	
Bom	Red
Razoável	Red
Mau	Red

Cidade fantasia

"A cidade de Sofrónia compõe-se de duas meias cidades. Numa fica a grande montanha-russa de íngremes bossas, o carrossel com a sua auréola de correntes, a roda das gaiolas giratórias, o poço da morte com os motociclistas de cabeça par abaixo, a cúpula do circo com o cacho dos trapézios a pender no meio. A outra meia cidade é de pedra e mármore e cimento, com o banco, os opiários, os prédios, o matadouro, a escola e tudo o resto.

Uma das meias cidades está fixa, a outra é provisória e quando acaba o tempo da sua estadia despregam-na, desmontam-na e levam-na dali para fora, para a enxertar nos terrenos vagos de outra meia cidade. Assim todos os anos chega o dia em que os operários arrancam os frontões de mármore, deitam abaixo as paredes de pedra, os pilares de cimento, desmontam o ministério, o monumento, as docas, a refinaria de petróleo, o hospital, e carregam-nos em reboques de grandes camiões para seguirem de praça em praça o itinerário de todos os anos."

Italo Calvino ¹⁷

¹⁷ CALVINO, Italo, *Cidades Invisíveis*, Alfragide: Teorema, 2011, pág. 73

Todos os exemplos que foram analisados anteriormente reportam-se a companhias instaladas em nove locais diferentes. A partir do *Manual de instruções* – ele próprio construído a partir da observação e estudo dessas implantações – foram identificadas as diferenças entre os vários lugares, circos e os factores essenciais a considerar para a sua instalação.

O *Manual* enuncia o modelo ideal para a implantação de uma companhia de circo. Ou seja, teoricamente, se alguma companhia seguisse detalhadamente todas as prescrições do *Manual*, obteria o assentamento “ideal” de um circo num determinado lugar.

Percebeu-se que todos os circos se baseiam numa série de factores do *Manual* para escolherem e se apropriarem de um lugar, mas essa série é vasta o suficiente para, em cada caso, se aplicarem apenas alguns dos factores.

Todas as companhias põem em consideração vários desses diferentes factores e passam pelas diferentes fases identificadas no *Manual* para chegar à melhor das implantações possível, mas todas elas divergem desse “modelo puro”. Na prática, nenhuma delas segue “à risca” as regras enunciadas; nenhuma apreende todos os factores identificados no *Manual de instruções*, já que não se defrontam com alguns desses factores e consideram apenas outros. Isto deve-se às características do lugar. Como todos os lugares de implantação são diferentes, a apropriação é sempre diversa e as escolhas tomadas no local igualmente distintas e selectivas.

Na verdade, o que distingue as diversas implantações não é tanto o lugar por si só, mas a limitação que este impõe a uma companhia que, por sua vez, terá de tomar certas decisões para criar o melhor acampamento possível.

A *Cidade Fantasia* (que neste trabalho acaba por ter um formato conclusivo) levanta questões em relação às diferentes apropriações dos circos nos lugares. Levanta questões acerca das referidas **variações** da instalação dos circos, das suas causas e consequências, tal como da sua “semelhança”, resultante do confronto com as **limitações** de cada sítio (de acordo com os factores do *Manual de instruções*).

Pretende abordar-se o processo de instalação naquilo que ele tem, por um lado, de universal (comum a todos os lugares) e, por outro, de adaptativo (ainda que limitado por um padrão de factores) e, assim, compreender o motivo da impossibilidade da consideração de todos os factores. Pretende perceber-se se é realmente inexecutável seguir fielmente o *Manual de instruções* para uma implantação 100% eficaz, e compreender a verdadeira razão para tal suceder. Se tais factos forem comprovados e entendidos, o objectivo passará por criar propostas para a abertura das habituais limitações.

Este capítulo final é designado *Cidade Fantasia* porque constrói uma ideia de circo ideal, através de três propostas fictícias.

A *Cidade Fantasia*, concebida então por convenções um pouco fantasiosas, precisamente para extremar as ideias que pretendem ser transmitidas, será apresentada em três partes:

1. Furadouro – é a recriação/suposição do processo de instalação de um circo para constatação das limitações impostas pelos lugares e consequentes selecções de apenas alguns tópicos do *Manual*.

2. Lugar ideal – é a verificação da impossibilidade da utilização de todos os tópicos do *Manual* na vida real, através de um projecto fictício onde se juntam todas as características necessárias para uma implantação perfeita.

3. Espectáculo do lugar – são propostas de tipologias possíveis para contornar o padrão verificado.

No fundo, este capítulo apresenta – a partir dos conteúdos do capítulo anterior – sugestões de instalação do circo que poderiam romper as limitações existentes no modo de o fazer.

Entende-se que é possível alterar as formas de adaptação e demonstrar como é que os factores urbanos e paisagísticos podem ser mais gozados a partir do lugar que é concedido às companhias.

Basicamente, pretende valorizar-se e tirar mais partido daquilo que é considerado negativo e que até agora tem sido um entrave nas dinâmicas circenses e na sua forma de instalação.

Ao olhar de forma diferente, de forma potenciadora, para aquilo que até ao momento era um defeito, poder-se-ão encontrar modelos de implantação que levem à inovação e por sua vez à captação de audiências.

Propõe tornar-se esse ponto negativo – as limitações do contexto de implantação – num ponto positivo; aproveitar o potencial dos lugares tornando as variações mais extremas.

As inovações na apropriação dos lugares poderão contribuir para uma equivalente inovação na prática circense.

Furadouro

Foi realizada uma experiência que consistiu numa recriação dos métodos e processos de instalação do circo, baseados nos factores do *Manual de instruções*.

O objectivo era testar o modelo do *Manual*. Para isso, inventou-se um exercício: prever a forma de implantação de uma companhia num terreno específico, tendo apenas conhecimento da localização do lugar; sem ter acesso a mais nenhuma informação, e mesmo antes de analisar o local como se fez com todos os outros circos.

Apesar de ser baseada nas considerações e métodos circenses, a experiência pretendia introduzir um novo sistema de abordagem ao tema. Ao contrário do processo circense para implantação num lugar, que passa pela apreensão experimental do terreno para posterior adaptação, aquilo que se propunha, era um processo mais teórico. Pretendia-se pôr em prática as ferramentas teóricas e gráficas de um arquitecto aliadas ao conhecimento mais empírico do circo.

Soube, a certo momento, que o Circolândia se encontrava na praia do Furadouro.¹⁸

A praia do Furadouro situa-se em Ovar, uma cidade com cerca de 17 000 habitantes.

Do centro da cidade, estende-se uma longa estrada em direcção a oeste que nos leva à praia. Não existe grande massa construtiva entre os dois polos e verifica-se uma maior concentração de pessoas nas duas extremidades – Ovar e Furadouro. A estrada serve essencialmente de ponte de conexão entre as duas localidades sendo também praticamente o único acesso à praia, ou pelo menos o mais eficaz a partir de Ovar.

A malha urbana do Furadouro é muito rigorosa, obedecendo ortogonalmente à direcção da linha do mar, desenvolvendo-se da marginal para o interior. Se instalado num cruzamento dessas vias, o *Chapiteau* poderá ser avistado facilmente ao longe (figura 172), e as pessoas poderão ser atraídas pelas cores da grande tenda.

Um dos dois pontos escolhidos para implantação do circo no Furadouro, obedece a esta circunstância.

¹⁸ Durante mais de três meses, em períodos intercalados, tive a oportunidade de entrar em contacto com um circo português – o Circolândia – e desse modo avaliar, mais aproximadamente e com maior detalhe, os factores antes abordados. Mantive contacto com o proprietário, que se mostrou sempre disponível para me receber. Quando lhe falei deste exercício, indicou-me o local onde se encontrava o circo naquele momento e aceitou receber-me durante alguns dias para se poder realizar a experiência na perfeição.



Fig.173 Planta. Escala 1:5000

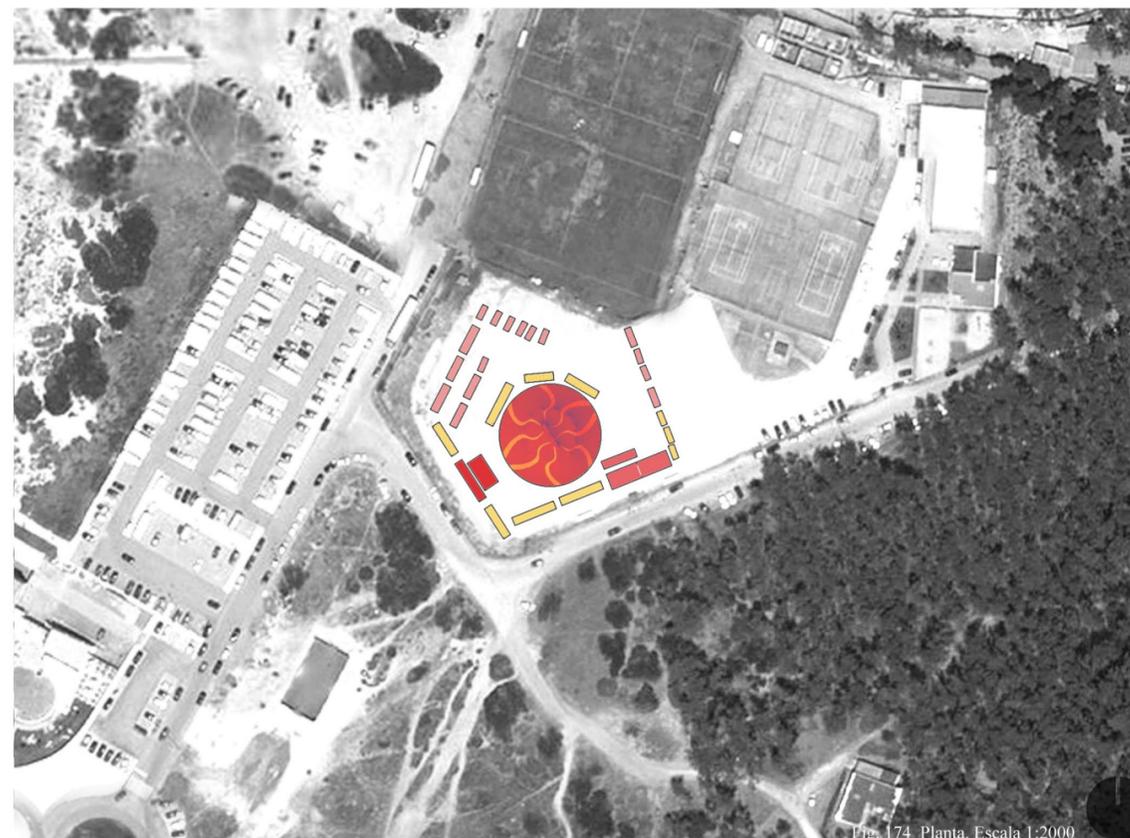


Fig.174 Planta. Escala 1:2000



Fig.175 Planta. Escala 1:2000

- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

Nunca tinha estado nesta localidade e, portanto, não tinha qualquer conhecimento do local de implantação do circo.

A partir do *Google Maps*, tentei conhecer um pouco a localidade (mesmo antes de me ter deslocado até lá), e procurei perceber, em vista aérea, qual o lugar mais favorável à instalação do circo. Pondo em prática o *Manual de instruções*, acabei por dar duas alternativas para a localização do Circolândia (figura 173). Respeitando os factores do *Manual*, criei o plano de implantação para as duas opções (figura 174 e 175).

Eram possíveis duas alternativas pois ambas obedeciam às “regras” de instalação dos circos. Contudo, ambas possuíam características distintas que consequentemente trariam resultados diferentes.

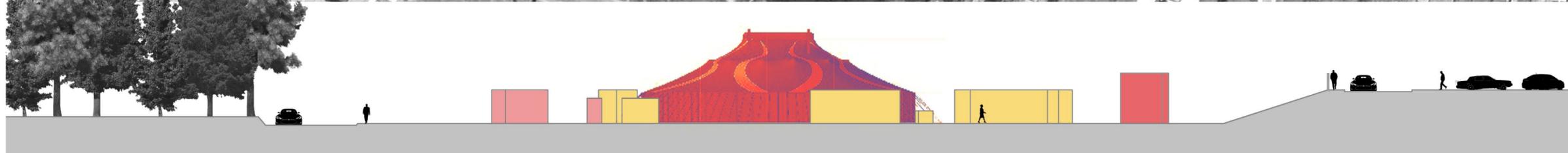
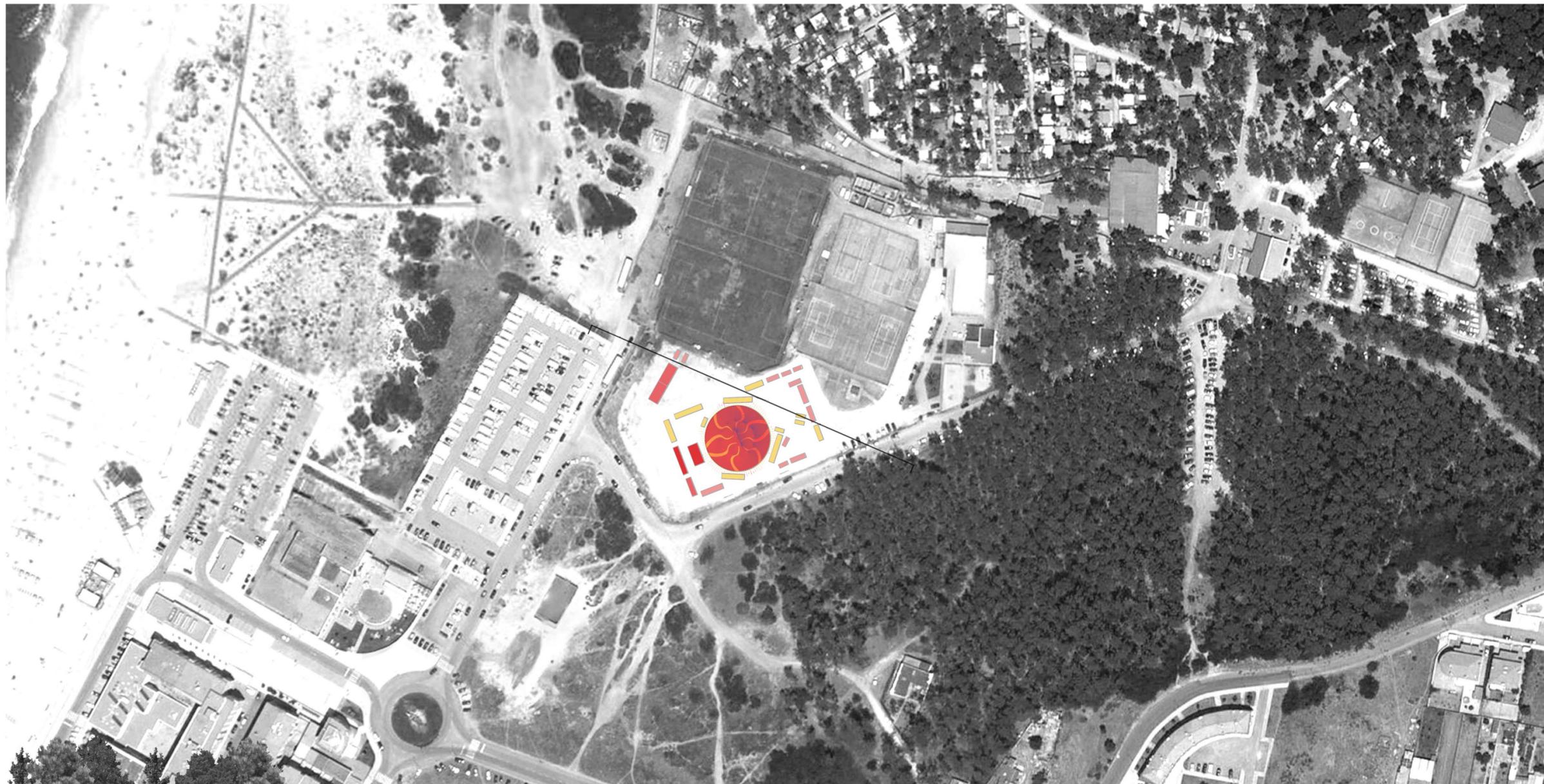
Há uma intensa movimentação automóvel na estrada de ligação entre os dois pólos, com particular expressão na rotunda da entrada do Furadouro. Este é um dos pontos mais interessantes para a instalação do circo, pela sua grande exposição ao público e pela área disponível num dos descampados ali adjacentes (figura 175).

O outro espaço com características favoráveis, encontra-se mais junto ao mar, numa zona mais recatada, mas ainda com grande movimento, devido à existência de um parque de estacionamento automóvel de um lado e de um parque de campismo do outro (figura 174). Em parte, este segundo espaço é preferível, uma vez que o terreno possui melhores condições do que o primeiro, mas, por outro lado, acaba por ser menos avistado do que o outro.

Aqui está uma primeira grande questão a pôr-se aquando da procura de um terreno: a preferência por maior exposição e anúncio, ou por um terreno de melhores condições e parque de estacionamento público integrado. Esta é uma das razões pelo qual o circo nunca consegue empregar todos os factores de instalação da maneira mais eficaz, pois existe sempre algum entrave, e terão de ser feitas escolhas.



Fig.172



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

Com esta experiência de projecto, realizada quase como um “jogo das adivinhas”, percebeu-se claramente como o lugar é essencial e faz toda a diferença na instalação de um circo, como já foi anteriormente referido. É notável, a diferença que faz em conhecer o espaço para um projecto de um circo e ter apenas informações digitais acerca do mesmo. Contudo, certas opções são mais facilmente determinadas com o auxílio de uma vista aérea. Com uma planta geral, rapidamente se identificam os locais com espaço suficiente para o conforto circense. Ainda assim, apenas vivendo esse espaço se poderá ter noção das condições e ambiente para aquilo que se pretende.

Esta conclusão, alusiva à importância do lugar para a concretização de um bom projecto de arquitectura, não é, de todo, uma grande novidade. Conhece-se já há muito tempo este pressuposto, pelo menos nos meios que me são conhecidos. Ainda assim, não é aplicado na arquitectura circense como deveria, por várias razões. Muitas vezes os circos não têm possibilidade para escolher os terrenos, sendo-lhes atribuído lugares com poucas condições. Por esse motivo, os circos são obrigados a considerar apenas alguns dos factores indicados no *Manual*. Mas mesmo quando têm a vantagem de escolha do terreno, adaptam-se a ele de forma muito redutora, parecendo que desvalorizam, ainda assim, vários dos factores.

Fig.176
Planta. Escala 1:2000
Fig.177
Corte. Escala 1:500

O passo seguinte consistiu na minha deslocação até ao Furadouro para tentar perceber se o *Manual de instruções* funciona realmente na prática, e compreender se a implantação do Circolândia coincidia com a minha suposição, baseada no *Manual*.

De alguma forma, deveria estar correcto, visto que o *Manual* foi criado a partir da observação das diferentes formas de apropriação. Ainda assim, seria complicado acertar, pois não tinha experiência no ramo, nem conhecia profundamente o lugar.

O resultado foi satisfatório. Quando cheguei, percebi que o Circolândia se localizava num dos espaços sugeridos por mim (figura 174).

A estrutura do acampamento era um pouco diferente daquilo que eu tinha imaginado, mas apesar de tudo, haviam muitas semelhanças importantes.

Compreendi que aquilo que falhara tinha essencialmente a ver com o facto de não conhecer devidamente o lugar.

Um dos maiores erros foi a colocação dos estábulos e da jaula do felino noutra posição, que não aquela adoptada pelo circo. Coloquei os dois elementos junto a uma estrada que me parecia de grande movimento e exposição. O Circolândia optou por colocar os estábulos do lado oposto, parecendo-lhe que poderia haver maior fluxo de pessoas. Acabei por constatar que apesar de um grande movimento de pessoas nesse lado, devido ao estacionamento automóvel, os animais passavam um pouco despercebidos, devido à diferença de nível entre os dois campos (figura 177).

Para além disso, opostamente ao que pensara, o circo separou a jaula dos estábulos, colocando-a junto à bilheteira, na “fachada” principal. Percebi posteriormente que este animal, que estava instalado na jaula, não era utilizado em espectáculo e tinha o único motivo de atrair as pessoas que passavam.

Apesar dos desencontros do projecto em relação à realidade, existem ainda bastantes pontos em comum. Para já, o local é um dos que foi sugerido. É um campo de futebol alugado ao clube desportivo. O solo é plano e em terra batida, perfeito para a acomodação do *chapiteau*. O terreno é de grandes dimensões com uma geometria muito definida. O equipamento circense rege-se pelas marcações do campo e sua ortogonalidade, para criar a malha do acampamento. A grande tenda é colocada no centro e os camiões em seu torno.

Volta-se a entrada e o camião publicitário para a estrada principal e as rulotes são postas numa zona mais privada. A grande diferença entre a proposta e a realidade, é a colocação dos estábulos numa reentrância no terreno para fora do campo de futebol, abrigados pelo talude que limita o parque de estacionamento automóvel.

Esse desinteresse pelo lugar por parte dos circos, poderá dever-se às características do terreno (pois este terá as suas limitações, mesmo que seleccionado pela companhia), ou por razões relacionadas com o costume e tradição que estão puramente entranhados no circo português, e que não lhes permite adoptar novos modos de instalação.

Entre a arquitectura dos arquitectos e a “arquitECTURA sem arquitectos”¹⁹, os princípios não mudam drasticamente, mas, num dispositivo itinerante como o circo, o pressuposto da importância no lugar aplica-se de uma outra forma. Para o circo, o lugar de implantação tem de ser apropriado da forma mais prática para o funcionamento, quer do espectáculo, quer do dia-a-dia das pessoas da companhia. Por isso, os métodos de instalação são normalmente instintivos, sem grande reflexão sobre eles.

A paisagem pode fazer parte da essência pura da arquitectura circense, uma vez que esta influencia-a constantemente. O lugar poderá mesmo, chegar a dar “vida” ao espírito humano e artístico.

No circo, a paisagem pode ser entendida como parte da magia do espectáculo.

Esta primeira conclusão foi elaborada para introduzir as duas partes que virão a seguir: o *Lugar ideal* e o *Espectáculo do lugar*.

¹⁹ RUDOFISKY, Bernard, *Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-pedigreed Architecture*, New York: UNM Press, 1964

Lugar ideal

O *Lugar ideal*, tal como o nome indica, é uma ideia fictícia de um lugar perfeito para a recepção de um circo. O *Lugar ideal* não é tanto uma cidade na sua totalidade, mas mais um lugar específico contextualizado por uma zona urbana.

A concepção deste projecto fictício tem como objectivo mostrar qual poderia ser a implantação perfeita realizada por uma companhia de circo, baseada nos factores considerados modelares na selecção e apropriação do lugar de instalação.

A partir desses factores urbanos e paisagísticos descritos no *Manual de instruções*, é planeado um lugar, inserido num contexto urbano, com as características requeridas na sua maior perfeição. O projecto do circo limita-se a apropriar desses factores da melhor maneira possível.

De certa maneira, tenta apresentar-se, através de imagens, o conteúdo do *Manual de instruções* anteriormente abordado, representando todos os factores através de um exemplo fictício. Para a compreensão dos vários factores urbanos e paisagísticos, é criado um lugar que possui todos os elementos favoráveis à companhia. Observando os 10 pontos da lista dos *factores urbanos e paisagísticos a considerar para a selecção do lugar de implantação do circo*, denota-se que são todos eles representados, de certa maneira, no projecto do *Lugar ideal*. Em certos casos, a sua representação não é literal, mas facilmente se compreende que certos factores são influenciados por outros. Logo, se alguns dos factores forem correctamente representados, outros estarão presentes de uma forma implícita. Por exemplo: foram representados os lampiões de luz na área de implantação do circo. Isso supõe a existência de água potável. Não foram representadas as bocas de água, mas supõe-se que existam, visto que há electricidade e que o lugar se encontra próximo da malha urbana mais densa.

A lista de *apropriações* é igualmente verificada no projecto do *Lugar ideal*. Cada tópico foi planeado de maneira a poder ser concebido um acampamento perfeito. Certos pontos da lista de *apropriações*, como o da *Estrutura*, não são identificáveis, mas como acontece nos 10 tópicos da lista anterior, alguns deles são indicados pela representação de um outro factor. Neste caso, pelo facto do terreno onde assenta o *chapiteau* ser pavimentado, supõe-se que os alicerces utilizados são os próprios camiões ou sapatas externas amovíveis.

Para além de uma ilustração do *Manual*, na sua ficção extrema, o *Lugar ideal*, tem como propósito construir uma ideia: aquilo que não existe e que poderia existir.



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

O acampamento situa-se junto a uma estrada de alta velocidade por onde passam imensos carros por dia, a uma cota mais elevada, permitindo-lhe ser avistado pela imponência e altura da cúpula do *chapiteau*. Consegue, ainda assim, distanciar-se desta, podendo usufruir de privacidade e sossego.

À cota inferior, passa uma outra estrada de grande movimento automóvel e pedonal, que acompanha o rio e o parque público. Um dos caminhos pedonais do Parque conflui no estacionamento automóvel que faz parte da área pavimentada onde se instala o acampamento circense. É esta grande área pavimentada que dá suporte rígido à tenda.

O parque de estacionamento, tal como a rua que lhe é tangente, é equipado com iluminação suficiente para tornar a zona agradável e segura, e ambos são abastecidos por canalizações de água e respectivos pontos de abastecimento, pois encontram-se junto ao núcleo principal da cidade. A configuração do acampamento é adequada ao espaço onde se insere. Na verdade, o lugar indica já praticamente a forma de implantação do circo, pois os seus factores urbanos e paisagísticos propiciam uma certa disposição do equipamento circense. O *chapiteau* é colocado sobre pavimento firme, as autocaravanas numa zona mais privativa sob a copa das árvores e os animais e a bilheteira expostos ao olhar público, criando a entrada.

Fig.181
Planta. Escala 1:2000

Os três factores paisagísticos tomados como parte daqueles de maior importância, nos exemplos práticos (rio, vegetação rasteira e arvoredo), estão bastante presentes neste local de instalação, e fazem parte do sistema de apropriação, de forma também ela bastante marcante. O rio passa mesmo ao lado do acampamento para auxílio ao quotidiano dos circenses. O relvado estende-se envolvendo o lugar de implantação e o arvoredo, contorna as margens do rio e projecta sombra para uma certa parte do acampamento, protegendo as rulotes e autocaravanas do sol intenso e dos olhares curiosos dos transeuntes.



Fig.178



Fig.179



Fig.180

Facilmente se pressupõe que um enquadramento deste género jamais seria possível em Portugal. Tal perfeição não existe em nenhum dos casos reais devido a inúmeras condições.

Em qualquer local para onde que o circo se dirija existirão sempre problemas relacionados com a escolha do lugar: falta de terrenos disponíveis, inacessibilidade por parte dos municípios, área ou tratamento do solo, etc. Por outro lado, no que respeita aos factores logísticos ou paisagísticos, por vezes, a apropriação por parte do circo não é ideal, pelo enquadramento na malha urbana, pela disposição no espaço, pelo uso dos elementos da paisagem, etc.

A maioria das vezes é necessário abdicar de algumas regalias para conseguir usufruir de outras. O terreno, ou a logística para o obter, raramente permitem à companhia beneficiar das características necessárias para uma boa implantação. É feita uma constante selecção daquilo que poderá ter mais valor para uma implantação com alguns princípios.

Na vida circense em Portugal, a escolha e apropriação do lugar de instalação é dos passos mais importantes para o êxito de uma companhia mas é também o mais complexo.

As cidades não estão preparadas para receber estes grupos de grandes dimensões pois não possuem espaços especificamente planeados para tal evento. É desse modo atribuído qualquer espaço, sem tratamento prévio, possuindo apenas as dimensões mínimas necessárias. Mas tudo isto acontece sem se verificar grande esforço de auxílio ou preocupação por parte das autarquias.

Em Portugal não existem espaços somente dedicados aos circos. Mas segundo o Sr. Carlitos Júnior – dono do Circolândia – e a Sra. Lisa Rado²⁰ – do Circo Coliseu, em Espanha – noutros países da Europa (França, por exemplo), destinam-se espaços especificamente para a instalação dos circos em cada cidade, ou pelo menos nas mais importantes. Basicamente libertam um espaço de grandes dimensões no centro urbano da cidade para instalação de qualquer circo que por ali passe. O espaço é gratuito e possui as condições necessárias para a vida dos circenses e para o conforto dos espectadores. O terreno poderá ser plano e pavimentado em bloco ou alcatrão, possivelmente preparado para prender os tirantes do *chapiteau* ao solo. Poderão também existir balneários para o uso privado e casas de banho para o uso público, e infra-estruturas preparadas para abastecer qualquer tipo de circo, sendo então preparado com água e iluminação específica.

²⁰ Em conversa com Lisa Rado: “Bem, em sítios como a Alemanha ou França, existem espaços para o circo. Em Espanha há muitos. Chamam-se *recinto ferial*, como em países como os E.U.A. Existem mesmo espaços muito organizados, com ligação para luz e água potável e tantas outras coisas. É como um parque de campismo mas só para o circo.”

Espectáculo do lugar

Apesar das lacunas existentes no nosso país – no que diz respeito às condições proporcionadas aos circos – penso que pode ser considerado um lado positivo em todo este panorama desfavorável.

O circo poderia tirar muito mais partido daquilo que lhe é oferecido.

As diferenças paisagísticas observadas nos diversos lugares podiam, precisamente, ser um grande potencial artístico para cada companhia. As “desvantagens” relacionadas com a paisagem com que se deparam os circos neste país podem marcar justamente a diferença entre outros países, acomodados a espaços constantemente idênticos sem grande carácter e potencial; tais “desvantagens” poderiam ser o mote artístico do circo em Portugal.

Esses elementos naturais podiam ser mais e melhor aproveitados se, para além de um suporte satisfatório no dia-a-dia da companhia, contribuíssem, também eles, para a dinâmica e novidade artística; apreendendo o que o lugar oferece e, de alguma maneira, inserindo-o possivelmente no próprio espectáculo.

Compreende-se que seja deveras complicado adaptar-se a uma paisagem quando esta oferece poucas condições, principalmente quando a própria companhia carece, por razões de privação, de provisões e material mínimo para se sustentar. Há poucas condições e falta de meios para conseguir aproveitar qualquer elemento ou potencialidade da paisagem. A pobreza circense faz com que seja cada vez mais complicado usufruir devidamente daquilo que é dado. É muito difícil transformar algo velho e sem qualidade, em algo belo, atraente e de carácter. Mas, com vontade e algum esclarecimento, poderá ser possível.

De certa forma, os circos já se apropriam dos lugares e suas características, e potencializam, até certo ponto, aquilo que o lugar lhes oferece, como são exemplos, a sombra das árvores, ou o posicionamento perante um talude para protecção do vento ou maior privacidade, o uso da água de um rio ou a colocação do anúncio circense num ponto estrategicamente mais observável. Mas isso são apropriações, que apesar de muito importantes para o circo, não passam de acções instintivas.

De certo modo, o lugar pode fazer parte do espectáculo, de um modo que não faz ainda:

- Na **aparência e exposição ao público** – algo que pode ser facilmente mudado mas que continua a ser uma falha por parte das companhias.

- Através da quebra da **barreira entre o espaço público e o privado** – criar um “parque” público circense. Para isso o circo poderia passar a instalar-se em zonas mais apropriadas (parques urbanos ou naturais), não sendo, ainda assim, um requisito essencial.

- No **espectáculo no lugar** propriamente dito – desenvolver uma forma de inserir as potencialidades dos lugares no próprio espectáculo. (Através da disposição do acampamento e *chapiteau* e pela abertura da “saia” da tenda e inserção de elementos naturais no seu interior.)

Serão então explanadas, três concepções possíveis para uma melhor e mais saudável interacção entre o circo e a paisagem.

A primeira já é posta em prática diariamente pelas companhias (tem vindo a ser aqui estudada). As outras são propostas inovadoras de possíveis relações entre o circo e o lugar, ou entre o circo e a sociedade. Basicamente são ideias de uma nova forma de interacção com o contexto paisagístico e social.

Para maior compreensão das três propostas, a seguir desenvolvidas, foi criado um projecto, que as procura integrar.

A partir do projecto, poder-se-á verificar, ainda que de maneira um pouco irreal, os modos de implantação sugeridos.

O projecto – (*Espectáculo do lugar*), que dá nome à última parte da dissertação – será apresentado no final das três propostas, de modo a juntá-las numa síntese.

Três propostas para uma melhor e mais saudável interacção entre o circo e o lugar

Aparência e exposição ao público

Esta temática, como já foi referido, tem sido um dos pontos de estudo, e pertence à lista de *apropriação do lugar em função dos diversos factores urbanos e paisagísticos referidos*, sendo, por isso, alvo de análise de forma detalhada. Sabe-se que é um dos factores mais importantes na apropriação de um lugar, visto que servirá de principal chamariz e fonte anunciativa do espectáculo circense na localidade. A localização do circo e forma de exibição são, desse modo, fulcrais na captação de público.

São portanto abrangidas nesta temática, questões como o local exacto de implantação do circo; o posicionamento do *chapiteau* e a maneira como se volta para o público; a organização do acampamento; a iluminação; o percurso de entrada e respectivos dispositivos, como portais ou alinhamentos de camiões; a escolha dos elementos mais expostos ao público; etc.

São, todos eles, aspectos já mencionados anteriormente e já bastante desenvolvidos. Ainda assim, fez-se apenas uma análise da realidade. Muito se verificou mas pouco se especulou.

Pretende apenas reforçar-se a importância da imagem de cada companhia, muitas vezes reduzida a uma simples solução sem grande reflexão, ou um acto leigo e inconsciente. É algo deveras incompreensível, uma vez que uma mudança parece ser tão simples.

Obviamente que a ideia aqui apresentada não passa de uma especulação, pois é feita de forma absolutamente teórica. Talvez não seja assim tão simples mudar a estratégia de posicionamento do material circense ou dos anúncios do espectáculo.

Acredito que haja de facto poucos cuidados com a imagem pública dos circos e que esta não seja uma condição importante, nem tão pouco uma preocupação central para as companhias portuguesas. Este factor é apenas um resultado de uma apropriação instintiva do local, que no limite, poderá ser pensado apenas com vista a uma resolução sobretudo funcional.

Barreiras entre o espaço público e o privado

As barreiras para marcação dos limites do acampamento foram sempre indispensáveis na instalação de um circo. Sempre que possível, esses limites são assinalados: pelo alinhamento de camiões ou outro tipo de transporte, por grades, por cordas ou fitas, pela simples indicação através de dois transportes alinhados mas contudo separados no terreno, ou por imposições feitas pelo traçado do lugar, como um talude, um passeio, uma fileira de árvores ou arbustos.

Observa-se uma tendência para os circos se fecharem sobre si mesmos, enclausurando a área de movimento e actuação circense. Fazem-no de forma muito natural, mas algo descuidada – o que vem reforçar a crítica do ponto anterior. Até a delimitação do acampamento contribui para a imagem do espectáculo, já que são as “fachadas” delimitativas voltadas para o exterior um dos primeiros impactos que o público tem com o circo.

O problema é que não existe um grande cuidado na colocação das barreiras separatórias e na geometria que lhe deveria ser conferida. É muito importante a clareza nos alinhamentos e paralelismos que são atribuídos à ortogonalidade da estruturação do acampamento, pois esta concede uma harmonia mais atraente.

Para além desta questão, coloca-se outra: não tanto o defeito na constituição da ortogonalidade do circo e na sua limpeza organizativa, mas mais a necessidade que existe por parte das companhias em fechar-se ao “mundo” exterior. Parece que tentam cobrir todas as possíveis aberturas existentes no “pano de muralha” que delimita o acampamento, e que procuram sempre reservar uma zona para as rulotes e autocaravanas, concedendo-lhes um espaço mais privado.

Os circenses expõem-se o menos possível, estando constantemente no interior das suas “casas itinerantes” ou no interior do *chapiteau* para ensaios.

Exagerando, quase que se poderia dizer que durante o dia, fora da hora de espectáculo, certas vezes, o acampamento circense assemelha-se a uma fantasia de livros de terror, onde o vento assobia e as pessoas não existem. Pelo menos, foi aquilo que senti algumas vezes.

Existe então uma contradição entre aquilo que se pretende para a actividade laboral e artística, e aquilo que representa o dia-a-dia dos artistas e empregados.

Por um lado, o circo quer expor-se ao público, uma vez que é um dos principais factores para o seu sucesso mas, por outro lado, fecha-se em si mesmo assim que termina o espectáculo. Esta incoerência só pode resultar num engano “conceptual” para a própria companhia.

A ideia de “espectáculo”, no seu conteúdo mais profundo, poderia então fazer parte do quotidiano do circo.

A proposta consiste na quebra da barreira entre o espaço público e o privado. Propõe-se uma abertura dos limites do circo, físicos e sociais, e uma passagem do mundo circense para o contexto social onde se insere, criando assim uma maior interação entre os dois campos.

Da mesma maneira que se pretende uma libertação do “mundo” do circo, também se imagina a inserção do “mundo” exterior no meio circense.

A relação entre as duas partes – público e circo – só poderá trazer vantagens a todos. O circo começará a atrair mais audiência; a comunidade externa terá simultaneamente maior consideração pela arte circense e terá maior curiosidade em assistir os seus espectáculos.

Tudo isso apenas poderá resultar, acima de tudo, com uma maior abertura social por parte da comunidade circense, mas também com o maior cuidado na organização do campo de implantação. Se o acampamento for pensado de modo a estabelecer contacto com o exterior – mantendo as técnicas anteriormente utilizadas para exposição ao público – será conferida uma qualidade arquitectónica mais eficaz, que poderá trazer vantagens ao reconhecimento do circo.

Ou seja: as convenções tradicionais (como a colocação do *chapiteau* alinhado com a entrada e bilheteira, por sua vez voltadas para a rua principal e mais movimentada da rua; ou as apropriações aos factores paisagísticos do lugar, como o uso de uma diferença de cotas para o isolamento da zona mais privada) podem ser mantidas, mas com o acréscimo da preocupação em abrir-se para o público, nem que seja apenas de um dos lados. Para conseguir efectuar tal manipulação, é necessário um sentido de espaço mais apurado – aquele que para os arquitectos, passa pelo uso do desenho e pela adequação às características do lugar.

A zona intermédia, entre o espaço do circo e o “mundo” exterior, poderia, por exemplo, ser considerado como um parque público circense, onde as duas comunidades poderiam conviver, onde o circo poderia até fazer demonstrações diurnas ou nocturnas, fora das horas de espectáculo, como meio de atracção e cativação do interesse do público, fazer ensaios abertos, criar *workshops*, divulgar o seu nome e imagem.

Tal interacção, deveria passar pela disponibilização de espaço urbanos adequados, como, por exemplo, parques naturais.

O espectáculo no lugar

Como já foi referido, o circo, apesar de seguir modestamente as “regras” de apropriação aos lugares onde se instala, não tira grande partido das características e potencialidades do local. Todos os lugares possuem propriedades muito distintas e isso poderia ser precisamente o motivo de relevância artística do circo.

O que se sugere é a captação das qualidades e potencialidades do lugar onde o circo se instala e a apropriação destas de um modo mais criativo e inovador. As características de um lugar podem ser utilizadas como matéria ou enquadramento do próprio espectáculo circense. Podem fazer parte do espectáculo ou contribuir para a alteração do mesmo, pela maneira como este é apresentado ou pela maneira como é observado.

Na continuidade do raciocínio do ponto anterior, através da supressão de certas barreiras entre o público e o privado, alguns atributos paisagísticos poderiam dar mote a um espectáculo exterior, na zona do *Parque público circense*, área frequentada por todos, ou no limiar entre o exterior e o interior do *chapiteau*. Apenas se deveria associar a apresentação do número circense a essa mudança de espaço, tendo de haver, com certeza, uma justificação para tal apresentação. Mas isso aponta-se a todo e qualquer número artístico apresentado no contexto circense ou não-circense, no interior ou no exterior do *chapiteau*. Na verdade, a simples vontade de fazer uma representação no exterior, pelo facto de se destacar da trivialidade ou pelo ambiente climático ser mais agradável, pode também ser uma justificação admissível. Mas mesmo no interior do *chapiteau*, as características e factores paisagísticos podem contribuir para a diferença conceptual do circo, cooperando com o desenvolvimento do acto artístico. Se não tiver uma relação directa com a componente artística, o lugar pode ainda influenciar a forma de visualização do espectáculo, conferindo-lhe um ambiente diverso, ligado aos meios paisagísticos. Se o *chapiteau* for colocado, por exemplo, junto a um aglomerado de árvores e absorver algumas delas para o seu interior, poderá desde logo criar um ambiente especial à cenografia interior, mas estas podem também, servir de matéria no número de qualquer artista: dos palhaços ou dos malabaristas, utilizando-as, por exemplo como obstáculo, elevando o grau de dificuldade.

Se for retirada parte da “parede” lateral da tenda para a inserção de um desnivelamento ou de um talude no seu interior, este pode servir de bancada natural para os espectadores. Um riacho pode ser empregue como o elemento principal na cenografia de uma teatralização, decorrendo a apresentação no interior do mesmo, ou pode também ser usado pelo público para se refrescar ou interagir com o espectáculo, ou simplesmente para conferir um tipo de ambiente na cenografia do espaço, que de certa forma é o espectáculo em si.

Outros elementos urbanos ou paisagísticos poderão ser utilizados no decorrer de um espectáculo ou na sua simples apresentação e imagem, pois existem inúmeras formas para a sua integração no contexto circense.

A relevância dessa apropriação está na adequação dos números apresentados às características do lugar.



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

Tal como acontece no projecto do *Lugar ideal*, este local procura reunir todos os factores abordados no *Manual de Instruções*, concebidos da melhor maneira possível para garantir uma eficaz implantação circense. Para além disso, o projecto tenta conciliar esses factores paisagísticos com aqueles que permitirão uma apropriação mais específica e radical, relativamente ao lugar e às dinâmicas sociais.

Claramente, na prática, o circo não poderá seleccionar as características urbanas e paisagísticas que mais lhe convém, tendo apenas de se adaptar àquilo que lhe é oferecido. Mas como foi mencionado, o projecto é um exemplo utópico e não adquire suportes absolutamente reais.

Ainda assim, no mundo real, são precisamente as especificidades encontradas nos lugares, que proporcionarão interessantes maneiras de apropriação e vinculação do espectáculo à paisagem. Mantendo a “fórmula base” de implantação de um circo num lugar, foram feitas certas alterações na composição geral do acampamento, de forma a que este interaja mais com a paisagem e a sociedade que o envolve.

O lugar, amplo e natural, distingue-se da envolvente urbana caracterizada por uma grande massa de construção. Por ele atravessa um rio que separa a zona baixa da zona alta mas as duas partes são conectadas por vias pedonais. O circo instala-se na zona baixa, junto ao rio.

Fig.184
Planta. Escala 1:1000

Espectáculo do lugar: O projecto

O *Espectáculo do lugar* é um projecto fictício que advém da continuidade do projecto do *Lugar ideal*. Tem o objectivo de comunicar uma ideia, que é o resultado das conclusões tiradas anteriormente relacionadas com o potencial de um lugar e com o modo como as companhias se apropriam dele. A crítica anterior foi baseada essencialmente no mau aproveitamento desse potencial. Este projecto procura demonstrar como poderia ser realmente interessante, e possível, usufruir, de modo artístico, das características da paisagem. Isto é: como é que o circo em Portugal, poderia tirar maior partido dos elementos urbanos e paisagísticos, inserindo-os no próprio conceito artístico e imagem da companhia. De facto, num país tão rico nas qualidades paisagísticas, é atraente a possibilidade de tais mecanismos itinerantes - ligados intrinsecamente aos meios da natureza e desenho de espaço público urbano - conectarem o espectáculo e o quotidiano ao lugar.

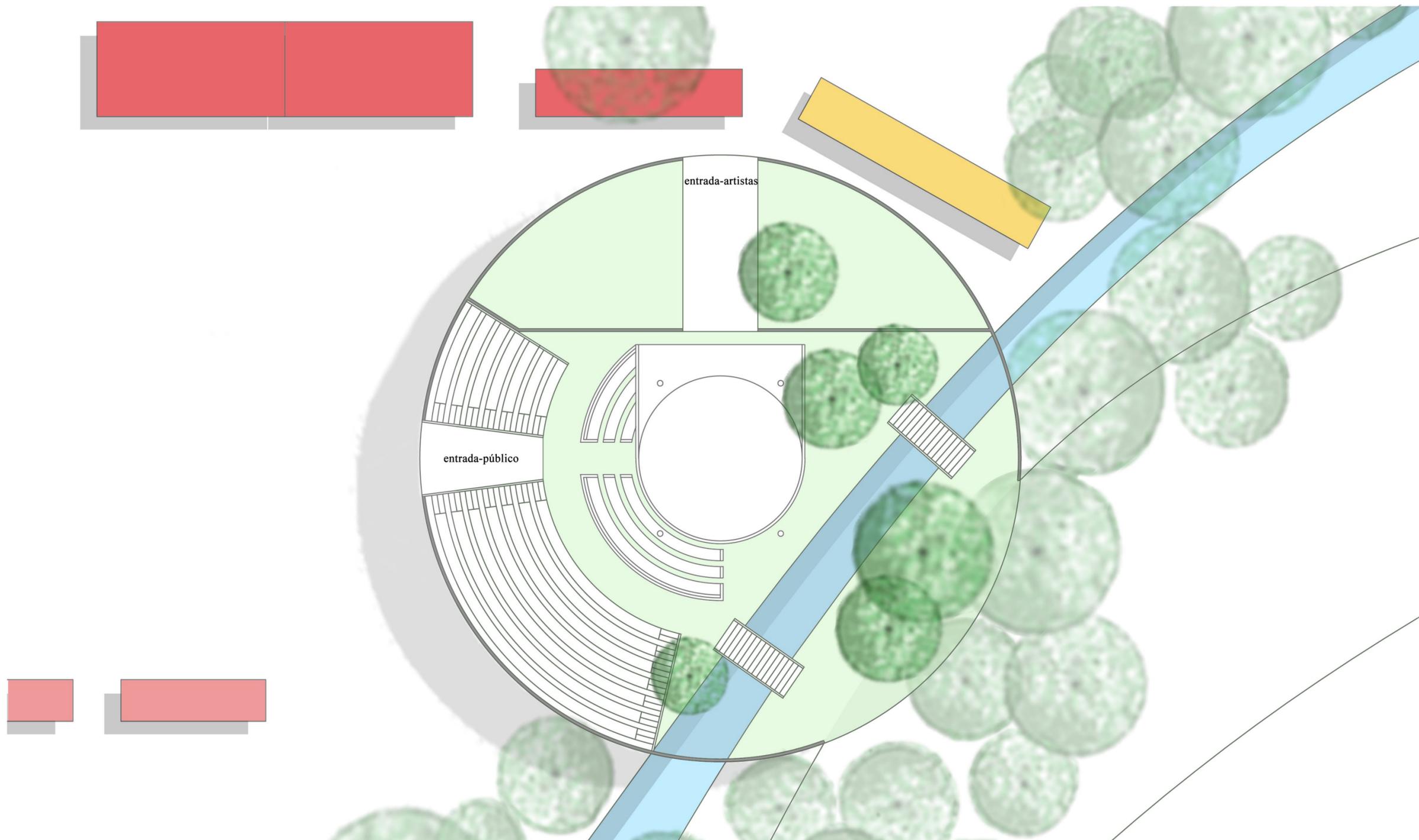
O projecto, concebido de forma um pouco utópica, pretende, acima de tudo provar uma ideia e, por isso, ter sido criado sob a forma de manifesto projectual, não tendo bases absolutamente reais, no que diz respeito à sua construção propriamente dita. Todas as opções foram levadas a um extremo para comprovar a teoria do “uso favorável do lugar”.



Fig.182



Fig.183



- entrada/bilheteira
- jaulas/estábulos
- rulotes/autocaravanas
- transporte/camiões

Foi empregue um novo elemento que poderá também funcionar como âncora para as relações entre o público e os circenses. Trata-se de uma plataforma quadrada que assenta no solo e serve de picadeiro para treinos diurnos ao ar livre, que devido ao seu posicionamento poderá atrair pessoas que pretendam assistir aos ensaios circenses. Uma estratégia de ligação entre o público e os artistas é a utilização comum desta plataforma, onde as crianças e os adultos poderiam ter experiências de aproximação às práticas circenses que proporcionaria um maior interesse pela actividade e até talvez, a descoberta de talentos. Mais uma vez é utilizada uma ideia que poderá ser uma forma eficaz de atrair o público.

A principal diferença em relação aos outros acampamentos estudados é a colocação do *chapiteau*. É colocado sobre um afunilamento do rio, passando este pelo seu interior. Foram introduzidas duas pequenas pontes para o seu atravessamento, desde a zona de entrada para o talude. Observando a planta, entende-se a necessidade da colocação da tenda neste preciso ponto. Deste modo, alguns dos elementos da paisagem podem interferir directamente com o espectáculo; na forma como o público pode utilizar o talude como assento; na forma como as árvores podem servir de amarras à corda de um equilibrista que passa por cima das cabeças; na forma como o rio pode interferir num número circense, com animais aquáticos; etc.

Fig.187
Planta. Escala 1:200

A linha da frente do acampamento, paralela à estrada principal foi estabelecida como elemento a ser mantido, pela sua importância expositiva. Os camiões com função publicitária constituem o “alçado” principal, e protegem, com auxílio do rio e arvoredo, a zona mais privada do acampamento. Ainda na composição geral, foram introduzidas algumas modificações, que se distinguem essencialmente pela abertura dos “muros” do acampamento para uma zona pública. Neste caso, o circo abre-se para a zona do parque público, onde certamente se encontrarão pessoas no seu dia-a-dia, que poderão entrar em contacto com o circo de uma maneira mais íntima.

O afastamento que existia anteriormente entre os elementos do circo e o público, deixa de existir pela simples abertura do acampamento e maior exposição e permissão de ingresso no seu “mundo”.

Existem, contudo, elementos da composição e organização, que têm de ser mantidos para o nível de qualidade que se pretende: limpo, atractivo e majestoso.

Como variação, note-se, por exemplo, que as jaulas e estábulos dos animais não estão juntos a uma estrada de grande movimento, mas sim voltados para o Parque, na zona onde o acampamento se abre, criando a “achada” lateral do acampamento, que neste caso, talvez seja a principal, pois é esta que atrai os transeuntes e os convida a entrar na magia do circo.



Fig.185



Fig.186

Nota final

“Os arquitectos não vão suficientemente ao teatro nem à dança [nem ao circo]. Não conhecem profundamente o quanto o espaço se pode autoficcionar, e quanto vertiginoso e inquietante pode ser o espaço ocupado por pessoas durante x tempo, perante pessoas. Portanto, não partem desta premissa para questionar a sua ideia de cidade...”

Ricardo Pais ²¹

²¹ PAIS, Ricardo, *Fragmentos de uma prática de síntese de dramaturgia do espaço*, Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 1998, anexo I, p. 177

Um dos principais pontos de interesse do trabalho é a relação entre a área disciplinar onde este se insere – a arquitectura – e o tema de estudo adoptado – a implantação do circo. Existe uma ligação evidente entre arquitectura e circo, como foi verificado na dissertação (pela apropriação dos lugares de implantação, pela organização espacial criada pelo circo, pelos mecanismos estruturais em constante montagem e desmontagem, pela sua inserção na paisagem ou no espaço público, etc.), mas esta arquitectura é diferente daquela instituída pelos arquitectos.

O circo adapta-se às condições do terreno onde se implanta da forma mais prática possível, sem conhecimentos teóricos sobre o assunto, tendo ainda em consideração certas preocupações relacionadas com a sua propaganda. Aquilo que interessa realmente considerar no que respeita ao circo são factores essencialmente de funcionalidade, comodidade e exposição ao público (como foi verificado no *Manual de instruções*). Todos esses factores são considerados de um modo já muito instintivo, pois são algo absolutamente intrínseco na comunidade circense. Isso deve-se ao facto de os circos serem formados por gerações sucessivas da mesma família, que vivem apenas daquela ocupação, desde as crianças aos mais adultos. Aprendem tais ensinamentos desde muito cedo e de modo completamente empírico.

Este tema específico inscreve-se no tema alargado da *arquitectura sem arquitectos*, utilizando a expressão de Bernard Rudofsky²². Trata-se de construções sem autor-arquitecto, cuja configuração é ditada pelas necessidades do quotidiano, a partir de um conhecimento empírico, que se vai aperfeiçoando pela prática e pela insistência.

Um dos pontos de interesse do trabalho é precisamente esse: o estudo da *arquitectura sem arquitectos* realizado por um estudante de arquitectura.

A arquitectura dos circos é uma “arquitectura sem arquitectos”, mas o estudo sobre ela que aqui se apresentou foi realizado, de certo modo, com bases na arquitectura com arquitectos.

Isto é, opostamente aos métodos e conhecimentos utilizados pelos circos para a sua instalação nos vários locais, os processos de estudo apoiaram-se num conhecimento mais gráfico, representativo da arquitectura dos arquitectos.

Contudo, e como não podia deixar de ser, a análise incluiu uma componente de observação *in situ*, muito detalhada. Assim foi, porque, em primeiro lugar, foi encontrada uma bibliografia muito escassa sobre o tema do circo em Portugal; em segundo lugar, foi compreendido que, para estudar uma arquitectura itinerante que se modifica constantemente, alterando formas de apropriação (ao nível compositivo, estrutural, funcional e urbano), é absolutamente necessário observar experiencialmente cada passo de **cada circo em cada lugar**.

²² Ibidem

O trabalho contrapõe constantemente o conhecimento mais teórico, gráfico e imaginativo, que caracteriza o trabalho do arquitecto, com o conhecimento mais empírico e funcional dos circos, abordando os dois de forma reflexiva e tentando que ambos se relacionem e criem algo novo (nos métodos e resultados).

Verifica-se o conhecimento que diz respeito ao trabalho do arquitecto, por um lado, pelo tipo de representação adoptada, essencialmente pelo uso de plantas e cortes, mas também de desenhos à vista, esquemas, fotografias e vídeos; por outro lado, pela vertente criativa que especula sobre novos modos de implantação dos circos e que apresenta propostas arquitectónicas. O conhecimento que diz respeito ao circo verifica-se principalmente nos modos empíricos de aprendizagem aos quais tive acesso, que foram obtidos através da observação, vivência e registo no próprio local de implantação, próximo das pessoas que habitam aquele espaço e o fazem funcionar.

O conhecimento empírico foi apreendido sobretudo durante o procedimento de análise, tendo uma componente experimental no lugar, enquanto o conhecimento arquitectónico foi aplicado, não só no método de trabalho, com base no registo e reflexão, mas também nos resultados, que sugerem ideias de requalificação circense com base na arquitectura. Estas propostas põem evidentemente em consideração, os factores de apropriação do circo.

Foi o cruzamento entre os dois conhecimentos que permitiu a averiguação de factos relacionados com o tema e que possibilitou a conclusão do trabalho, apresentada como contributo para o desenvolvimento do circo.

Em suma, o trabalho pretendia reunir uma série de casos reais de estudo para conseguir dados que não estavam disponíveis anteriormente, e com isso compreender melhor a situação nómada dos circos em Portugal, no que diz respeito aos seus modos de implantação. Com essa informação, em conjunto com o conhecimento arquitectónico, puderam ser sugeridas algumas propostas para requalificação dos circos, resolvendo problemas e potenciando atributos.

Posto isto, para além da vontade em tornar reais tais propostas de desenvolvimento da prática circense, tem-se, acima de tudo, vontade que este conhecimento, concebido como análise e proposta, possa servir para futuras pesquisas e projectos, também eles com intuítos de desenvolvimento circense em Portugal.

Assim, para incentivo aos próximos eventuais leitores:

Viva o Circo!

Bibliografia

Bibliografia referenciada

AFONSO, Joana, *Os circos não existem*, Lisboa: Instituto de ciências sociais da Universidade de Lisboa, 2002, pp. 42-46

ANDRADE, José Carlos do Santos, *O espaço cénico circense* - Dissertação de mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, pp. 87-93

BOLOGNESI, Mário Fernando, *O circo civilizado*, in International Congress of the Brazilian Studies Association, 6, Atlanta (EUA), São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2002, p. 4

BOLTON, Reg, *New Circus: A world survey*, Londres, 1987, p. 6

CALVINO, Italo, *Cidades Invisíveis*, Alfragide: Teorema, 2011, pág. 73

CARMELI, Yoram, *Family and economics in an English circus* - tese de doutoramento, Londres: London University, 1985, p. 278

ECO, Umberto, *Como se faz uma tese*, Lisboa: Editorial Presença, 8ª edição, 2001, p. 17

FELLINI, Federico, *A director's notebook*, [registo vídeo], 1969, 53 min

NORONHA, Eduardo, *Diário de Notícias*, Lisboa, 21 de Outubro de 1910

OLDENBURG, Claes, “O lugar como elemento da performance” in GOLDBERG, Roselee (Org.), *A arte da performance: do futurismo ao presente*, Lisboa: Orfeu Negro, 1ª edição, 2007, p.169

PAIS, Ricardo, *Fragmentos de uma prática de síntese de dramaturgia do espaço*, Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 1998, anexo I, p. 177

REIS, Luciano, *História do circo*, Santarém: Teatrinho de Santarém, 1ª edição, 2001, p. 64

RUDOLFSKY, Bernard, *Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-pedigreed Architecture*, New York: UNM Press, 1964

Bibliografia consultada

- BARBATAS, *Habiter zingaro: le fort d'Aubervilliers*, Actes sud, 2010
- BEATRIZ, Colomina, *Reflexiones sobre la casa Eames*, Navarra: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra
- BELVÈS, Pierre, *Le cirque en images lumineuses*, Paris: Flammarion, 1953
- BOLOGNESI, Mário Fernando, *Philip Astley e o circo moderno: romantismo, guerras e nacionalismo - Volume 01 - Fascículo 01*, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2009
- CARÉ, Jean Marc, e BARREIRO Carmen Mata, *Le cirque*, Hachette DL, 1986
- CARMELI, Yoram, "Travelling circus: an interpretation", in *Archives européennes de sociologie*, 29, 2, 1988
- CASTILHO, Julio de, *Lisboa antiga, volume 2, part 2...*, Lisboa: Livraria de A.M. Pereira, 1885
- DEBORD, Guy, *Society of the spectacle*, Cambridge: Zone Books, first publication, 1994
- DUARTE, Rui Barreiros, *A arquitectura do efémero - Dissertação de doutoramento*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa (UTL), 1992
- DUPAVILLON, Christian, *Architectures du cirque: Des origines a nous jours*, Paris: Moniteur, First edition, 1982
- DUPAVILLON, Christian, *La tente et le chapiteau*, Editions norma, 2004
- GRALHEIRO, Jaime, *O grande circo ibérico*, Lisboa: Dom Quixote, 1998
- HARTSHORNE, Richard, *The nature of geography*, Wisconsin-Madison: Association of American geographers, 1939
- JENCKS, Charles, *Movimentos modernos em arquitectura*, Lisboa: Edições 70, 1ª edição, 1985
- KOLAREVIC, Branko, *Performative Architecture: Beyond Instrumentality*, Chicago: Routledge, 2005
- LYNCH, Kevin, *The image of the city*, Cambridge: MIT Press, 1960
- MATTA-CLARK, Gordon, *Gordon Matta-Clark: Deshacer el Espacio*, Museo Nacional de Bellas Artes, 2009
- MOREIRA, Luísa, *Contributos para uma política cultural para o circo em Portugal*, Porto: Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), 2001/2002

PASCAL, Jacob, *Du permanente à l'éphémère - espaces de cirque*, Centre international pour la ville, l'architecture et le paysage, 2003

RENDELL, Jane, *Art and architecture: a place between*, London: I.B.Tauris, 2006

SALTER, Christopher, *Arq`a*, entrevista por Luís Santiago Baptista e Margarida Ventosa, 2010

SERGE, Maurice Feudierre, *Histoire du cirque*, Paris: Grund, 1947

VENTURI, Robert, BROWN, Denise Scott, e IZENOUR, Steven, *Learning from Las Vegas*, Mit Press, 1972

VEYNE, Paul, *Le pain et le cirque*, Michigan: The Penguin Press, 1990

Filmes

FELLINI, Federico , *I clowns*, 1970

FELLINI, Federico, *La strada*, 1954

RIBEIRO, Rui, *Circo*, 2004

SFYRIS, Dimitris, *Cyclown circus*, 2009

Sítios na internet

ANNA MARIA CATTANEO: <http://www.annamariacattaneo.net/>

ARCHICIRC: <http://archicirc.e-monsite.com/>

BING MAPS: <http://www.bing.com/maps/>

CIRCOS DE PORTUGAL: <http://circosportugal.wix.com/portugal>

CYCLOWN CIRCUS: <http://www.cyclown.org/>

GOOGLE MAPS: <https://maps.google.pt/>

HORS LES MURS: <http://www.horslesmurs.fr/>

PORTUGAL CIRCUS FANS: <http://www.portugalcircusfans.com/>

RUAS DE LISBOA COM ALGUMA HISTÓRIA: <http://apsruasdelisboacomhistrhia.blogspot.pt/>

TENT FOX: <http://www.tentfox.com/>

Anexos

